



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CAROLINA MONTAGNINI DO NASCIMENTO

**O BLOG E A PRÁTICA DA ESCRITA DE AUTORIA
FEMININA:
AS NARRATIVAS DE MOTIVAÇÃO AMOROSA**

Londrina
2016

CAROLINA MONTAGNINI DO NASCIMENTO

**O BLOG E A PRÁTICA DA ESCRITA DE AUTORIA
FEMININA:
AS NARRATIVAS DE MOTIVAÇÃO AMOROSA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Almir Aquino Corrêa

Londrina
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N244b Nascimento, Carolina Montagnini .

O blog e a prática da escrita de autoria feminina: as narrativas de motivação amorosa / Carolina Montagnini Nascimento. - Londrina, 2015.
123 f.

Orientador: Alamir Aquino Corrêa.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2015.
Inclui bibliografia.

1. Escrita de autoria feminina. - Teses. 2. Escrita em Blog. - Teses. 3. Escrita do amor. - Teses. 4. Ciberespaço. - Teses. I. Aquino Corrêa, Alamir . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU 82:316.774

CAROLINA MONTAGNINI DO NASCIMENTO

**O BLOG E A PRÁTICA DA ESCRITA DE AUTORIA FEMININA:
AS NARRATIVAS DE MOTIVAÇÃO AMOROSA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Alamir Aquino Corrêa
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Cleide Antonia Rapucci
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita
Filho" - UNESP

Prof. Dr. Suey Leite
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 14 de dezembro de 2015.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Almir Aquino Corrêa.

À Capes pelo apoio recebido para o desenvolvimento deste trabalho.

Às escritoras dos blogs pesquisados, por escreverem, por publicarem seus textos e pelo interesse que demonstraram pelo meu trabalho.

As meus amigos Gustavo, Ieda e Laura, pelo compartilhamento do desespero, de informações e pelas muitas risadas. Quanta saudade!

À Daisy pela amizade eterna.

À mariana por sempre me ouvir e me motivar.

Aos meus pais pela eterna dedicação e preocupação comigo.

Ao meu irmão, Rodolfo, por me ajudar com a entrega de documentação, com a impressão e entrega da minha dissertação nas datas necessárias, tendo em vista que estou distante da universidade.

À Giovanna pela pessoinha linda que é. Por gostar tanto de mim e de tudo o que faço e como faço. Por, assim, me motivar a confiar em tudo o que faço. Tudo o que você admira em mim, tenho certeza de que vai ser e ter em nível bem superior ao meu.

Ao Diego, meu companheiro, por acompanhar todo meu processo de estudo e escrita desta dissertação, estando sempre do meu lado. Por me ajudar em momentos de crise, quando eu achava que não conseguiria escrever sobre tema tão inusitado. Por me apoiar em todo o momento. Por respeitar o tempo que precisei para fazer as leituras e a escrita. Por me levar para tomar café da tarde, passear pela praia, conhecer um lugarzinho novo e bonito quando eu já não conseguia nem mais pensar.

NASCIMENTO, Carolina Montagnini. **O blog e a prática da escrita de autoria feminina: as narrativas de motivação amorosa.** 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015).

RESUMO

Uma personagem do romance *As meninas* da escritora Lygia Fagundes Telles, diz que no passado as mulheres foram narradas pelos homens, mas que, agora, elas vão narrar a si próprias. Entretanto, apesar do surgimento de mulheres escritoras, agora já no plural e não mais no singular, ainda não se pode dizer que há igualdade de vozes no campo literário, a voz masculina ainda se sobressai à feminina. A pesquisa da professora Regina Dalcastagnè publicada em seu livro *Literatura brasileira contemporânea – um território contestado*, de 2012, revela que as editoras ainda privilegiam os nomes masculinos. Regina Helena Machado Aquino Corrêa afirma que a história de luta das mulheres pela igualdade é marcada, entre outros fatores, pela capacidade de aproveitar as oportunidades. Como um bom exemplo dessas oportunidades intensamente aproveitadas, o blog surge como uma ferramenta facilitadora da publicação da escrita de autoria feminina. A valorização do ciberespaço como uma oportunidade para escrita e publicação pelas mulheres fica evidenciado pela grande participação feminina neste universo virtual. Estando essas mulheres escrevendo e publicando, este trabalho se propõe a averiguar qual é esta produção, a que tema ela se volta e como retrata tal tema. Das publicações dos blogs selecionados para análise neste trabalho, foi constatada a grande presença da temática amorosa. De tal forma, achou-se interessante a escolha da temática amorosa para a análise dos blogs, tanto pela presença marcante do tema nas publicações quanto por ser o amor um dos maiores temas literário, e sendo assim, é e foi por meio dele, principalmente, que a mulher foi narrada e, assim, representada pelo homem. Os blogs selecionados e analisados foram onze. O critério para seleção de tais blogs foi o de serem estes individuais e de possuírem publicações não unicamente marcadas por gêneros que comumente fogem ao literário como notícias, receitas culinárias, bulas de remédio etc. Assim, tiveram importância os textos que demonstraram impressões sobre acontecimentos cotidianos; textos reflexivos sobre temas universais, como o amor, por exemplo; narrativas em primeira ou terceira pessoa; textos em formato de poema; escrita de memória; monólogos interiores etc.

Palavras-chave: Escrita de autoria feminina. Ciberespaço. Blog. Amor.

NASCIMENTO, Carolina Montagnini. **The blog and the practice of writing of feminine authorship: the narratives of the loving motivation.** 123 f. Dissertation (Master's Degree in Languages – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015).

ABSTRACT

A character from a novel called *As meninas* by the writer Lygia Fagundes Telles, says that, in the past, women were narrated by men, but nowadays, they are going to tell themselves. However, despite the appearing of women writers, now in the plural, no more in the singular, we can't say they are on equal terms in the field of literature. Men's voice still have more prominence than women. Professor Regina Dalcastagnè 's research published in her book *Literatura Brasileira Contemporânea - um território contestado*, 2012, reveals that publishers still give privilege to male names. Regina Helena Machado Aquino Corrêa states that, the history of the fight of women for equality has its mark on, among other facts, by the ability of take oportunities. Blogs are a good example of these oportunities. They use to facilitate the production of women writers. There is a great female participation on blogs, therefore, a great appreciation of this virtual universe by women writers. This assignmet propose to investigate how the women's production are, what is the main subject and their favorite theme. Love is the principal theme from the selected blogs for the analysis of this assignment. Love has been one of the most subjects told in literature, and by this theme, women have been narrated by men. For these reasons, love was the choice for the analyses of the blogs. Eleven blogs have been analyzed. The criterion for the blogs selection were: individual blogs, and blogs containing scripts about several themes, not those with just recipes, news, directions, etc. So, the most important texts were about daily events, reflexive texts about universal themes, like love for example; narratives in the first or third person; poems; memory write, interior monologue; etc.

Key-word: Script by female author. Cyberspace. Blog. Love.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 O AMOR E SUAS FORMAS DE ESCRITA	11
1.1 O AMOR.....	11
1.2 A NOVA MULHER	18
1.3 O AMOR NARRADO POR ELES.....	22
1.4 O AMOR NARRADO POR ELAS	36
2 A MULHER, O BLOG E A ESCRITA LITERÁRIA	56
2.1 APRESENTAÇÃO DAS ESCRITORAS	75
3 SOBRE O AMOR, SOBRE AMAR	78
4 E LEGIAS AMOROSAS: O MOTIVO DO LUTO E O LUTO COMO MOTIVO	101
CONCLUSÃO	116
REFERÊNCIAS	120

INTRODUÇÃO

No texto “No princípio era o caderno” de Lygia Fagundes Telles a narradora discorre sobre a mulher e a escrita. Voltando aos tempos de sua avó, provavelmente nos anos finais do século XIX ou começo do século XX – observe-se que não é época muito distante-, a voz narrativa coloca a escrita nos diários das mocinhas e nos cadernos de receitas das mulheres casadas como precursora do gênero feminino nesse “ofício de homem”, a carreira das letras. Também neste texto, já são elencadas as características mais associadas à escrita de autoria feminina: “pensamentos e estados d'alma” e “algumas lembranças ou alguma confissão”, ou seja, a escrita de si, pois, durante séculos, criadas e destinadas ao privado do lar e do próprio corpo.

Ao tratar de mulher, escrita e blog, – ferramenta de publicação livre na internet, – Regina Helena Machado Aquino Corrêa afirma que a história de luta das mulheres pela igualdade é marcada, entre outros fatores, pela capacidade de aproveitar as oportunidades para se manifestar e conseguir algum espaço no mundo público. Continuando, Regina Corêa traz o blog como uma dessas oportunidades que as mulheres não deixaram passar despercebidas. Não é difícil ver a oportunidade que é o blog já que ele permite a publicação da escrita sem que seja necessária a permissão de alguém a quem é concedido o direito de dizer o que é ou não válido para publicação, assim como acontece nas grandes e também nas pequenas editoras.

Assim, não é de se estranhar a grande participação feminina no ciberespaço, pondo em evidência a valorização que as mulheres têm dado a este espaço de publicação de seus escritos e conseqüentemente de seus próprios escritos. De tal forma, com exceções que a crítica feminista nos apresenta mais tarde na década de 1970, se em tempos como os da avó da narradora da crônica de Telles os escritos das mulheres eram destinados ao sigilo de seus diários e cadernos de receitas, Corrêa afirma que esses textos “estão hoje, em grande número, em páginas da internet” (CORRÊA, 2001, p.167).

Sobre a comparação normalmente feita entre a escrita nos diários íntimos a que se refere a narradora do texto de Telles e a escrita nos blogs pelas mulheres, há que se fazer uma ponderação. Se, com os hábitos de escrita em diários em cadernos de papéis, a mulher escrevia num diálogo consigo mesma, hoje, ao publicar seus textos em espaços virtuais, ela sabe que se comunica com um Outro, que não é mais o “meu querido diário”, uma entidade imaginária com a qual se imaginava conversando. O Outro, que a blogueira sabe que pode vir a ler seus textos, tem, do outro lado da tela de seu computador, existências

física, racional e emocional reais. O narratário do texto do blog, assim como de qualquer texto que é publicado, é um indivíduo tal qual seu autor. Então, a partir do momento que escreve com a intenção de publicar em espaços acessíveis a qualquer um que possa se conectar à internet, a mulher sabe que já não é mais sua única receptora. Desta forma, esses espaços, assim, não podem ser relacionados tão diretamente àqueles diários íntimos, já que o sigilo, uma das principais características desses diários das mulheres desse recente passado, é quebrado no ato da publicação e, ainda antes, pela intenção da publicação.

A professora Regina Dalcastagnè, num período de quinze anos, orientou uma pesquisa sobre o material publicado pelas editoras no período de 1990 a 2004 em romance na literatura brasileira. Nessa pesquisa, publicada em seu livro *Literatura brasileira contemporânea- um território contestado* no ano de 2012, Dalcastagnè nos mostra dados que comprovam que a maioria das publicações em grandes editoras, ou seja, a literatura brasileira, ainda é predominantemente masculina.

Com a possibilidade de publicizar a escrita para o mundo sem as barreiras editoriais, a ferramenta do blog apresenta-se como um possível meio de reafirmação da mulher em um ofício até pouco tempo marcadamente masculino, por mais que preconceitos ainda existam tanto em relação à escrita feminina quanto em relação à escrita no ciberespaço.

Estando essas mulheres escrevendo e publicando, este trabalho se propõe a averiguar qual é esta produção, a que tema ela se volta e como retrata tal tema. Em seu livro *Segredos públicos – Os blogs de mulheres no Brasil* de 2007, Luiza Lobo desenvolveu uma pesquisa em busca de conhecer melhor este ambiente virtual e nele as publicações femininas. A pesquisadora, sem a intenção de localizar especificamente a escrita literária, fez um mapeamento da participação feminina nesses espaços virtuais e chegou à conclusão de que predomina a escrita de intimidade confessional numa atitude de rebeldia dessas mulheres ao narrarem suas experiências, utilizando palavras que há tempos seriam inapropriadas a esse gênero e até mesmo ao outro, o masculino, buscando neste “mau comportamento, [...] sua liberdade na casa e na rua – pelo menos no mundo virtual” (LOBO, 2007, pág. 79). É necessário dar importância a esta escrita de mau comportamento mesmo que esse mau comportamento, ou comportamento revolucionário se restrinja à escrita, já que esta revela o desejo de ser o que se escreve como diz Lobo sobre o ato de narrar a vida, “Narrar a vida não é apenas uma constante tradução de múltiplos sentidos, mas também de desconstrução e reconstrução de identidades” (LOBO, 2007, pág. 109).

Essas atitudes em relação à escrita, se revisarmos a diminuta participação das mulheres no meio literário brasileiro, não são atitudes inéditas, haja vista Gilka Machado

nos anos de 1920 com suas poesias eróticas abordando temas até então proibidos e, ainda antes, no final do século XIX, as mulheres ousando com a valorização do amor físico em detrimento do sentimental. Vale dizer, entretanto, que manifestações deste teor revolucionário eram a exceção e não a regra como nota Nádia Battella Gotlib em seu texto sobre “A literatura feita por mulheres no Brasil”. Considerando a importância deste texto de Gotlib no que diz respeito a seu panorama sobre a literatura produzida por mulheres no Brasil, ressalto a listagem feita das escritoras que conseguiram escapar ao silenciamento: Maria Firmino dos Reis, 1859, Júlia Lopes de Almeida, 1897, Gilka Machado, 1920, Raquel de Queiroz, 1930, entre outras. Sobre os temas que em suas obras sobressaíam pôde-se notar que, nas obras dessas escritoras, apesar de retratarem problemas sociais, familiares entre outras situações, as relações amorosas ou o amor aparecem geralmente como mote, sendo até mesmo em algumas obras um tema central de enfrentamento do patriarcado como em *Caminho de pedras* de Raquel de Queiroz, em que a escolha do parceiro amoroso pela personagem mulher acontece mesmo com a reprovação social.

Unindo as informações das duas pesquisadoras relacionadas à produção da escrita feminina, Luiza Lobo e Nádia B. Gotlib - respectivamente as confissões da experiência íntima e a valorização do amor para o fazer literário -, na intenção de um norte para a análise deste trabalho, veio uma inquietação: nesta escrita da experiência íntima, o amor ainda é tema relevante para o sexo feminino?

Partindo, então, com essa motivação para a busca de blogs escritos por mulheres, não foi difícil constatar que o amor é tema predominante em boa parte dos espaços de escritas virtuais em que mulheres publicam seus textos. Considerando as mudanças em relação à maneira de encarar as relações amorosas tanto para homens quanto para as mulheres a partir da revolução sexual dos anos de 1960, esta pesquisa busca refletir sobre a prática da escrita de autoria feminina pelo viés da temática amorosa.

Para tanto, far-se-á um apanhado de escritoras blogueiras partindo da condição de que as autoras escolhidas escrevam textos confessionais, reflexivos ou ficcionais. Definido o *corpus*, a intenção é, inicialmente, teorizar sobre as práticas amorosas tanto sociais quanto literárias no decorrer da nossa história. Em seguida, serão apresentados alguns exemplos dessa relação amor x mulher em obras de escritoras brasileiras para melhor compreender as evoluções ou revoluções desse conceito-sentimento que é o amor. Após essa ênfase na temática amorosa, no capítulo dois, traremos algumas reflexões sobre a escrita de autoria feminina atrelada às novas ferramentas de publicação da internet. Na análise dos blogs, buscará verificar como os textos neles presentes estão representando o sentimento

amoroso da mulher contemporânea. O capítulo três, o primeiro de dois capítulos de análise de textos das escritoras blogueiras selecionadas, irá abordar como essas mulheres estão representando o sentimento amoroso e as relações amorosas. O capítulo quatro, último de análise de textos, surge como consequência das conclusões do capítulo anterior. As dificuldades de fazer um relacionamento duradouro, denunciadas pelas escritoras, tornam constante a escrita do término de um amor, fato que nos levou a analisar os textos sobre fim de relacionamento e luto amoroso. Por fim, as considerações finais pretendem refletir sobre até que ponto houve realmente uma transformação no modo de a mulher conceber o amor e as relações amorosas, assim como reforçar a importância de tratar da literatura que está sendo produzida por essas mulheres e publicada nesses novos meios de publicação.

CAPÍTULO I

O AMOR E SUAS FORMAS DE ESCRITA

1.1 O AMOR

Amor/*eros*, por Platão, amor/*philia*, por Aristóteles, amor *agapé-caritas*, pelo cristianismo (BORGES, 2004); amor-paixão, amor-gosto, amor físico, amor de vaidade (STENDHAL, 2007); amor carnal, amor-cortês, amor-ação (ROUGEMONT, 1988); amour-passion, amor romântico, amor confluyente (GIDDENS, 1993). O sentimento amoroso, sem algo que o adjective assim como esses acima apresentados, é de definição muito ampla, e o espaço destinado a esse fim no dicionário HOUAISS comprova a afirmação; são mais de 14 itens. O sentimento de amor, em sua definição mais abrangente, é aquele que envolve forte afeição por alguém, ou até mesmo por algo. Ama-se pai, mãe, filhos, amigos, família, ama-se a si mesmo, a algum deus, música, dinheiro, profissão etc. É, entretanto, inegável que à maioria das pessoas essa palavra remeta em primeiro lugar ao encantamento deslumbrativo que recai num desejo de posse de um ser em relação a outro. Podendo ser recíproco ou não, esse amor é relacionado ao carnal e ao espiritual, estes atuando conjuntamente, ambos em menor ou maior medida. Ainda este amor, aqui definido numa tentativa possivelmente falha, é motivo de muitas reflexões e discussões que buscam explicá-lo ou mesmo segmentá-lo. Daremos maior atenção, desta forma, ao ideário do amor romântico que prevalece até nossos dias. Um amor que não seja puramente sexo, um amor que tenha como certeza inicial o durar para sempre; que arranque o apaixonado de um mundo utilitarista; mas o principal de um amor romântico, que, assim, seja um sentimento nobre e perfeito. Da mesma forma que se criou ou resgatou do século XII um romantismo contra o realismo excessivo do século XVIII, hoje, vê-se em páginas da internet, nos muros da cidade etc., falas que vangloriam o amor como ato revolucionário contra o ódio e a brutalidade dos indivíduos atuais. Mas esse amor é também dependência do Outro, do amado, para ser feliz, um Outro, entretanto, idealizado, inexistente. Assim, o amor romântico está muito mais associado a sentimentalismos eufóricos tanto para a alegria quanto para a tristeza que para a tranquilidade da alma; como disse Michel Houellebecq: “Uma vez que você desenvolveu uma concepção do amor suficientemente ideal, suficientemente nobre e perfeita, você danou-se. Nada será capaz, agora, de lhe bastar” (LANCELIN, Apud, LEMONNIER, 2008, p. 55).

Maria de Lourdes Borges, em seu livro *Amor*, nos tópicos sobre o período romântico da literatura, traz uma reflexão sobre a estreita relação entre o amor e a perturbação da alma a partir de uma breve análise do personagem Werther da obra *Os sofrimentos do jovem Werther* de Goethe. Sobre a impossibilidade da concretização de seu amor por Charlotte, pois esta era já uma mulher casada – impossibilidade, aliás, muito característica do amor romântico – Werther afirma que a mesma dor sentida por doença física é a dor de amor impossível. Ainda com essa comparação, assim como na doença física, a cura dessa doença que ataca a alma não pode ser considerada como algo ao alcance das forças de seu enfermo e suas consequências são poderosas ao mesmo modo, “A natureza, afirma Werther, tem seus limites para suportar a mágoa, a dor e o sofrimento; após esse limite, ela sucumbe” (BORGES, 2004, p. 17). Assim, Borges afirma que, no romantismo, “A morte, a loucura, o suicídio, todos esses são males que fazem parte da essência do amor nessa sua figura mais radical” (BORGES, 2004, p. 18), e estes excessos são levados tão em conta ao amor romântico a ponto de o sentimento amoroso não ser dado como sincero caso o apaixonado não desenvolva esses excessos sentimentais. Em sua conclusão, Borges acentua então, que:

O amor romântico é o amor da desmedida. Werther caçoa dos bem-comportados, dos lúcidos, dos razoáveis, proclamando aquilo que poderia servir como seu lema: “Mais de uma vez me embebedei, minhas paixões nunca estiveram longe da demência, e não me arrependi de nenhuma das coisas que fiz.” (BORGES, 2004, p. 20)

Mary Del Priore em seu livro sobre a história do amor no Brasil diz que há um consenso entre os teóricos do amor em datar o século XII, com a lírica do amor cortês, como o do surgimento do amor tal como um sentimento que até hoje nos é igual. A historiadora define esse sentimento que nos é comum como um “esse milagre de encantamento, [...] seu sentimento é inexplicável e, portanto, inexprimível, salvo pela literatura ou pela poesia, cujo jogo retórico, metáforas e figuras de linguagem nos falam de um amor que se quer singular, excepcional, reconhecível entre mil outros amores” (DEL PRIORE, 2012, p. 12). Denis de Rougemont, também sobre o sentimento amoroso em seu livro *O amor no ocidente*, autentica a afirmação de Del Priore sobre nosso ideário amoroso ao dizer que o encaramos como uma promessa “de vida mais viva” (ROUGEMONT, 1988, p.15), ou seja, uma vida com mais cores, com mais encantamento, como se o amar fosse um motivo para a vida, para viver.

Regina Navarro Lins, em seu livro *A cama na varanda: arejando as ideias sobre amor e sexo*, também confirmando a estreita relação entre o amor cortês e amor em que acreditamos até hoje, apesar de algumas mudanças, diz que: “O amor cortês foi a primeira manifestação do amor como hoje o conhecemos, uma relação pessoal, [...] até então o que havia era o desejo sexual e a busca de sua satisfação, muito diferente da experiência de apaixonar-se” (LINS, 2007, p. 73-74).

Essa lírica cortês, nascida de ideais cátaros, ia contra os preceitos feudais da época que tinha o casamento como um vínculo econômico:

Segundo a tese oficialmente admitida, o amor cortês nasceu de uma reação contra a anarquia brutal dos costumes feudais. Como se sabe, no século XII, o casamento se havia tornado para os senhores um puro e simples meio de enriquecimento e de anexação de terras oferecidas em dote ou prometidas em herança. Quando o "negócio" fracassava, repudiava-se a mulher. (ROUGEMONT, 1988, p. 29)

A igreja, cúmplice do sistema feudal, por pretextos menores ao amor, anulava o casamento, situação que não era das mais agradáveis aos envolvidos, provavelmente ainda pior à mulher abandonada. Assim, esses considerados hereges pela Igreja, cátaros, cortesões, trovadores, adoradores da mulher, “A esses abusos, que suscitaram querelas infundáveis e guerras, o amor cortês opõe uma Fidelidade independente do casamento legal e fundada exclusivamente no amor” (ROUGEMONT, 1988, p. 29). Disto, pode-se que tudo o que hoje é uma união muito óbvia - casamento, amor e sexo- durante muito tempo foi considerado incompatível; como diz Regina Navarro Lins, em seu livro sobre amor e sexo: “quase todas as pessoas misturam romance com sexo e casamento como se fosse natural, sem ter ideia de que é uma inovação revolucionária” (LINS, 2007, p. 85).

Em nossa cultura brasileira, não só não foi diferente, como ainda mais intensa e duradoura essa falta de relação entre amor e matrimônio. No Brasil cristão, como narra Del Priore, desde a chegada dos portugueses, era proibido tudo o que dissesse respeito ao corpo e ao prazer carnal (DEL PRIORE, 2012, p. 13). A colonização brasileira consistiu em regulamentar e educar os colonizados pela catequese e pela educação espiritual, e um dos mecanismos de controle de que faziam uso era a confissão de pecados, e entre esses pecados, o amor, mais especificamente o amor apaixonado, aquele que envolvia o desejo carnal. No casamento, o sexo deveria ter por objetivo somente a perpetuação da família, regra que tornava a sensualidade entre marido e mulher era proibida. Era aceitável que o marido tivesse desejos por sua mulher, mas era aconselhado a não alimentar demais esse amor carnal por

suas esposas, pois o sentimento de amizade deveria ser o sentimento dominante entre o casal (DEL PRIORE, 2012). Como as elites por muito tempo foram iletradas, aqui no Brasil, as influências eram muito menos da literatura que das normas interiorizadas pela igreja e pela medicina, e por essas duas instâncias esse amor apaixonado, ou amor-paixão como quer Del Priore, era anunciado como prejudicial. Assim, era louvado o casamento, mas como freio ao desejo sexual, já que:

O instinto sexual não controlado pelas regras do casamento se transformava em luxúria e paixão nas páginas moralistas. Ou em doença grave, nas teorias médicas da época. Ao ordenar as práticas sexuais pelos campos do certo e do errado, do lícito e do ilícito, a Igreja procurava controlar justamente o desejo. E a luta pela domesticação do amor-paixão, vem na rabeira dessa onda. (DEL PRIORE, 2012, p. 23)

Com o tempo, contudo, o amor passou a ser considerado pela Igreja como um dos pilares para o sucesso do casamento, mas para isso, as relações extraconjugais, ou ilegítimas, mostraram como esse laço afetivo promovia “certa estabilidade tão desejada nos matrimônios oficiais” (DEL PRIORE, 2012, p. 57).

Como visto, a separação que até hoje alguns costumam fazer entre amor e desejo, era ainda mais óbvia no século XVII; o amor como aquele que sugere a completa dedicação ao outro pelo abandono de si opunha-se fortemente ao simples desejo instintivo que exigia posse, e era puro egoísmo ao buscar a satisfação de uma necessidade física. Ainda no século XVIII, o amor era dividido entre o amor casto do casamento e o amor-paixão que se relacionava a casos fora do casamento, mas no século XIX, o amor no matrimônio, a exemplo das uniões com afeto, finalmente difunde-se.

É importante deixar clara a ênfase que Del Priore dá à diferença entre o que era pregado e o que realmente se vivia, nos dois casos, na época. Se quando o amor erótico no casamento era proibido, muitos homens eram apaixonados por suas mulheres, mesmo no século XIX com a propagação da importância do amor no casamento, muitos vínculos matrimoniais ainda eram estabelecidos por interesses econômicos e sem consentimento das principais partes envolvidas, o esposo e a esposa. Mas já neste século, apesar de o casamento ainda ser predominantemente por interesse, ao menos por parte das pessoas letradas, o amor passa, pouco a pouco, a fazer parte de uma realidade. Aos poucos, o amor de dentro e o de fora do casamento passam a ter relação mais próxima, ou seja, amor-amizade e amor-paixão passam a se unir.

A introdução do romantismo literário no Brasil, século XIX, segundo a socióloga Maria Ângela D’Incao, levou a duas maneiras de encarar o amor nessa época: “um real, feito de namoros atrás das portas, e um literário, que apresenta o amor como estado de alma, tal como mostram Alencar e Macedo” (DEL PRIORE, 2012, p. 129), este segundo amor, muito próximo ao amor cortês. Nessa literatura romântica, constata Del Priore, a escolha do cônjuge é vista como necessária à felicidade do casamento, entretanto, era coisa que ficava restrita aos livros ou “para os novos códigos amorosos que lentamente se instalavam” (DEL PRIORE, 2012, p. 129).

Esses novos códigos amorosos a que se refere Del Priore, influenciados em grande parte pelo ideal do amor romântico, surgem, como ficou evidente no trecho de Regina Navarro Lins citado acima, significando uma revolução no modo de se relacionar. Nesta linha, Anthony Giddens, em seu livro *A transformação da intimidade*, traz também o amor romântico como o precursor daquele a que ele nomeia amor confluyente, fruto de um modo de se relacionar que chama de relacionamento puro. Diz Giddens, que esse relacionamento, que se baseia na igualdade sexual, apesar de entrar em choque com o amor romântico é dele derivado:

A ascensão do amor romântico proporciona um estudo de caso das origens do relacionamento puro. [...] Ser romântico passou a ser sinônimo de cortejar, e os “romances” foram a primeira forma de literatura a alcançar uma população de massa. A difusão dos ideais do amor romântico foi um fator que tendeu a libertar o vínculo conjugal de laços de parentesco mais amplos e proporcionou-lhe um significado especial. (GIDDENS, 1993, p. 10; 36)

Giddens, antes de nos apresentar o amor romântico, nos traz algumas definições do que afirma considerar amor-paixão; colocando a paixão como sentimento anterior ao amoroso. As afirmações contidas em seu livro nos impelem a comparar o amor paixão à loucura e à doença. A efemeridade também sendo uma das características desse amor-paixão, pois muito ligada ao desejo de posse sexual do outro. Segundo o sociólogo, o amor romântico trazia consigo elementos desse amor paixão, mas o rejeitava em outros aspectos. Assim:

Nas ligações de amor romântico, o elemento do amor sublime tende a predominar sobre aquele do ardor sexual. [...] frequentemente considera-se que o amor romântico implica atração instantânea – “amor à primeira vista”. Entretanto, na medida em que a atração imediata faz parte do amor romântico, ela tem de ser completamente separada das compulsões sexuais/

eróticas do amor apaixonado. O “primeiro olhar” é uma atitude comunicativa, uma apreensão intuitiva das qualidades do outro. É um processo de atração por alguém que pode tornar a vida de outro alguém, digamos assim, completa. (GIDDENS, 1993, p. 51)

Pode-se perceber a importância, devido às ênfases de Giddens neste aspecto, da associação clara desta forma de amor romântico e sublime ao comportamento feminino. Isso, porque as mulheres foram as mais afetadas e as que mais contribuíram para a propagação desta forma de amor que destinavam a elas alguma importância, ao menos como esposa e como dona do lar. Como o autor de *A transformação da intimidade* conclui, “O amor romântico era essencialmente um amor feminilizado” (GIDDENS, 1993, p. 54). Isto de se completar unicamente com o homem considerado ideal era sentimento vivido por mulheres como deixa claro Giddens, para os homens o amor ainda era separado entre amor casto, de dentro do lar, e amor-paixão, destinados a amantes e prostitutas.

Entretanto, apesar desse prenúncio de revolução, trazido pelo amor romântico, nas formas de homem e mulher relacionarem-se, e por mais que esse amor representasse um avanço quanto à emancipação feminina, ele ainda subentendia uma hierarquia em que à mulher fosse relegado o status inferior, o da mulher subordinada ao marido: “muito frequentemente, os sonhos de amor romântico das mulheres têm conduzido a uma sujeição doméstica” (1993, p. 73), constata Giddens.

Com o amor romântico a mulher ganha importância como dona de algo, como protagonista de algo, a casa. Em verdade, porém, era mais uma governanta que uma dona, ou ainda numa tentativa de explicar a situação da mulher em tempos românticos, podemos compará-la a uma dona de hotel, devendo servir e sorrir sempre ao seu hóspede, o marido. Ainda sobre o amor romântico e seu falso ou talvez apenas acanhado protagonismo feminino, a mulher, leitora assídua de romances românticos via-se enaltecida e importante já que por ela os homens de tudo enfrentavam, inclusive a morte. Apesar de falso ou pequeno, esse protagonismo, ou a sensação de protagonismo que as mulheres tinham nessas leituras, foi consideravelmente importante para autovalorização feminina.

Assim, com a gradativa emancipação feminina, mesmo esse amor romântico tendo aberto um caminho para essa emancipação, essa concepção amorosa passa a ser incompatível, a submissão não sendo mais aceita, as mulheres passam a pensar muito mais em relacionar-se com um parceiro que em casar-se com o homem idealizado que será o responsável por sua eterna felicidade.

No primeiro capítulo de seu livro, Giddens traz uma reflexão acerca dessa emancipação sexual feminina estreitamente ligada à revolução nas formas de relacionamentos em nossos dias. Para tal reflexão, então, toma como exemplo uma novela de Julian Barnes intitulada *Before She Met Me*, em que um homem, após 15 anos de casado, apaixona-se e se casa com outra mulher. Esta, diferente de sua esposa anterior, possui um comportamento sexual livre, pois possuía vários parceiros sexuais antes de conhecê-lo. Este fato, a personagem masculina, parece ser muito difícil de aceitar, “ele reconhece como é absurdo supor que Ann pudesse ter vida própria antes de tê-lo conhecido” (GIDDENS, 1993, p. 15). Disso, Giddens depreende que aos homens pode ser difícil aceitar essa igualdade sexual, já que esta é ainda muito recente, mas completa seu raciocínio dizendo que, haja vista essas mudanças femininas, faz-se necessário uma adaptação no modo de cada gênero se relacionar e se encarar: “em um mundo de igualdade sexual crescente – ainda que tal igualdade esteja longe de ser completa – ambos os sexos são levados a realizar mudanças fundamentais em seus pontos de vista e em seu comportamento, em relação um ao outro” (GIDDENS, 1993, p. 16).

A relação que Giddens sugere como emergente para a adaptação a estas mudanças de hierarquia entre gêneros é a que aqui já foi apresentada como relacionamento puro. Neste relacionamento, é previsto certa ou total igualdade entre os envolvidos na relação que não possui outra intenção que não seja a própria relação, e sua duração desta não depende mais de moralismos sociais, o que só a permite continuar “enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem” (GIDDENS, 1993, p. 60). Não à toa, verificamos, em pesquisas recentes apresentadas por Giddens, a naturalidade com que os jovens falam da finitude amorosa.

Desse relacionamento que se quer igualitário, em oposição ao amor romântico, surge o amor confluyente que “é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias do ‘para sempre’ e ‘único’ da ideia do romântico” (GIDDENS, 1993, p. 72), deste ainda se diferenciando pela pressuposição da intimidade e, esta, a negociação, que se traduz em uma relação democrática entre parceiros.

A intenção deste pensador era teorizar sobre o sexo, mas confessa não ter conseguido dissociar esta questão da amorosa e da de gêneros. Assim, partindo de sua afirmação de que as mulheres “foram pioneiras em mudanças de grande e ampla importância” (GIDDENS, 1993, p. 10) e ainda de que “a ideia do amor romântico foi desenvolvida, e também mais tarde de algum modo dissolvida, primeiramente pelas mulheres” (GIDDENS, 1993, p. 69), faz-se necessário abordar essas mudanças relacionadas aos papéis femininos,

que podemos situar, como feito por Carla Bassanezi Pinsky no livro *Nova história das mulheres no Brasil*, entre “A era dos modelos rígidos” e “A era dos modelos flexíveis”.

1.2 A NOVA MULHER

Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro, organizadoras do livro *Nova história das mulheres no Brasil*, na apresentação deste qualificam com a consonância de outras vozes, o século XX como o século das mulheres. Isso, pela velocidade com que os modelos femininos, que pregavam o que uma mulher deve ou não fazer/ser, se transformaram neste período. Para melhor evidenciar essas mudanças, Pinsky separa o século em dois momentos, um que se estende aos anos 60 e outro que parte destes e continua até os dias atuais; respectivamente nomeados como a era dos modelos rígidos e a dos modelos flexíveis, “grosso modo, podemos identificar dois momentos: um em que modelos de feminilidade se consolidam [...] e outro, de maior fluidez, [...] quando ideais do período anterior são questionados e passam a conviver com novas referências” (PINSKY, 2012, p. 470).

Para falar dos anos de modelos rígidos, Pinsky começa seu texto dando o exemplo de uma gravidez indesejada para mostrar como mudou o que se pensa sobre a mulher e sobre suas expectativas de vida. Se hoje, uma gravidez indesejada por ser a mulher solteira, apesar de ainda um incômodo, não significa, nem para a mulher nem para a sociedade, que as possibilidades e um futuro de sucesso, para esta mulher, findaram-se, como seria de se esperar nas décadas iniciais do século XX. Um dos motivos: o futuro brilhante de uma mulher não é mais, ou não é somente, um casamento com um bom partido. Mas “Na primeira metade do século XX, parecia não haver dúvidas de que as mulheres eram, “por natureza”, destinadas ao casamento e à maternidade” (PINSKY, 2012, p. 470). A mulher, então, pertencendo ao pai com seu papel de filha, só o deixava para pertencer ao marido, com seu papel de esposa. À palavra “pertencer” é preciso dar muita importância, neste caso, pois uma das obrigações de quem pertence a alguém é a da fidelidade; e não falamos, aqui, da fidelidade consensual. Se também outros motivos levaram a separar as mulheres entre santas e putas, há um racional que é o do pertencimento ao homem, seu senhor. Simone de Beauvoir, em seu livro *O segundo sexo* de 1949, explica-nos muito bem de onde pode ter vindo este dever de castidade à mulher que se destina a um bom casamento:

Motivos racionais desempenham certamente um papel no dever da virtude imposto à jovem; tal como a castidade da esposa, a inocência da noiva é necessária para que o pai não corra o risco de legar seus bens a um filho estranho. É, porém, de uma maneira mais imediata que a virgindade da mulher é exigida quando o homem encara a esposa como sua propriedade pessoal. Primeiramente, a ideia de posse é sempre impossível de se realizar positivamente; em verdade, nunca se tem nada nem ninguém; tenta-se por isso realizá-la de modo negativo; a maneira mais segura de afirmar a posse de um bem é impedir que os outros o usem. E, depois, nada se afigura mais desejável ao homem do que quem nunca pertenceu a nenhum ser humano. (BEAUVOIR, 2009, p.225)

Assim, voltando à moça que se encontra grávida e solteira nos anos dos modelos fixos de comportamento feminino em que ou é mulher para casar ou é mulher da vida, e considerando a obviedade de ser uma gravidez um sinal da perda da virgindade, e sendo esta, como continua Beauvoir, um símbolo de conquista masculina, não nos espanta o desespero vivenciado por uma jovem nesta situação, como menciona Pinsky no começo de seu capítulo:

Solteira e grávida! A situação levou a garota ao desespero: como explicar aos pais que manchara a “honra familiar” e que traria vergonha a todos de casa? Como conviver com o fato de não poder ser mais respeitada como uma “moça de família” diante da evidência de ter “dado o mau passo”, “cedido às tentações”, “se desviado do caminho”? Sem um casamento em vista que “reparasse a situação”, o que lhe reservava o futuro? seria, como tantas outras expulsas de casa? Mesmo que a deixassem ficar, nunca mais encontraria um “bom partido”, pois ninguém que preste aceitaria se casar com uma “doidivana”, uma “desclassificada” que não soube “dar-se ao respeito”. O certo é que, tendo se igualado às “prostitutas”, “cairia na boca do povo”. (PINSKY, 2012, p. 469)

Ou seja, ainda a rigidez dos estereótipos femininos herdados do medievo europeu que “valorizavam a pureza sexual das mulheres e condenavam as que se deleitavam no sexo” (PINSKY, 2012, p. 471). Esses estereótipos, entretanto, segundo Pinsky, começam a se desestabilizar com as possibilidades de estudo e trabalho nos anos de 1920 e 1930. Nestes anos, o espaço público de exclusividade masculina passa a dar brechas para que a mulher o adentrasse. A possibilidade, ainda que com todas as desigualdades, de estudo e um emprego que garantisse o sustento sozinho de uma mulher por si mesma, por quase unanimidade entre os teóricos do tema, significou muito para a emancipação feminina também no que diz respeito aos modos de relacionamentos amorosos. Claro que nesses anos a participação da mulher no espaço público era ainda vista com muito preconceito e não significava independência econômica. Mas ressaltar o alargamento dessa prática pelas mulheres que em

poucas décadas trouxe a real independência financeira da mulher em relação ao homem é muito necessário. Essa independência econômica resultou, nessas primeiras tentativas, numa rejeição afetiva. Lygia Fagundes Telles em uma crônica e também em um documentário sobre sua vida, revela seu desejo de, na década de 40, diferente das outras meninas, entrar para a faculdade de Direito, “Da minha parte quero apenas entrar para a Faculdade de Direito de São Francisco, respondi ao meu pai” (TELLES, 2002, p. 55). Dessa sua atitude surge o estranhamento de seus pais, e o motivo para convencerem a filha a desistir dessa vontade era a dificuldade que isto lhe traria em arrumar um bom casamento, “Ela [sua mãe] ouviu, mas logo ficou apreensiva, Faculdade de Direito, filha? Entrar numa escola de homens, verdadeira temeridade que iria afastar os pretendentes, quem quer mulher que sabe latim? Todo homem tem medo de mulher inteligente, filha” (TELLES, 2002, p. 56). Uma mulher inteligente, possivelmente cobrará igualdade num relacionamento tanto no âmbito do lar, quanto no profissional e no sexual, como mostra em especial as mulheres da geração dos anos 60.

Como disse Beauvoir alguns anos antes de 1960, “Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. Desde que ela deixa de ser uma parasita, o sistema baseado em sua dependência desmorona” (BEAUVOIR, 2009, p. 879). Ou seja, com a autonomia de prover seu próprio sustento, o casamento passa a não ser mais o único fim para uma mulher, e ainda, um casamento infeliz não precisa significar uma prisão perpétua, tanto que, apesar de o divórcio ter sido legalizado apenas em 1977, como diz Pinsky, “a obrigação de ficar atrelado por toda a vida a um relacionamento infeliz já estava sendo contestada por pessoas da classe média e alta”, (2012, p. 524), mesmo o casamento não tendo perdido seu brilho ante os olhos das mocinhas.

Segundo Pinsky, mesmo que ainda muito mal vistas, as moças rebeldes começavam a surgir. Algo, então, já começava a se modificar; a sensualidade recatada já era aceita apesar de a dualidade prostituta x santa ainda vigorar e o casamento ser também o principal objetivo da vida de uma mulher. Ainda sob a égide do patriarcalismo esse casamento era monogâmico e indissolúvel, e o sexo no matrimônio tolerado para a procriação e o desejo vetado às mulheres. A obrigatoriedade deste laço matrimonial começa a perder forças na década de 1940 quando o desquite foi legalizado, o que permitia, segundo Ana Silvia Scott, “a separação sem dissolução de vínculo matrimonial” (2012, p. 21), o divórcio viria somente 30 anos depois. Contudo, mesmo quando legalizado, o olhar da sociedade às mulheres que o ousaram exigir foi o de reprovação, essas desquitadas eram muito mal vistas e criticadas, como prossegue Scott em seu artigo sobre os arranjos familiares no livro de Pinsky e Pedro.

Nos anos de 1950, as imagens femininas começam a afrouxar. As moças já podiam ir às festas e reuniões jovens sem a presença dos pais ou responsáveis adultos. O casamento, também antes definido pelos pais, começa a finalmente valorizar mais o amor romântico, assim, exceto em casos que contrariavam muito a família, os noivos se juntavam por amor. Como enfatiza Pinsky, neste aspecto há que se notar a grande influência dos romances açucarados na construção desse imaginário apaixonado feminino. A virgindade feminina, entretanto, ainda era vangloriada por ser considerada uma virtude e, assim, necessária como em anos anteriores.

Segunda metade dos anos de 1960 e entramos, como afirma Pinsky, na era dos modelos flexíveis; as tímidas mudanças inauguradas nos anos 50 começam a alargar. Nas capitais do Rio e São Paulo, as atitudes das moças de família rica “abriam caminhos para o que, duas ou três décadas depois, seria um comportamento “normal” quando a obrigatoriedade da virgindade para as solteiras estaria completamente fora de moda” (PINSKY, 2012, p. 516), também os movimentos feministas que, talvez por muito revolucionários para a época, não obtiveram muitos adeptos nesses anos 60, serviram para abalar os modelos de feminilidade refletindo num alcance maior de liberdade anos depois.

Reflexos dessas ousadias, os anos 60 inauguram-se mais liberais às mulheres que já não mais precisavam casar virgens, pois o sexo antes do casamento já era tolerado e as moças que o fazia já não eram mal vistas. Mas os “entretanto” continuam; como prossegue Pinsky:

As hierarquias entre masculino e feminino não desapareceram, contudo. No tempo em que chamar uma moça de gata era elogio, chama-la de galinha continuava a ser insulto. Mesmo que ele não relacionasse mais à perda da virgindade, seu uso mostrava que outros critérios (com a quantidade de rapazes com que a garota se relacionava, o modo como exibia sua sensualidade, o grau de distinção com que mantinha seus relacionamentos sexuais) regulavam o comportamento sexual das mulheres aos olhos das pessoas que se sentiam no direito de classificá-las como merecedoras de respeito ou não. (PINSKY, 2012, p. 521)

Apesar desse ‘porém’, as relações passam a acontecer com maior igualdade. Nas relações o que começa a valer é a satisfação de ambos os envolvidos, como na forma de relacionamento puro analisada por Giddens. E assim como no amor confluyente citado pelo mesmo autor como decorrência desse relacionamento puro, amor espiritual e amor carnal passam a ter igual valor, a negociação entre os cônjuges começa a ser uma das bases de um relacionamento satisfatório para ambos, “para a mulher, não haveria mais a exigência de

tolerar as infidelidades masculinas e as necessidades sexuais de ambos os parceiros seriam consideradas” (PINSKY, 2012, p. 524).

Muitos teóricos falam dessas consequências como negativas em nossa sociedade. Os laços tão fluidos, instáveis, denunciados por Bauman parecem ser um mal em nossa sociedade, mas é interessante pensar que se em anos anteriores ao nosso o companheirismo, se acaso existisse, era por obrigação, ou mesmo que não, era um companheirismo desigual, em uma relação hierárquica, hoje, por mais que encontrar um verdadeiro companheiro seja privilégio de poucos, é provável que nele envolva uma sinceridade e um bem-estar muito maior.

Estas transformações dos papéis femininos colaboraram, assim, em grande parte para transformar também a maneira de ver o amor, como diz Del Priore, “o amor não muda só no espaço, mas no tempo também” (2012, p. 13).

1.3 O AMOR NARRADO POR ELES

O ponto de partida desta parte será a tese de Janaina Fernandes Rebello, de 2006, intitulada *A multiplicidade de enfoques sobre o amor na narrativa brasileira*. Embora não se apresente especificamente como um trabalho que estude a narrativa amorosa de autoria masculina, tendo em vista a obviedade da predominância masculina no cânone literário brasileiro, a tese de Rebello traz apenas escritores homens como exemplo. Assim como nas histórias literárias tradicionais, sua tese é dividida por períodos literários.

Para dar início às suas análises, Rebello traz o romance *Inocência* de Visconde de Taunay do período romântico da literatura brasileira. Neste romance, Inocência e Cirino representam heroína e herói do amor, sentimento ultra valorizado neste período, contra o enlace matrimonial de conveniência econômica muito comum à época. Heróis, afirma Rebello, porque lutam pelo sentimento amoroso apesar de toda a sociedade ir contra; no caso de Inocência, seu pai que escolhendo outro marido a sua filha, proíbe seu enlace com seu verdadeiro amor, Cirino. O casamento por conveniência fica evidentemente denunciado nessa narrativa de Taunay quando descreve a vida do sertanejo ao referir-se ao momento em que o homem deve procurar um casamento para formar sua família:

Quando o sertanejo vai ficando velho, quando sente os membros cansados e entorpecidos, os olhos já enevoados pela idade, os braços frouxos para manejar a machadinha que lhe dá o substancial palmito ou o saboroso mel de abelhas, procura então quem o queira para esposo, alguma viúva ou parenta

chegada, forma casa e escola, e prepara os filhos e enteados para a vida aventureira e livre que tantos gozos lhe dera outrora. (TAUNAY, 2010, p. 14)

Como mostra o trecho de *Inocência* acima, o amor entre os cônjuges sequer chega a fazer parte de uma decisão tanto para o casamento quanto para a escolha da pessoa com quem se casar. Interessante registrar também o papel que a mulher representa em toda esta trama; se arranjam a ela o casamento é por acreditarem tanto ser necessário que a mulher case para não dar problemas, quanto que a mulher não tem capacidade nem direito de encontrar o marido que lhe agrade. As falas do padrinho de *Inocência* demonstram como eram tidas as mulheres:

– Mas ...se...sua afilhada... não gostasse do Manecão?
 – E que nos importa isso? Uma menina como ela não sabe o que lhe fica bem ou mal... Ninguém a vai consultar. Mulheres... o que querem é casar. Não ouviu já o patrício dizer que elas não casam com carrapato, porque não sabem qual é o macho? (TAUNAY, 2010, p. 135)

Essa falta do sentimento amoroso para o enlace matrimonial é também notado nas falas do pai de *Inocência* ao contar a Cirino como se deu o compromisso de sua filha com seu noivo Manecão. Em suas falas que seguirão abaixo ficará evidente que o noivado de *Inocência* foi uma junção de necessidade e oportunidade, tanto da parte de Pereira, quanto do noivo:

– Ora muito bem – continuou Pereira caindo aos poucos na habitual garrulice – quando vi a menina tomar corpo, tratei logo de casá-la.
 – Ah! É casada? – perguntou Cirino
 – Isto é, é e não é. A coisa está apalavrada. Por aqui costuma labutar no costeiro do gado para São Paulo um homem de mão cheia, que talvez o senhor conheça... o Manecão Doca...
 – Não – respondeu Cirino.
 – Pois isso é um homem às direitas, desempenado e trabucador como ele só... fura estes sertões todos e vem tangendo pontas de gado que metem pasmo. Também dizem que tem bichado muito e ajuntado cobre grosso, o que é possível, porque não é gastador nem dado a mulheres. uma feita que estava aqui de pousada... olhe, mesmo neste lugar onde estava mecê inda agorinha, falei-lhe em casamento... isto é, dei-lhe uns toques... porque os pais devem tomar isso a si para bem de suas famílias; não acha? (TAUNAY, 2010, p.32)

Desta feita, tanto o pai precisando casar a filha e tanto o sertanejo precisando casar-se por já não ser tão novo, surge o compromisso que vai impedir que o casamento entre *Inocência* e Cirino se dê, que o amor entre os dois se concretize, ao menos

em vida física. Não à toa, no romantismo o amor está muito ligado à morte, pois sendo o empecilho à plenitude da realização amorosa muito comum, a morte é quase o único lugar em que este amor pode se realizar. Somente pela morte do corpo o amado e a amada podem pertencer-se reciprocamente, como no caso de *Inocência*. É também por isso que, em detrimento do amor carnal, o amor espiritual, aquele que privilegia a união das almas e se quer eterno, ganha a conotação de amor que vale, aquele verdadeiro. Como diz Rebello em sua análise de *Inocência*:

A morte, aliás, é cogitada várias vezes pelos amantes, diante da impossibilidade de realização do amor, antes de ocorrer de fato. [...]E ainda, na hora da morte, Cirino, mesmo dizendo-se já morto (usa o verbo no pretérito: “matate-me”), afirma com convicção de que Inocência é sua, o que aponta para a infinitude do amor.” (REBELLO, 2006, p. 18)

Nesta sua análise, Rebello conclui que o tom predominante nas narrativas românticas é o de elevação do sentimento amoroso. A autora da tese ainda reforça esta supervalorização amorosa no período romântico com o romance *Lucíola* de José de Alencar.

No romance romântico, à mulher heroína é imposta a necessidade de pureza, e assim, Lucíola, a personagem principal da narrativa de José de Alencar, por ser prostituta foi impedida de viver por completo seu romance com Paulo. Entretanto, este romance, a partir da escolha de uma heroína prostituta, mostra, como afirma Rebello, de maneira muito emblemática a divisão típica do romantismo entre corpo e alma. É só por esta divisão que Lucíola pode protagonizar a heroína romântica e retornar à pureza. Possuindo dois nomes na narrativa, Lucíola possui também duas ‘personalidades’ representadas por esses nomes; assim, se Lúcia é seu nome criado para a prostituição, Maria da Glória, seu nome real, remete a sua infância, em que ainda era moça pura. A redenção da personagem só é permitida pela pureza de alma que, apesar de impura a carne, como Maria da Glória ainda possui. Segundo Rebello, “a partir do amor, surge Maria da Glória” (REBELLO, 2006, p.51), mas também, é só pela persistente existência de uma Maria da Glória, que Lúcia pôde ter o privilégio do amor, pois Paulo, o herói da narrativa, apaixonou-se idealizadamente por Maria da Glória e não por Lúcia já que em seu primeiro encontro com a personagem ele a vê como aquela que fora antes de ser a prostituta Lúcia, ele a vê como Maria da Glória. No momento em que Paulo a vê pela primeira vez, a heroína está observando sua antiga casa e, nesta situação, parece voltar à sua infância de pureza distanciando-se de seu presente impuro.

Por ter, então, essa pureza de alma, apta para o amor, Lúcia recusa a realização do laço amoroso em vida, e por isso, também, precisa da morte, para que se possa

livrar da impureza da carne sendo só alma pura e autorizada para amar. Assim, “Tal como os simbolistas desenvolverão mais tarde, no caso desta, o corpo é o cárcere da alma e é por isso que ela morre: liberta o espírito para amar Paulo” (REBELLO, 2006, p. 33).

Por mais que haja o sentimento da parte da protagonista, esta se recusa durante toda a trama a declarar diretamente pela fala seu amor ao seu amado afirmando que tal palavra não merecia sair de boca como a dela. Nas páginas finais do romance, entretanto, julga-se capaz de dizer:

– Nunca te disse que te amava, Paulo!
 – Mas eu sabia, e era feliz!
 – Tu me purificaste unguendo-me com os teus lábios. Tu me santificaste com o teu primeiro olhar! Nesse momento Deus sorriu e o consórcio de nossas almas se fez no seio do Criador. Fui tua esposa no céu! E contudo essa palavra divina do amor, minha boca não a devia profanar, enquanto viva. Ela será meu último suspiro. (ALENCAR, 2006, p. 140)

Como as falas acima de Lúcia mostram é o amor sentimento tão abissal que, em sua infinitude, purifica a heroína para que esta possa ser merecedora de, mesmo que não no plano físico-material, juntar-se a seu amado. Rebello, em sua pesquisa, nos confirma esta valoração do amor em Lucíola:

O amor, em Lucíola, é redentor da alma da protagonista; aponta para a transcendência na medida em que vai a pouco e pouco afastando-a da prostituição, e fazendo-a libertar-se do corpo maculado até virar alma pura, o que se dá com sua morte. Esta saída, aliás, não representa uma inovação. Parece mesmo que Lúcia vai se entregando a tal fatalidade no desenrolar do romance, não sendo algo inesperado ou súbito. (REBELLO, 2006, p. 24)

Corroborando a fala de Rebello, na leitura do romance é possível perceber a heroína recusando-se aos poucos a ter relações sexuais com outros homens e até mesmo com Paulo, a quem ama:

Era a primeira recusa que eu sofria.
 O constrangimento de Lúcia tinha ido sempre em aumento; mas nunca, até ali, o meu desejo encontrara resistência; nunca uma desculpa, um pretexto o contrariara. [...] De fato no outro dia [...] Lúcia estava só; todos os obstáculos e contrariedades que sofria depois de duas semanas, me tinham irritado; creio que fui até violento e grosseiro; mas debalde. A resistência era tenaz e friamente calculada. (ALENCAR, 2006, p. 96-98.)

Nada mais justificável que esta sua reação. Mesmo que apenas com Paulo, qualquer contato que fosse de cunho sexual impossibilitaria seu processo de purificação, já

que eles não eram casados e essa possibilidade sequer existia para a relação dos dois. Dar-se sexualmente a Paulo significaria que o amor entre os dois continuava ainda impuro, ainda no plano puramente carnal e, portanto, profano.

Em plano físico, fica-nos evidente a impossibilidade de que tal relação viesse a ter final feliz com, por exemplo, um casamento, que os possibilitaria à concretude do amor. Mesmo que espiritualmente Lúcia foi-se purificando, a sociedade continuava e continuaria sempre a vendo como uma mulher suja, tanto Paulo quanto Lúcia sabiam disso e não tinham a mínima vontade de ousadia para contestar esta situação. Não é de se estranhar, assim, que a morte parece ser a única solução à Lúcia e o casamento entre eles não chega nem a ser cogitado como possível. Mas Paulo ainda pode se casar e é este casamento apenas que os preocupa, ou preocupa mais à Lúcia:

- Estava fazendo projetos para a nossa felicidade.
- Já não é uma realidade, Maria?
- E por isso, porque sei o que ela vale, receio que não dure sempre. Tu vives num mundo, Paulo, onde há condições que será obrigado a aceitar, cedo ou tarde; um dia sentirás a necessidade de criar uma família, e gozar das afeições domésticas.
- Não me casarei nunca! (ALENCAR, 2006, p.136)

Como visto, tendo os dois heróis da narrativa interiorizado as regras gerais da sociedade em que vivem, não houve questionamento da parte de nenhum deles sobre não poderem, enfim, dado que se amam, unirem-se numa relação aceitável. A impossibilidade da concretização desse amor no plano físico continua. Assim, a obra *Lucíola* de Alencar, pertencente ao Romantismo brasileiro, exalta o amor, mas o amor espiritual, já que o carnal é efêmero sujo e movido apenas pelo desejo do prazer que se opunha à sua tendência cristã em que “a expressão “prazeres vergonhosos” seria um pleonasma” (REBELLO, 2006, p. 34), levando Rebello concluir que:

Não é incomum, no Romantismo, a exclusão da relação física no amor – cultuam-se amores puros e idealizados, e a sexualidade é, não raro, a parte “suja” das relações amorosas. Em *Lucíola* é descartado o sexo entre Maria da Glória e Paulo, para viverem em paz; em *O Guarani*, Loredano é o único personagem portador de um desejo sexual desvelado – e é o vilão.(REBELLO, 2006, p. 37).

Para tratar dessa nova forma literária de abordar o amor, naturalista/realista, como algo puramente instintivo, ou por uma visão cética em que não vê no homem a possibilidade para tal sentimento com sinceridade, a pesquisadora trabalha com o *Cortiço* de

Aluísio Azevedo, classificado como naturalista, e com algumas obras de Machado de Assis, a que classificam como realista. Quanto à questão amorosa neste período, representada em sua tese pelo *O cortiço*, e também pela narrativa machadiana, assim conclui:

A corrente estética canônica do período, o Naturalismo, vai apresentar o amor degradado, na medida em que o reduz a uma dimensão fisiológica. Por outro lado, em Machado de Assis, o processo de dessacralização do amor segue outra trajetória: embora se apresente igualmente reduzido e corroído, o fato se dá por razões mais éticas do que biológicas, mais psicológicas do que fisiológicas. (REBELLO, 2006, p. 65).

Em *O cortiço*, todos os laços ‘amorosos’ que nos são apresentados, apontam para a ambição, a ganância ou para os instintos sexuais que beiram à patologia. Isso porque excetuando os casos em que o relacionamento se dá por interesses econômico-sociais, todo o envolvimento ‘amoroso’ entre personagens é reduzido ao puro ato sexual. Rebello, tendo analisado desta maneira a lida amorosa na obra de Azevedo, nos acata a encarar com desconfiança toda a possível manifestação de algum ato sentimental amoroso.

Na trama de *O cortiço* presenciamos muitos enlances amorosos feitos e desfeitos. Começando por João Romão e Bertoleza, a relação entre relacionamento e interesses dissociados ao sentimento amoroso, já começa a ser destacada. A união entre os dois se dá por conveniência da parte de ambos, em nenhum momento há algum sinal de sentimentalismos de qualquer dos lados. Para João Romão, mais que amante Bertoleza era, como boa cozinheira, apenas mais uma ferramenta para seu enriquecimento. O enlace com João Romão por parte de Bertoleza também não apresentava nenhuma paixão romântica:

Quando deram fé estavam amigados. Ele propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua. (AZEVEDO, 1992, p. 16)

A escolha ou a felicidade de Bertoleza em amancebar-se com João Romão, como mostra o fragmento, não está de maneira alguma ligada a sentimentos, mas sim a instintos de autopreservação, ou de melhoramento da espécie; o que nos leva a enxergar a personagem como uma fêmea animalizada. Acatando o conselho de Rebello para desconfiar de todo ato que pareça sentimental no romance, na cena em que Bertoleza comete suicídio ao descobrir que seu companheiro, prestes a casar com uma moça de nome, a havia enganado, e que ela continuava ainda propriedade de seu antigo dono, não podemos querer buscar neste

seu ato algum desespero passional por ter perdido seu par romântico. Para esta impossibilidade amorosa Rebello afirma que Bertoleza vendo a possibilidade de ser escrava novamente “matou-se por sentir-se usada e traída e porque não aceitaria novamente tal condição. Seu desespero não inclui nenhuma razão lírico-amorosa” (REBELLO, 2006, p. 80).

Outro casal do romance que merece destaque é Piedade e Jerônimo. Na narrativa Piedade é trocada pela mulata Rita Baiana e, apesar disso ainda doa-se para cuidar de seu marido doente. Esta é ainda outra passagem em que Rebello desconstrói a possibilidade de algum requinte amoroso, ela diz:

a narrativa não apresenta indícios de que Piedade permaneça todo o tempo ao lado do marido, por paixão ou por amor incondicional, ainda que ele a traia. É mais uma fidelidade animal, obrigatória, da esposa ao provedor, que propriamente amor. Trata-se de uma espécie de dependência: “E Piedade, assentada à soleira de sua porta, paciente e ululante, como um cão que espera pelo dono...” (REBELLO, 2006, p.82).

Nos episódios anteriores à traição de Jerônimo, Piedade não é apresentada em nada diferente do que nos mostra Rebello. Quando a esposa demonstrou algum ciúme de seu marido com os cuidados de Rita Baiana, não se tratou em algum momento de medo da perda de alguém que ama, mas uma reação instintiva, pouco racional como o narrador aponta:

Ela ia retirar-se, como um animal enxotado, quando deu com a Rita, que entrava muito ligeira e sacudida, trazendo na mão a fumegante palangana de café com parati e no ombro um cobertor grosso para dar um suadouro ao doente. [...] a portuguesa não dizia nada, sorria contrafeita, no íntimo, ressentida contra aquela invasão de uma estranha nos cuidados pelo seu homem. Não era a inteligência nem a razão o que lhe apontava o perigo, mas o instinto, o faro sutil e desconfiado de toda a fêmea pelas outras, quando sente seu ninho exposto. (AZEVEDO, 1992, p. 76-7)

Mais uma vez, assim como no caso de Bertoleza, o narrador retrata a mulher como fêmea animal agarrada a seu instinto de autopreservação. Vale dizer, também, que os homens não são retratados com diferença; o que a narrativa nos mostra são homens e mulheres movidos ou pelo desejo sexual ou pelo desejo de poder econômico.

Como afirma Rebello em sua tese, as outras relações, como as de Jerônimo com Rita Baiana, e as traições constantes da personagem casada Dona Estela, por exemplo, são todas movidas pelos desejos básicos do homem, ou seja, pura atração física, desprovida de qualquer idealização amorosa. Assim, sobre este sentimento no período literário em questão, que analisamos pela obra de Aluísio Azevedo, podemos concluir que as uniões e as

dissoluções dos pares ‘amorosos da trama são esvaziadas de qualquer sentimento amoroso, já que todas reduzidas à fisiologia ou interesses econômicos.

Para falar sobre o ceticismo machadiano em relação à humanidade, que culmina em seu ceticismo também quanto ao amor, Rebello nos traz uma análise de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Nesta obra, Brás Cubas narra, entre outras, suas aventuras amorosas, com maior atenção a Virgília e Marcela.

Virgília foi amor de juventude, e embora eles tenham se amado, como constata Rebello, esse sentimento não aparece como grandioso, mas porque a humanidade não é grandiosa. Para dar um exemplo que corrobore esta fala de Rebello trago as palavras de Brás Cubas quando se separaram ele e Virgília:

Não a vi partir; mas à hora marcada senti alguma coisa que não era dor nem prazer, uma coisa mista, alívio e saudade, tudo misturado, em iguais doses. Não se irrite o leitor com esta confissão. Eu bem sei que, para titilar-lhe os nervos da fantasia, devia padecer um grande desespero, derramar algumas lágrimas, e não almoçar. Seria romanesco; mas não seria biográfico. A realidade pura é que eu almocei, como nos demais dias (ASSIS, 2010, p. 249)

Brás Cubas, mesmo depois de nos confessar apaixonado por Virgília em alguns momentos da narrativa, dizendo inclusive que não conseguia dormir por estarem seus pensamentos em Virgília (ASSIS, 2010, p. 158-9), mesmo confessando que a amou, zomba do exagero romântico a que o leitor de sua época era acostumado dizendo que a realidade era muito outra, bem menos delirante. Assim, se esse amor existe, é “no entanto, não da forma inesgotável como acreditavam os românticos” (REBELLO, 2006, p. 88).

Outra paixão, anterior à Virgília, foi Marcela. A relação que Brás Cubas com ela teve mostrou-se muito mais de vaidade pelo pertencimento que por algum sentimento lírico-amoroso. Marcela foi a mulher de seu primeiro beijo, mas na narrativa isso nos é apresentado com pouca paixão, mais como um dever que um homem deve cumprir para tornar-se homem. Por ser Marcela prostituta, o que muito envaidecia Brás Cubas era poder tê-la enquanto tirava-a dos outros concorrentes; enquanto podia bancar, com dinheiro, seu o amor e seu corpo. Como ele mesmo disse: “Marcela amou-me durante quinze meses e onde contos de réis; nada menos” (ASSIS, 2010, p. 67).

Concluindo sobre esse período da nossa literatura, podemos dar a mesma ênfase que Rebello quanto à valorização do sentimento amoroso: “Seja em Machado, seja no Naturalismo, o desmoronamento do amor é a tendência dominante na fase Realista, e essa

redução do seu papel na narrativa fica mais evidente por suceder à inequívoca idealização no Romantismo” (REBELLO, 2006, p.68).

Do Romantismo, Rebello parte para o romance da década de trinta, justificando a exclusão da ficção produzida em 1922 por esta apenas raramente tratar o amor como um tema central. Os autores escolhidos desse período foram Graciliano Ramos e Jorge Amado. A decisão por esses dois autores justifica-se pela divergência no trato da temática amorosa, assim, “A visão do amor em Jorge Amado [...] É um enfoque que confere luminosidade, alegria, ao sentimento. Bem diferente da visão de Graciliano, que aponta sempre para a não-realização deste. A obra amadiana é um libelo à alegria e à liberdade” (REBELLO, 2006, p. 112)

As obras de Graciliano Ramos analisadas no capítulo são duas, *São Bernardo* e *Angústia*. Entretanto, apesar das diferenças entre as duas obras quanto à questão amorosa, neste resumo será dado maior espaço à primeira para que este texto não se estenda além do necessário. Além do mais, embora as situações diferentes, devemos reconhecer que ambas as obras apresentam uma visão negativa do amor pela impossibilidade de o homem, enquanto ser humano, amar.

Em *São Bernardo*, o narrador-personagem Paulo Honório reconstrói parte de sua vida por meio da escrita, algum tempo após o suicídio de sua mulher, Madalena. Este narrador-protagonista apresenta-se como um homem bruto, muito prático e de poucos sentimentalismos. Sobre questões amorosas, ele mesmo diz:

Amanheci pensando em casar. Foi uma ideia que me veio sem que nenhum rabo-de-saia a provocasse. Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito. Difícil de governar. [...] Não me sentia, pois, inclinado para nenhuma: o que eu sentia era desejo de preparar um herdeiro para as terras de S. Bernardo. (RAMOS, 1985, p. 59)

Esta sua fala nos dá pistas sobre sua visão de casamento, que começa por já excluir o sentimento amoroso. O que Paulo Honório nos mostra nestas suas palavras é que para ele casamento era negócio, maneira de, por meio uma mulher que lhe desse um bom filho, ter alguém de seu sangue para deixar suas terras de herança. Apesar de buscar um estereótipo de mulher mais forte e robusta para lhe dar o filho, acaba decidindo-se por Madalena, uma frágil professora, uma mulher intelectual; mas sua escolha se dá sem qualquer sentimento apaixonado.

Durante a narrativa um sentimento por Madalena vai aumentando e mesmo o filho, projeto anteriormente mais importante que a esposa, começa a perder importância. Rebello diz que assim, “Madalena torna-se, a partir de certo momento, um objetivo em si própria.”, e apesar da brutalidade, Paulo Honório “Em relação a ela, ainda chegam a ser feitos elogios, como num ‘cochilo sentimental’” (REBELLO, 2006, p. 116). Mas Rebello nos previne sobre a possível comparação de tal sentimento ao sentimento lírico-amoroso típico do período Romântico porque apesar de existir algum afeto por Madalena, o sentimento de posse é o predominante. Rebello nos previne para a possibilidade de Madalena representar para Paulo Honório apenas mais uma conquista dentre todas as conquistas que ele tanto fazia questão de se vangloriar; Madalena era uma mulher muito comentada entre seus comparsas, e além de tudo uma intelectual. E ainda por esta questão da necessidade de poder, de possuir, é que o protagonista busca matar seu amor por Madalena, pois “Como já foi dito, o mundo de Paulo Honório curvava-se à sua vontade. Este é o motivo que o faz dedicar-se a matar o amor que nele nascia por Madalena; ou ainda, a extirpar toda possibilidade de amor que ela pudesse dedicar-lhe. O amor iria deixá-lo à mercê da mulher” (REBELLO, 2006, p.121).

Esse afeto misturado ao sentimento de posse por parte de Paulo Honório em relação à Madalena, a leva ao suicídio, e se nessa narrativa após luto pela morte de sua esposa o narrador parece deixar amostras de seu permanente amor por Madalena, Rebello, por sua análise, sugere também a possibilidade de haver mais sentimento de culpa que de amor (REBELLO, 2006, p. 117). Ao final da narrativa, quando já sabemos do suicídio de Madalena e Paulo Honório encontra-se sozinho em sua fazenda, seu arrependimento maior parece não ser tanto por ter causado sofrimento à mulher com quem casou, mas um arrependimento de ter dedicado sua vida inteira a buscar bens materiais, Madalena fazendo parte de sua ganância:

Se houvesse continuado a arear o tacho de cobre da velha Margarida, eu e ela teríamos uma existência quieta. Falaríamos pouco, pensaríamos pouco, e à noite, na esteira, depois do café com rapadura, rezaríamos rezas africanas, na graça de Deus. Se não tivesse ferido João Fagundes, se tivesse casado com Germana, possuiria meia dúzia de cavalos, um pequeno cercado de capim, encerados, cangalhas, seria um bom almocreve. (RAMOS, 1985, p. 183)

Ao revelar seu desejo, um desejo pelo arrependimento, de ter tido uma vida mais simples, e nesta vida mais simples não colocar Madalena, mas sim Germana, não pelo amor, mas pela simplicidade, fica-nos evidente que Madalena foi apenas mais um arrependimento; Madalena foi mais um bem material conquistado na sua vida que, como os

outros, não valeu a pena. Mas assim como a escolha por Madalena não foi pelo amor, a escolha, em seu desejo, por germana não foi também pelo amor, mas pela representação da vida simples que ela trouxe no pensamento de Paulo Honório. Em resumo, o amor em parte alguma de sua vida teve grande importância.

Em “Angústia” a realização amorosa também não acontece, mas seu motivo é diferente. O personagem Luís da Silva encontra-se impossibilitado de amar por não conseguir ir além do desejo erótico, por reduzir-se ao aspecto físico. Nem Luís da Silva nem Paulo Honório tiveram a capacidade de amar.

Para falar de Jorge Amado são usadas algumas obras que se dividem em dois períodos distintos da produção amadiana; para este resumo foram selecionadas apenas uma de cada período, *Mar Morto* que se refere ao seu período de essência romântica, e *Gabriela, cravo e canela* marcando uma obra em que o amor e a sexualidade são tratados de uma forma mais alegre apesar de boa parte de sua obra ser considerada por Rebello como influenciada pela estética romântica já que “o amor surge em suas obras como forte e redentor”, entretanto “nunca dissociando os aspectos carnal e espiritual” (REBELLO, 2006, p. 160).

Mar Morto, de sua fase neo-romântica, narra uma história de amor marcada por obstáculos entre Guma e Lívia, que só se concretizará mesmo que não em aspectos físicos, com a morte purificadora do herói. O casal enfrenta o impedimento familiar, a doença de Lívia e a má intencionada e sedutora Esmeralda.

Três coisas são importantes considerar sobre a representação do amor nesta obra: há estreita relação entre amor espiritual e carnal, mas o sexo sem o objetivo amoroso é visto como algo ruim, devasso, há também a valorização do amor para além da vida física. Sua estreita relação com a visão romântica do amor se mostra principalmente com a morte do herói quando esta significa sua purificação e a fortificação de seu amor com a heroína Lívia.

Como já dito, apesar de buscar uma postura romântica, o sexo não está separado do amor e não significa necessariamente algo impuro, o sexo, ao contrário, pode significar a consumação amorosa entre o par. Sobre o encontro sexual de Guma e Lívia, Rebello diz o seguinte:

Em *Mar Morto*, a posse antes do casamento se desenrola em uma espécie de encenação romântica. Tudo é construído de maneira envolvente, desde a expectativa da posse, iniciada com a interdição que gerou a fuga, até o cenário de perigo, de tempestade, com um mar bravio, que mais aumenta o desejo de aproximação, e o fato de afirmar-se a castidade de Lívia. (REBELLO, 2006, p. 161)

Apesar de esse encontro sexual não ser visto de uma forma negativa, só assim é pois os envolvidos sentem amor um pelo outro, ou seja, assim somente, o sexo é visto como unificador e só assim, por ter amor, Lívia é livrada de uma mácula social e espiritual pelo sexo anterior ao casamento. Essa separação entre sexualidade ‘pura’ e ‘impura’ pode ser mais bem vislumbrada com a presença de Esmeralda, como diz Rebello:

Entretanto, além deste erotismo que aponta para uma visão luminosa, de alegria e amor, também em *Mar Morto* está presente um tipo de erotismo que contraria aquele comumente ressaltado nas obras do autor de maneira positiva. Trata-se de um erotismo destrutivo, presente na relação entre Guma e Esmeralda. (REBELLO, 2006, p.163)

Esmeralda é mulher de Rufino, amigo de Guma, e durante toda a trama romanesca põe-se a seduzir o amante de Lívia até que esse não resiste e então consuma o ato sexual, ‘impuro’ pela presença puramente erótica do ato, com a mulher de seu amigo quebrando, como afirma Rebello o princípio de lealdade tipicamente romântico. Esta traição torna-se mais um obstáculo ao amor das personagens, e por ser este obstáculo de ordem carnal e de fraqueza do próprio herói do romance, e que põe em dúvida o sentimento amoroso que este nutria por Lívia, apenas a purificação de sua alma pode salvar este amor, “A solução para o resgate da dignidade do herói, para que merecesse o amor eterno de Lívia, foi uma morte heroica” (REBELLO, 2006, p. 164). Assim, o amor de Lívia e Guma passa para o outro plano, ou seja, transcende, pois além da morte purificadora de Guma, Lívia assume o papel de Guma, que era um pescador, ação que a mitifica como heroína e acaba por resgatar a idealização feminina presente no romantismo. Nas palavras de Rebello, “O amor, que não reconhece limites nem na morte, faz o resgate romântico do casal, transformando Lívia numa verdadeira heroína e purificando Guma de seu pecado, através da morte” (REBELLO, 2006, p.165).

Em *Gabriela, cravo e canela* a representação do amor e da sexualidade passa por algumas mudanças, essa narrativa defende um amor livre que segundo Rebello é um “erotismo ligado ao amor sem regime, [...] e significa mais uma maneira de defender as bandeiras ideológicas do autor, libertário que era” (REBELLO, 2006, p.192).

A história de Gabriela confunde-se, na narrativa, com a história do progresso de Ilhéus e essa estreita ligação é muito importante para compreender a visão do narrador sobre o amor e o que isso revela de uma sociedade. Antes de Gabriela aparecer no romance, é narrado o caso de dona Sinhazinha Guedes Mendonça que, casada com coronel Jesuíno Mendonça, envolveu-se amorosamente com o dentista da cidade. O primeiro fato

narrado em *Gabriela, cravo e canela* é o do assassinato de Sinhazinha Mendonça e seu amante Osmundo pelo coronel Jesuíno, um crime para salvar a honra de marido traído. Sobre esse acontecimento, o narrador comenta: “Porque, apesar do propalado e envaidecedor progresso da cidade (“Ilhéus civiliza-se em ritmo impetuoso” escrevera o dr. Ezequiel Prado, grande advogado, no *Diário de Ilhéus*) ainda se glosava, acima de tudo naquela terra, uma história assim violenta de amor, ciúmes e sangue” (AMADO, 2012, p. 9-10). Sobre o assassinato a cidade toda comentava dando razão ao coronel, já que lhe tinham sujado a honra. A fala do narrador deixa claro seu posicionamento contrário sobre o acontecimento do assassinato, afirmando que esse tipo de atitude nada tinha de evoluído.

Aparece então, Gabriela, uma personagem completamente inocente quanto aos padrões morais da sociedade e sua forma de amar é também livre de seus moralismos e pertencimentos. De tal forma, não pedia a repressão de seus desejos sexuais nem a de seu parceiro, não queria ter dono nem ser dona de alguém, queria apenas amar e sentir prazer. Nacib aparece na trama como o verdadeiro amor de Gabriela que por ele tinha seus sentimentos amorosos, mas isto não a impedia de ter relações sexuais com outros homens que a agradassem. Seu desejo de liberdade também não tinha intenção de impedir que Nacib tivesse seus envolvimento, ela o amava e não tinha por ele algum sentimento de posse. Apesar de muito malvista por ser uma mulher e livre em um ambiente machista em que os homens podiam manter relacionamentos fora do casamento sem maiores problemas enquanto à mulher eram exigidas castidade e submissão ao marido ou ao pai, em sua tese Rebello conclui que Jorge Amado tece uma crítica a tal sociedade por colocar Gabriela insistente em seu amor-alegria, não cedendo às pressões da sociedade.

Como já anunciado, o desenrolar da vida de Gabriela na cidade de Ilhéus caminha ao lado do progresso da cidade. Com Gabriela trazendo sua forma livre e sincera de amar e resistindo aos moralismos da sociedade de lá, vai a cidade também, aos poucos evoluindo rumo ao progresso tão anunciado antes mesmo da vinda da moça. Mas segundo o narrador, só depois de Gabriela é que Ilhéus começa a realmente ser civilizada; uma sociedade justa, de igualdade. O romance começa e termina trazendo o mesmo assunto, o assassinato de dona Sinhazinha e seu amante. Há, entretanto, tratamentos extremamente diferentes sobre o caso no começo e no final do romance. Se no início tínhamos a certeza de que o coronel, como todos os outros que anteriormente fizeram o mesmo gesto criminoso, sairia impune, o final nos surpreende:

Algum tempo depois, o coronel Jesuíno Mendonça foi levado a júri, acusado de haver morto a tiros sua esposa, dona Sinhazinha Guedes Mendonça e o cirurgião dentista Osmundo Pimentel, por questão de ciúmes. Houve réplica e tréplica, dr. Maurício Caires citou a Bíblia, recordou escandalosas meias pretas, moral e devassidão. Esteve patético. Dr. Ezequiel Prado, emocionante: já não era Ilhéus terra de bandidos, paraíso de assassinos. Com um gesto e um soluço, apontou o pai e a mãe de Osmundo em luto e em lágrimas. Seu tema foi civilização e o progresso. Pela primeira vez, na história de Ilhéus, um coronel de cacau viu-se condenado à prisão por haver assassinado esposa adúltera e amante. (AMADO, 2012, p. 321)

Ao classificar a defesa do coronel de patética e a acusação de emocionante, está clara a posição do narrador, como já estava no início de sua fala. Essa conclusão do caso parece ter sido ajudada com a chegada de Gabriela na cidade e seu modo libertário de viver. As pessoas foram, aos poucos, dando razão à Gabriela e afeiçoando-se a ela. Quando Nacib descobriu a traição de sua esposa e não a matou, como fez coronel Jesuíno, a cidade já não reprovou a atitude do árabe e, pelo contrário, foi dito que Nacib tinha sido muito sensato ao deixar Gabriela com vida, e mais aplaudido foi ainda quando decidiu que voltaria com Gabriela e a teria como cozinheira e amante. Nesse seu gesto foi considerado homem superior. Não é a intenção dizer que Gabriela trouxe o progresso à cidade, mas a aceitação da liberdade de Gabriela revelou que a cidade estava realmente pronta para esta evolução a que os jornais anunciavam no começo da narrativa. O narrador nos deixa claro que por meio desta aceitação da liberdade individual de amar, pela recusa das leis não escritas e antigas que privilegiavam um assassino por crime passional, só assim foi possível falar de progresso.

A tese de Rebello pode nos proporcionar uma visão de como o amor foi narrado pelos homens na literatura brasileira. Partindo de escritores nascidos em inícios do século XIX até nascidos no início do século XX. Começa, então, no romantismo com a idealização de um amor em seus aspectos de pureza, perfeição e eternidade, amor que vence mesmo a morte, muito pouco ligado ao aspecto carnal; à mulher exige-se pureza e fragilidade que se confundem com a natureza de um feminino. Com Taunay e Alencar percebemos a grande valorização do amor neste período, diz Rebello que o amor é “o alicerce de todos os romances românticos nacionais” (REBELLO, 2006. p.213). Entretanto, no mesmo contexto histórico, com Machado de Assis, vimos outra forma de narrar o amor, de maneira incrédula e irônica, como nota Rebello “o sentimentalismo é esvaziado” (REBELLO, 2006, p. 219). Seguindo, conhecemos a forma com que o naturalismo lidou com o amor, excluindo-o como sentimento existente em uma relação entre pares, por revelar que essas uniões são movidas apenas por desejos carnavais e econômicos.

Indo aos contemporâneos Graciliano Ramos e Jorge Amado que respectivamente mostram em suas obras tendências naturalistas e românticas. Entrevemos, dessa forma, diferentes formas de escritores de uma mesma década, anos de 1930, narrar o amor. Ramos com sua visão pessimista ante sentimento causador de sofrimento, ou ante a impossibilidade de sentir tal sentimento visto que o excessivo desejo carnal sucumbe qualquer possibilidade de vivência sentimental. Por outro lado, Amado com sua visão enaltecedora do amor como sentimento capaz de salvação e eternidade, e também como a possibilidade de adequar este sentimento a uma forma mais libertária e alegre principalmente à mulher.

O amor, assim, mesmo em sua narração pela incredulidade, foi constantemente narrado e desta forma, criado em nossa literatura. Notou-se que as formas de narrar o amor baseiam-se em outras, mesmo que reconstruídas de acordo com seu tempo histórico, como ficou claro com a influência romântica nas obras de Jorge Amado. Também, que o amor foi tido, normalmente, como sentimento superior, basta concluir que em casos como o de Machado de Assis e Graciliano Ramos, a desvalorização do amor na narrativa se dá muito mais pela impossibilidade de este sentimento existir já que a sociedade e todos que nela vivem são representados como seres corrompidos.

1.4 O AMOR NARRADO POR ELAS

Para a esta parte em que se pretende mostrar algumas narrativas do amor pelas escritoras brasileiras durante a história da escrita de autoria feminina no Brasil, buscou-se uma seleção pautada na época de nascimento da cada escritora partindo das descobertas pela crítica literária feminista nos anos de 1970 como apresentado por Lúcia Ozana Zolin em seu artigo intitulado “Literatura de autoria feminina” de 2004. Começando das escritoras nascidas de meados ao final do século XIX, como Júlia Lopes de Almeida e Carolina Nabuco, depois, Lúcia Miguel Pereira, nascida no ano um do século XX. Pulando para os anos de 1910, trabalharemos com a obra de Rachel de Queiroz. Nascidas nos anos vinte são Lygia Fagundes Telles e Patrícia Bins. Anos à frente, Lya Luft, nascida em finais da década de trinta, e, para finalizar, Ivana Arruda Leite, nascida na década de 50. A intenção é a de poder mostrar um percurso da temática amorosa na narrativa feminina brasileira durante seus poucos anos de existência ou visibilidade.

Começando pela década de 1860, nascida no Rio de Janeiro em 1862, temos a escritora e abolicionista Júlia Lopes de Almeida com esposo e filhos também escritores. Sua produção ficcional envolve romances, contos, literatura infantil e textos dramáticos. Entre

toda essa produção, podemos destacar seu romance *A intrusa* publicado no começo do século XX inicialmente como folhetim em jornais.

Neste romance, temos a história do acontecimento amoroso entre o viúvo Argemiro e sua governanta Alice. Argemiro nos é apresentado como um viúvo que há 9 anos vive sozinho por ter prometido à sua esposa moribunda e ciumenta que jamais se casaria com outra mulher. Essa tarefa de permanecer solteiro, entretanto, não parece ser dificilmente mantida pelo personagem que se mantém apaixonado por sua mulher morta. Argemiro resolve contratar uma governanta para que a casa esteja sempre capaz de receber sua filha e para que esta tenha sempre uma companhia feminina. Aí, então, surge Alice.

Por ser viúvo a procura de uma governanta em sua casa foi muito criticada, já a princípio pelo padre Assunção, muito amigo:

– Estás doido! Não caias nessa asneira... Olha que chamas o perigo para casa. [...]– Olha que essas madamas trazem anzóis nas saias... Quando menos pensares... estás figgado... E tu que és bom peixe! É uma raça abominável, a das governantas... Verás amanhã que afluência de francesas velhas à tua porta! Feia ou bonita, a mulher é sempre perigosa (ALMEIDA, s/d p. 04)

Mas Argemiro insiste ao padre e a todos os seus próximos que não há perigo algum em manter uma mulher em casa visto que seu amor ainda e sempre será da falecida. Além do mais, após a entrevista com Alice, do pouco que a pode ver, confessa que: ““Parece-me feia...” – pensou ele consigo” (ALMEIDA, s/d, p.07), fator que parece somar-se ao amor a sua mulher morta para impedir que algo a mais aconteça entre ele, viúvo sozinho e Alice, uma jovem de 25 anos. Sobre seu amor por sua mulher, é necessário acrescentarmos o trecho abaixo; este tipo de declaração acontece ainda mais vezes, mostrando-se Argemiro um viúvo eternamente apaixonado:

A minha viuvez é tão saudosa, tão viúva, que só vivo para senti-la. Não digo senão a ti estas coisas, com medo de parecer ridículo. Tu me compreenderás: foste seu amigo, seu confessor, soubeste mais da sua alma do que eu mesmo, darás razão a este aferro. Amo minha mulher através do tempo, com a mesma tenacidade dos primeiros dias. Ela preside à minha vida, soberanamente. Expliquei à outra, que aí veio, que só uma razão me obrigava a impor-lhe esta cláusula extravagante: não querer dar azo à maledicência e aos comentários dos criados... Como se isso me importasse! (ALMEIDA, s/d, p.08)

Houve, também, logo na primeira conversa entre patrão e empregada a condição imposta de que ela deveria manter-se longe dele. Assim, eles não deveriam

encontrar-se pela casa, sempre que ela sentisse a presença próxima do patrão deveria retirar-se; alguns códigos foram sendo internalizados pelos dois para que essa situação fosse possível, o patrão, por exemplo, sempre que saía de casa apertava a campainha para que Alice pudesse transitar com maior tranquilidade pela casa. De tal forma Alice é uma personagem de corpo invisível, como analisa Elódia Xavier em seu texto “O corpo invisível” presente no livro *Que corpo é esse?* de 2007. A presença dessa personagem é sentida por Argemiro apenas pelas mudanças na casa, na arrumação, na diminuição das despesas, e na educação a que dá a sua filha que de bruta vai rapidamente passando a moça de bons modos. Não menos devagar, devido a essas melhoras percebidas pelo viúvo, Alice vai conquistando o respeito e admiração de seu patrão; em alguns momentos podemos até vislumbrar uma diminuição na admiração do viúvo por sua morta Maria, em detrimento da grande admiração por Alice. Esta parece ir tomando o lugar com ainda alguma vantagem da morta tão adorada pelo viúvo por conta de ser uma moça tão prendada e bem educada. Certo dia, em conversa com o padre seu amigo, confessa Argemiro:

Que diferença! basta olhar. Tu, que és mais observador, repara: está tudo luminoso, tudo límpido, tudo bem arranjadinho... hein? Há outra atmosfera nesta casa; estou melhor aqui do que em parte nenhuma, porque em tudo me parece haver o propósito de me ser agradável. Abre essa gaveta, e verás como está bem arranjadinha a minha roupa branca. Um primor! E o que me delicia é sentir a alma desta criatura, que aqui tenho debaixo do meu teto, sem que nunca os meus olhos a vejam nem de relance... Glória tem aqui uma excelente companheira e a minha casa uma alma inteligente, que lhe faltava desde a morte de Maria, que aliás não era tão prendada... Enfim, enquanto eu me visto, examina essa caderneta, acolá, naquela mesa... (ALMEIDA, s/d, p. 27)

Diferente de Alice, Maria é retratada sempre pela beleza e delicadeza dos traços, e esta beleza, as qualidades que conquistaram Argemiro:

Apoderou-se dele uma doce tristeza. Não poderia amar nunca mais! Nunca mais? Fora tamanho o encanto da sua Maria, que nenhuma outra mulher tivesse jamais o poder de o emocionar? Nenhuma! Ela perdurava no seu espírito como o conjunto de todas as perfeições. A sua figura esguia e branca, que a cabeleira aureolava de ouro pálido, plantara-se no seu coração como uma sentinela pronta a repelir a invasão de um sentimento amoroso, por mais leve e sutil que ele fosse. (LOPES, s/d, p. 23)

Assim, o encantamento por Alice parece ser ainda superior ao por Maria, pois Alice mesmo sem apresentar-se fisicamente atrativa para Argemiro, sem mesmo apresentar-se fisicamente a ele, consegue conquista-lo. Interessante trazer sobre esta questão a análise de Xavier sobre a perspectiva da escritora:

Júlia Lopes de Almeida, dentro dos princípios cristãos, preserva a dicotomia corpo/alma, privilegiando a alma em detrimento do corpo. A invisibilidade do corpo da protagonista não a impede de conquistar Argemiro, que se compraz com o aroma, a música e a beleza da casa. (XAVIER, 2007, p. 30-1)

O que talvez à época pudesse ser lido como algo realmente de muita lisonja à Alice, pela forma como consegue conquistar o coração de um homem que jurava amor eterno e não se sentia capaz de apaixonar-se por outra mulher que não a sua já morta, hoje, pode ser lido já com alguma crítica. Não negamos aqui a sinceridade do sentimento do patrão, mas se levarmos em conta toda a situação, não podemos deixar de concordar com as palavras de Xavier no artigo já citado, assim, Alice “passa de governanta a dona de casa, ganhando um marido pelos serviços prestados...” (2007, p. 29). O que faz com que Argemiro se apaixone por Alice, por mais elaborada que seja a linguagem para elogiar e falar da governanta, são suas habilidades em cuidar de uma casa e de uma filha; é seu papel de perfeita dona do lar que o faz substituir Maria.

Nascida em 1890, com formação europeia e descendência de renome, Carolina Nabuco escreveu várias biografias e entre elas, duas sobre seu pai Joaquim Nabuco. A ficção literária, entretanto, também teve espaço em sua produção. Dois livros destinados a crianças, e dois romances. Entre esses, o de maior sucesso, chegando a ser transferido para a televisão, com novela homônima, foi *A sucessora*, de 1934. Sobre essa obra, é interessante deixar duas opiniões no que tange à construção dos papéis femininos. Em introdução desse romance pela editora TecnoPrint, Osmar Barbosa nos diz que a escritora “procura questionar o valor da mulher, de certa forma brasileira, arcaizada por um sem-número de tabus e tradicionalismos superados”. Elódia Xavier parece ter opinião um pouco diferente ao enquadrar a produção desta escritora na primeira fase da escrita feminina, esta ainda presa aos valores patriarcais, pois:

Embora mais elaborado do ponto de vista psicológico, não escapa do processo de imitação dos valores vigentes, uma vez que a protagonista resolve seu conflito interior a partir do momento em que se percebe grávida; é como reprodutora que ela supera o fantasma da primeira esposa estéril...Ainda estávamos sob o domínio do determinismo biológico. (XAVIER, Apud ZOLIN, 2004)

Claro que nesta época, o amor era, de certa forma, revolucionário, mas esse sentimento como base para um casamento não extinguiu o fato de as mulheres ainda serem dominadas por uma subserviência aos homens e aos padrões sociais, ainda muito moralistas. Sobre a relevância do sentimento amoroso neste romance, duas cenas devem ser consideradas. Quando, já casada, Marina é beijada por seu ex-noivo, e logo pensa na repreensão que sua mãe daria se soubesse de tal acontecimento:

Seu espírito, habituado desde a infância ao exercício salutar do exame de consciência, guiado nele por sua mãe, voltou-se para o episódio principal da visita de Miguel. O beijo fora incontestavelmente um pecado... Dona Emília acharia. “Mamãe ficaria horrorizada...” [...] Marina sentia a reprovação materna e concordava com ela. (NABUCO, s/d, p. 70)

Há, entretanto, um momento em que Marina debocha dos ensinamentos de sua mãe. Dona Emília, enquanto Marina ainda era noiva de Miguel, pede para que a filha não desse liberdades ao noivo, entre essas liberdades, o beijo. Esse conselho Marina sempre seguiu enquanto noiva de Miguel. Contudo, confessa que não levaria a sério essa advertência de sua mãe ao pensar nesta mesma situação envolvendo Roberto, seu futuro esposo e a quem ama:

- nosso primeiro beijo, disse Miguel.
Nunca a beijara em Santa Rosa. Logo que ficaram noivos, Dona Emília prevenira Marina, com tom severo, que filha sua não se deixaria beijar por um mero noivo. No código de dona Emília, que não sofrera a influência do cinema, um beijo era coisa grave nas famílias. Marina teria rido da advertência se tivesse sido feita a respeito de Roberto. (NABUCO, s/d, p. 69).

O riso de Marina, entretanto, é menos por achar a ideia de sua mãe arcaica que por achar que, se a questão é amor, essas limitações são desnecessárias. Isso porque, na prosa de Nabuco, se há alguma reivindicação quanto à mulher, esta é a da liberdade para amar, mas desde que no casamento. Quando Marina é pedida em casamento por Miguel, por não sentir amor por ele, pensa logo em recusar, mas escuta de sua mãe que aceitasse mesmo que não houvesse amor, pois o importante era mesmo o casamento:

Marina exclamou desolada:
– Mamãe é a favor deste casamento!
– nunca falei, mas sempre fui. Eu já estou velha e não quero deixar você sozinha neste mundo. Gostaria de ver você casada com alguém que garanta sua felicidade. Se for Miguel, posso morrer em paz. A vida não é feita para mulheres sós no mundo, sobretudo mulheres criadas como você. (NABUCO, s/d, p.25)

É importante enfatizar que não é a instituição do casamento que recebe a crítica, ou seja, não é o casamento como fim mais acertado para uma mulher que é questionado. O casamento continua sendo uma aspiração feminina, mas o sentimento amoroso, a época de Marina indo contra a da sua mãe, é fundamental para que isto ocorra.

Este amor que o romance traz é completamente romântico; o sentimento é instantâneo e inexplicável, ou como diz Roberto, aquele que Marina escolheu como seu amado, “fulminante”:

Marina percebeu que ela e Roberto tinham o aspecto de namorados. Sentiu o enlevo iluminando-lhe o rosto; os olhos de Roberto ardiam. Esforçou-se em conservar no espírito as palavras da mãe, “Ele não casa com você”, para fazer calar a esperança de que Roberto iria dizer coisas decisivas.

– será muito cedo para mudar de noivo? Perguntou Roberto.

[...]

– Não acho muito cedo, não, respondeu.

– O nosso caso foi fulminante, disse Roberto, e beijou-a. (NABUCO, s/d, p. 37)

Depois de encontrar seu amado, Marina, sente que enfim vive, como se fosse esse mesmo seu único dom, ou sua única habilidade. O que fica da leitura deste romance é que a mulher é feita para o amor, torna-se mulher pelo amor: “Os anos anteriores à vinda de Roberto, toda a existência serena e monótona da fazenda desde a meninice pareciam-lhe um simples cenário, já preparado, mas onde, até o dia em que Roberto apareceu, ninguém se movia nem falava” (NABUCO, s/d, p. 18).

O problema que a personagem enfrenta é o de ter de conviver com a sombra da ex-mulher morta de Roberto, que ainda possui um quadro com seu rosto dentro do casarão; e é isto que a personagem precisa superar, e supera, como já dito por Xavier, cumprindo o fim último à mulher daquela época: a maternidade que significava a verdadeira união entre esposo e esposa.

De 1901, Lúcia Miguel fez sua marca no mundo literário pelo viés da crítica e da história. Ocupando lugar ainda mais masculino que o da ficção, em sua época, pouca repercussão têm seus romances em detrimento de sua obra crítica e historiográfica. Curioso é que sua obra literária, haja vista o plural usado no período anterior para designar seus romances, não é numerosamente pequena. Possuindo quatro romances e um conto, este apenas recentemente publicado em livro, surge como romancista em 1933 com *Maria Luiza*, e dá prosseguimento a este ofício até o ano de 1954 com a publicação de *Cabra-cega*.

Numa tentativa de interpretação geral da obra de Lúcia Miguel, Patrícia da Silva Cardoso, organizadora da edição de reunião das obras da escritora, em seu posfácio, comenta que os quatro romances de Pereira trazem as etapas de uma transformação da mulher:

Eles figuram as etapas dessa transformação em toda sua complexidade, de modo a evidenciar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres que não mais aceitam ser exclusivamente mães e esposas, como não aceitam ser relegadas à condição de prostitutas, que buscam um meio-termo entre o sufocamento do lar e o abandono da rua. (CARDOSO, 2005, p. 501)

Nesta linha de pensamento, *Maria Luiza*, o primeiro romance da escritora, apresenta a crítica ao estereótipo feminino que segrega as mulheres ou em santas ou em prostitutas, de maneira irônica. Resumidamente, o romance traz a personagem Maria Luiza como protagonista tanto da perspectiva da narrativa, quanto de seu casamento e de seu lar, assim como de assuntos religiosos. Muito moralista e orgulhando-se de sua conduta moralmente impecável, incomoda-se com as maneiras levianas de sua cunhada após a morte do marido. Após três anos da morte do irmão de seu marido, Maria Luiza passa a ouvir boatos de que a sua cunhada, a viúva, mantém um relacionamento com outro homem, que, ao que nos parece, é casado. Mesmo sem verificar a validade das informações, julga sua cunhada, principalmente pelo modo despreocupado como leva a vida, como culpada e faz forte campanha para que sua família mantenha distância de tal mulher. Entretanto, após um acontecimento inesperado pela descrição imparcial de seu comportamento moralista, sua maneira de julgar a cunhada torna-se outra: “era como se o erro as tivesse irmanado” (PEREIRA, 2005, p. 96).

Passando férias em uma casa de campo, recebe sem avisos a visita de um amigo muito admirado de seu marido, que devido a problemas na cidade, não o pode acompanhar. A personagem deixa-se levar pela sensação de novidade trazida por Flávio, o amigo de seu marido, que “Quando julgava tudo morto, via rasgarem-se as perspectivas maravilhosas. Como tudo era novo, e belo e alegre!...” (PEREIRA, 2005, p. 72). A satisfação pessoal da personagem ao desfrutar o amor é extrema. Suas emoções e sentimentos são descritos pelo narrador com euforia:

dias de ilusão e de loucura [...] julgara estreitar em seus braços o amor, aquele amor perfeito e dominador que nunca sonhara, que entrara nela como uma revelação milagrosa. [...] era grande demais para ser mau [...] que completava bem a mulher nova, pervertida e animalizada que sentia debater-se dentro de si. (PEREIRA, 2005, p. 78-9)

A paixão que notadamente não havia em seu casamento, consegue, mesmo que não buscando, por um adultério. Aí, então, Maria Luíza passa a perceber o real funcionamento do meio em que vive; por meio de seus irônicos pensamentos revelados a nós pelo narrador, chega à conclusão de que o importante é aparentar ser a esposa devota que sempre fora, por que são tudo apenas aparências:

Fiel ao seu programa, limitava-se a zelar pela saúde dos meninos e os abandonou por completo à influência dos professores. Retirou-os do colégio em que estavam, um instituto leigo, e os meteu semi-internos num estabelecimento de padres. Religiosos mentiriam com maiores aparências de verdade. (PEREIRA, 2005, p. 89)

Após dias de culpa, devido a suas conclusões, volta a ser, ao menos externamente, a mesma Maria Luiza de antes do adultério, de antes da paixão. Uma das conclusões da professora Cardoso, no posfácio de sua edição das obras completas de Pereira, é a de a obra de Lúcia Miguel trazer a constatação de que “sexo e casamento não são sinônimos, que o primeiro não está condicionado ao segundo” (CARDOSO, 2005, p. 501); ou seja, se concordarmos com Ana Silvia Scott, em seu artigo sobre os arranjos familiares, ao dizer que ainda nessa época o casamento era uma instituição praticamente indissolúvel, e que somente nos anos 40, no Brasil, o afeto passa a ser realmente levado em conta para o sucesso do matrimônio, poderemos vislumbrar uma insatisfação da escritora quanto às barreiras que impedem, além de outras coisas, o prazer e a felicidade amorosa femininos. A esta questão ressalta-se o feminino porque como bem mostra em sua obra, o pecado do amor e da paixão é só da mulher, visto que, segundo observações do pai de Maria Luiza, “Mesmo nos melhores: os homens eram tão diferentes das mulheres, tinham tantas fraquezas incompreensíveis... [...] não era culpa deles, coitados, era a sua natureza. As mulheres não os podiam entender, felizmente para elas. Não tinham as mesmas tendências más - nem as mesmas atenuantes” (PEREIRA, 2005, p. 83). Considerando essas palavras após conhecermos do adultério de Maria Luiza, não fica difícil entrever tanto ironia por parte da autora, quanto um desagrado pela desigualdade social e moral entre gêneros.

Primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras, Rachel de Queiroz nasceu em 1910 em Fortaleza, no Ceará. Contista, romancista, cronista, dramaturga e tradutora, a escritora trabalhou como jornalista e sua obra é reconhecida pela temática social. Seu primeiro romance, *O Quinze*, publicado na década de 1930 foi recebido com muito entusiasmo pela crítica, sua obra foi muito admirada pelos escritores e críticos da época.

Esse romance, como os romances regionalistas da década de 30, é o típico romance de denúncia, como enfatiza Izabel Carvalho da Silva, em seu artigo sobre a identidade da personagem principal da trama, Conceição. A narrativa fala sobre a seca intensa de 1915 e entre as histórias de perdas decorrentes dessa seca nos é narrada a história amorosa entre Conceição e Vicente. É importante já dizer que a relação entre Vicente e Conceição não é uma história de amor consumada; Conceição se apresenta muito diferente das meninas de sua época que eram destinadas ao casamento e isso influencia muito no final do par amoroso. Silva, no artigo aqui já apresentado, “A construção da identidade da personagem Conceição na obra *O Quinze* de Rachel de Queiroz”, diz que Conceição “não aceita a maioria das concepções adotadas pelas outras mulheres da sociedade” (2009, p.04), e é esta sua personalidade independente que inviabiliza seu relacionamento com Vicente.

Ao apresentar a personagem de Conceição o narrador diz que esta, solteira aos 22 anos, não pensava em casamento e interessava-se por leituras, até mesmo as de cunho socialista. A princípio, a personagem não parece dar sinais de insatisfação por não ter encontrado um marido e por não ter montado uma família. Essa sua escolha, ou situação, não é bem aceita pela sociedade em que vive, principalmente por sua avó que acredita que o destino da mulher é casar e constituir família e “sentenciava que mulher que não casa é um aleijão” (QUEIROZ, 1972, p. 31).

Seu relacionamento com Vicente é um tanto quanto estranho, a narrativa nos deixa sabendo da afeição de um pelo outro; as outras personagens também sabem de certo envolvimento entre os dois, chegam até a falar em um namoro entre eles, mas, bem dito, não há nenhuma palavra durante a narrativa que tenha firmado algum compromisso entre eles. É tudo um tanto vago.

Diferente de Conceição, Vicente não tem estudos, é rude e tem pensamentos relacionados ao casamento até mesmo opostos; o que nos parece é que Conceição preza sua liberdade, sua autonomia, mas para Vicente uma mulher casada é propriedade do marido. Em ocasião de uma visita à Conceição, numa conversa sobre Conceição andar sozinha pela rua, Vicente diz que “se eu lhe mandasse, só deixava sair com uma guarda de banda” (QUEIROZ, 1972, p. 81).

Vicente, pensando na vida, em certo momento atribui à Conceição seu único motivo de paz, Conceição, mostra-se enciumada quando sabe de algum namorico de Vicente. Entretanto, apesar de a narrativa nos dar a expectativa de um desfecho de união entre o casal, depois de um encontro entre eles, no mesmo encontro em que acontece a fala acima citada, ambos começam a dar-se conta da impossibilidade de os dois seguirem com o romance.

Vicente achando-a pedante demais no seu modo intelectual de ser e “ele foi descobrindo uma Conceição desconhecida e afastada, tão diferente dele próprio, que, parecia, nunca coisa nenhuma os aproximara” (QUEIROZ, 1972, p. 83); Conceição entendendo que Vicente era xucro demais para sua rotina de leituras e pensamentos e:

Pensou no esquisito casal que seria o deles, quando à noite, nos serões da fazenda, ela sublinhasse num livro querido um pensamento feliz e quisesse repartir com alguém a impressão recebida. Talvez Vicente levantasse um “é” distraído por detrás do jornal... mas naturalmente a que distância e com quanta indiferença... Pensou que, mesmo o encanto poderoso que a sadia fortaleza dele exercia nela, não preencheria a tremenda largura que os separava. (QUEIROZ, 1972, p. 85)

Por mais que a história dos dois pareça acabar por aí, ainda esperamos que algo aconteça, que de alguma forma os dois mudem de opinião, como se essas incompatibilidades fossem apenas um empecilho romântico. Percebemos a tristeza de Vicente ante o desdém que sentiu por parte de Conceição na última visita, sua irmã chega a concluir que seu irmão sofria de uma “dessas penas de amor, igual às que exaltavam os heróis dos seus romances” (QUEIROZ, 1972, p. 127). Por parte de Conceição podemos querer acreditar também que o sentimento será ainda mais forte que seus ideais e pensamentos. Logo após perceber que ela e Vicente eram incompatíveis o narrador nos revela seu sentimento de estar solitária no mundo, já que sem o amor de um homem. No final do romance, ao presenciar a felicidade de sua prima com seu marido, fica pensativa entre rejeitar o que a sociedade impunha como destino de mulher e a felicidade de Lourdinha:

– Estava pensando que Lourdinha é muito feliz...
O rapaz insinuou um galanteio:
–Mas, Dona Conceição, a senhora não tem felicidade igual porque não quer... [...] Nasceu para ser só? Olhe Dona Conceição, já não ouviu dizer: “Vae Solis!” Não crê na sabedoria dos antigos?
[...] Em caminho pensava na citação do rapaz:
“Vae Solis!” Pedante! Mas Loudinha parecia tão feliz com a filhinha...”
(QUEIROZ, 1972, p. 136-7)

Mas a trama romântica não vai adiante e tanto Conceição quanto Vicente, na última cena, não apresentam nenhum impulso apaixonado renegando cada um a sua identidade pelo outro: “Vicente chegou as esporas ao cavalo, que arrancou, num grande impulso. E conceição o viu sumir-se no nevoeiro dourado da noite, passando a galope, como um fantasma, por entre o vulto sombrio dos serrotes” (QUEIROZ, 1972, p. 138).

Nascida em 1923, Lygia Fagundes Telles é formada em Direito e Educação Física; começou sua carreira literária com sua primeira publicação em 1938 com livro de contos, mas seu trabalho como romancista nos apareceu apenas em *Ciranda de pedra* no ano de 1954, primeiro romance de, até o momento, 4 que já publicou. Entre esses, *Verão no aquário* foi o segundo vindo 10 anos após o primeiro, em 1964, sua temática mais comentada é o conflito entre mãe e filha, mas como nos traz duas personagens mulheres e jovens da década de 1960, década revolucionária na maneira de a mulher viver e amar, os conflitos amorosos estão também muito presentes.

Raíza, personagem principal e também narradora, é uma jovem em conflito com sua mãe; mas seu conflito maior parece ser consigo mesma, num desespero de saber qual a maneira certa de viver e amar, duas coisas que em suas falas percebemos ser inseparáveis. Raíza tem algumas pessoas à sua volta que precisam ser apresentadas. Marfa é sua prima que está quase sempre por perto, principalmente em festas onde usam álcool e outras drogas, acontecimentos em que também o sexo aparece muito; Marfa, diferente de Raíza é cética e demonstra ter pouca inquietação com sua vida boêmia. No decorrer da narrativa vamos descobrindo que Marfa teve relações sexuais com o namorado de Raíza e esta, por sua vez, com o namorado de Marfa; por mais que esses acontecimentos não sejam muito bem vindos, são encarados pelas personagens sem muito drama, às vezes com muito cinismo, e essas ações parecem não abalar muito a relação de uma com a outra, muito mais por acreditarem na efemeridade e perversidade amorosa ou humana que por terem acordado uma amizade muito forte.

Tanto Raíza quanto Marfa vivem em uma vida boêmia, amores fugazes, sexo sem compromisso, uso de drogas e muito álcool. Como já dito, Marfa lida bem com isso, mas Raíza vive num conflito interno e constantemente se entrega a esta vida para nos momentos que se seguem às noitadas arrepender-se e odiar-se por esta vida que leva, acreditando que seria uma pessoa melhor e mais feliz se não fosse uma mulher vulgar. Em um diálogo com sua prima Marfa, Raíza nos apresenta sua visão dualista do feminino, visão que parece apenas retirar da sociedade ao seu redor, em pleno ano de revoluções comportamentais. O motivo da fala de Raíza era o noivado do namorado de Marfa com outra mulher:

– Ora, Marfa, não será preciso ir ao analista para saber por que ele vai casar com outra, eu lhe direi já, Eduardo é boêmio mas equilibrado, ele só casaria com uma moça normal, acabou-se. Homem para casar com moças do nosso tipo tem que ter um pouco o espírito daquela gente do exército da Salvação,

sabe como é? Aquela gente por demais otimista, que canta hinos enquanto vai recolhendo esmolas num caldeirão.

– Mas eu não me deito no divã para fazer essas perguntas, isso tudo eu já sei. (TELLES, 1998, p.100)

E é esta outra mulher que parece querer Raíza, uma mulher com quem um homem se casaria, em castidade parece ser para ela a única possibilidade de ter o amor que por sua vez é a salvação que espera: “– Só sei que há pouca esperança para nós, Marfa. Sinto às vezes que eu poderia me salvar se amasse, mas teria que ser um amor verdadeiro e que me tocasse assim como uma graça, não esse arremedo de amor” (TELLES, 1998, p. 58); e ainda: “– Quero amar, em qualquer tempo é possível o amor e no amor está a salvação, só no amor, Marfa! Só no amor” (TELLES, 1998, p. 115);

Outra personagem importante é sua mãe, Patrícia, com quem mantém um duelo constante; Patrícia é escritora e Raíza costuma muito criticar as personagens dos livros de sua mãe, por serem muito idealizados, muito fora da vida real, assim como julga ser sua mãe. Quem fala sobre essas personagens de sua mãe é também Fernando, seu namorado, quando faz suas reflexões sobre o amor real, aquele que existe e que é efêmero, ao contrário do das personagens da mãe de Raíza:

Duração eterna, laços indissolúveis e outras coisas igualmente melancólicas ficam para as personagens dos livros de sua mãe, acrescentou ele com um sorriso. Umas mulheres tão maravilhosas... Alimentam-se de mel e orvalho, são possuídas nos bosques por uns homens mais maravilhosos ainda, tudo assim tão nobre, tão espiritual. Sei, mas a gente também tem um tubo digestivo.” (TELLES, 1998, p. 18)

Essa ironia de Fernando quanto aos personagens da mãe de Raíza não se direciona apenas à Patrícia, mas parece ser em especial para Raíza que, mesmo também criticando o mundo ficcional de sua mãe, parece querer viver nele, e assemelhar-se a ele sua forma de ver ou querer o amor:

O espontâneo pode ser o sinônimo do amor, disse ele estendendo a mão para mim. No instante em que se começa a fazer os tais projetos é porque o amor já passou a ceder lugar a outra coisa. Quero que saiba, meu carneirinho, que não posso oferecer nada mais do que te ofereço agora. Posso me separar da minha mulher e dos meus filhos para nos casarmos, quer se casar comigo? Hein? ... Mas isso também não significa esse *para sempre* que você tem o mau gosto de repetir. Já me casei umas quatro ou cinco vezes, esta seria a sexta ou sétima, nem sei!... é o que você quer? Não é, eu sei que não. Você quer ser amada como as heroínas dos livros de sua mãe.” (TELLES, 1998, p. 40)

Raíza se vê então dividida entre a garota livre, dessa revolução comportamental, e aquela ideal, dos bons costumes da geração passada. Baseando sua vida, ou a felicidade de sua vida no amor, hora se agarra a algum homem sexualmente por medo da solidão, “Você tem medo de ficar sozinha, Zazá, você tem medo e por isso me segura embora não me ame. E com isso acaba ficando mais só ainda” (TELLES, 1998, p. 50); hora busca a salvação da sua vida em alguém que significa o amor divinizado, idealizado, este é André, personagem com quem Raíza constantemente sonha como seu par ideal, mas que, sabemos, é mais outra forma de preenchimento de algum descontentamento:

– André, eu te amo.

– Não, você não me ama, você cismou comigo, tudo não passa de um simples capricho, prosseguiu ele pondo-se a andar de um lado para o outro como um animal enjaulado. Eu não pretendia dizer-lhe o que vou dizer, mas você fica insistindo. Pois bem, talvez seja melhor esclarecermos de uma vez por todas, o seu interesse por mim existe exclusivamente porque você desconfia que sua mãe e eu... [...] Exatamente, é esse seu juízo de a nosso respeito e desse juízo nasceu essa ideia de amor. Mas você confunde amor com ciúme, tem ciúme dela e fica então a desafiá-la o tempo todo. (TELLES, 1998, p. 96)

No seu vai e volta de vidas ou personalidades, Raíza constantemente deseja André, o amigo de sua mãe que estuda para padre; pensa nele tanto como um ser sexual quanto como num ser etéreo, dependendo de qual visão de mundo que resolve adotar. assim, a dificuldade de adequação em uma sociedade que ainda separa pecadoras de santas, mulheres para casar e mulheres para encontros sem compromisso, torna-se clara neste romance por meio da personagem Raíza.

O narrador da história, entretanto, apesar de não nos deixar claro o que acontece com a personagem principal, nos dá um final esperançoso. Após ter relação sexual com o seminarista André, este comete suicídio e Raíza pensa ter sido sua culpa; sua mãe, Patrícia retira a culpa de sua filha ao dizer que este seu ato era inevitável, e que ele já tentara o suicídio mais de uma vez. Mãe e filha parecem se reconciliar, e mais, parece surgir um novo romance para Raíza que a narrativa nos sugestiona ser o começo de uma nova vida. O médico que cuidara do caso de André, a quem Raíza descobriu um cheiro de árvore e com quem sentiu certa afinidade desde o começo:

– É o médico. Receba-o você, filha.

[...] Descobri que queria rever o homem com cheiro de árvore.

– O senhor pode entrar.

Enxuguei as lágrimas. E fechei a janela ao sentir o sopro frio do vento. O verão terminara. (TELLES, 1998, p.206)

A narrativa toda se dá no verão, Raíza faz questão de nos mencionar este fato e como o calor desta estação parece impedir de algumas ações; este final, por isto parece um recomeço, acabado o verão, a entrada de uma nova estação e de um novo possível amor. A salvação pelo amor.

De pais estrangeiros, nascida em 1928, Patrícia Bins foi educada sempre em colégio americano; o que a tornou professora de língua inglesa muito cedo, fato que comprova sua formação intelectual. A questão amorosa em seus textos figura-se desde o início, com o seu primeiro poema “O beijo”, poema no qual se refere à emoção que antecede um beijo; este ainda muito nova, na década de quarenta. Escrevendo contos e crônicas no jornal *O correio do povo* desde 1968, somente na década de 80 surge sua primeira publicação em livro que é seguida de várias outras, e, entre essas publicações, sua *trilogia da solidão* começando em 1983 com *Jogo de fiar*, em 1984 com *Antes que o amor acabe* e finalmente, em 1986, *A janela do sonho*, cuja narrativa encaixante revela várias histórias amorosas.

Em *A janela do sonho*, muitas personagens nos são apresentadas e desvendadas a partir da suposta narrativa de uma das personagens, a já velha, Maria. A temática amorosa aparece de maneira tanto crítica quanto triste. Da necessidade de amar à impossibilidade de amar: “Preciso amar e não sei” (BINS, 1986, p. 87) recorre uma personagem às figuras mentais de seus pais ante sua inabilidade a sentimento que parece ser tão valoroso.

Maria, a aparente narradora, na solidão de sua velhice, traz detalhes de sua juventude que a levaram à solidão. Conta-nos de seu abandono pela família e da culpa sentida pela morte da filha, a quem amava e, por inveja, odiava tanto. Sabemos mais tarde que foi abandonada pelo marido, e, antes de conhecermos toda a história, somos induzidos a culpar Maria e compreender seu abandono, e esta culpa não é senão por falta de amor. Enquanto seu marido viajava em busca de suas origens, seu quarto vivia cheio de amantes, quando é surpreendida pela volta daquele que por ódio da traição desaparece. O narrador, a princípio, nos apresenta uma Maria fria e depressiva incapaz de amar, incapaz de sentimento bom. Ao falar da inconstância de tratamento a Matheus, seu marido, diz o narrador: “Anjo ou megera, papel nenhum desempenhara convicta porque, no fundo, não era dupla, era múltipla e se desconhecia. Por se desconhecer, ignorava a mínima esperança de amar” (BINS, 1986, p. 35). Essas traições, assim, nada mais eram que a prova de que não amava seu marido, que, ao

contrário, muito a amava. A crítica junto com a reivindicação do direito de ser livre para amar, assim como os homens o têm, vem pelas falas do próprio Matheus, anos depois: “Confesso que me entreguei aos prazeres da carne [...] recordo o quanto sofri, perturbado por minhas absurdas infidelidades e por me mascarar de bom marido, naqueles cartões enviados esporadicamente. [...] Mas, por que o homem trai e à mulher é negado esse direito?” (BINS, 1986, p. 123-124). Ainda, nesta inabilidade ou de amar ou de reconhecer e demonstrar o amor por parte de Maria, uma mulher, podemos ver uma maneira de desconstrução de um estereótipo que relega à mulher o sentimento amoroso como algo orgânico.

As outras relações nos apresentam casamentos falidos, que se mantêm, a despeito da falta de amor, preso aos filhos. Martha, Isaías, Myriam, todos numa ânsia de amar, mas sem saber. Martha, esposa de Isaías, pergunta a sua sogra, Maria, numa insistência que revelava uma vontade de identificação com sua amargura, se um dia Maria amou. Martha revela, em algum de seus pensamentos, que não lembra um dia ter amado seu marido, “naquela época se amavam ainda, ou não chegaram a se amar?” (BINS, 1986, p. 57), e que por ele sentia apenas desejo de cuidados, como a um filho. Não lhe importava a existência de amantes, que julgava, a um homem, muito necessário. Myriam, “anseia pela graça, a graça do amor.” (BINS, 1986, p. 27), e parece encontrar em Isaías um corpo possível para esta sua necessidade, mesmo com seus defeitos, e embora não saiba realmente se o ama: “se ela acreditasse no amor, no seu amor. Ou mente? Ama-o porque escapa das suas mãos, areia movediça, irreal” (BINS, 1986, p. 28). É a necessidade, a impossibilidade e o medo de um sentimento que neste romance parece ter a importância de ser o maior bem que se pode ter em uma vida. E Isaías, com mulher e amante, em desespero, implora: “Preciso amar e não sei” (BINS, 1986, p. 87).

Lya Luft é nascida nos anos finais da década de trinta. Seu início, nos anos 60, literário foi com traduções de autores consagrados do inglês e alemão para o português. Tempos depois, partiu para poesias, romances e crônicas. Seu romance escolhido para a análise foi *As parceiras*, de 1980, e fala, sobretudo, sobre o amor, ou talvez sobre a falta de amor. Neste romance psicológico e memorialista, a personagem Anelise, já envelhecida e definhando em solidão, decide compreender sua trajetória marcada por medos, anseios e desilusões. Dá-nos uma pista importante para a compreensão do erro de sua vida, ou da vida de todas as mulheres de sua família, que poderíamos generalizar para o grupo feminino em geral. A chave de todo os desastres na sua vida e na de suas irmãs, e ainda na de sua mãe e na de suas tias, parece ser culpa do amor, ou como já dito, da falta de amor, de uma

impossibilidade de amar. Assim, o livro todo parece ser uma denúncia de violência onde deveria ser amor.

Anelise começa sua narrativa como que denunciando uma violência contra Catarina, que, mais à frente saberemos ser sua avó; ela diz: “Catarina tinha catorze anos quando se casou, penso, [...] Catorze, recém-feitos. Jogaram com ela um jogo sujo. Não podia mesmo aguentar” (LUFT, 1983, p. 11). Páginas depois, explica melhor:

Quando casou, Catarina von Sassen mal começara a menstruar. E, se já não acreditava piamente que o sinal no dorso de sua mão vinha duma bicada da cegonha, também não tinha certeza de como os bebês entravam e saíam da barriga das mães. Casamento era para ela a noção difusa de abraços e beijos demorados, e alguma coisa mais, assustadora. Algo de que nunca falavam direito. Como as doenças e a morte. (LUFT, 1983, p. 13)

Este casamento resultou em quatro filhas nascidas, dentre elas, a mãe de Anelise, Nora, uma mulher completamente frágil e inocente; Dora, a transgressora dos costumes; Beatriz, ou como a chamavam, tia Beata, que casara e enviudara virgem, devotando o resto de sua vida à igreja e aos cuidados de suas sobrinhas e irmã, a terceira filha de Catarina, debiloide e anã, a Sibila.

As três filhas fisicamente saudáveis de Catarina casaram-se cedo. Nora, sempre muito etérea, como diz Anelise, casou-se com um homem a quem todos diziam ser o certo para ela, tão bondoso e que “a protegeria da fragilidade de sua existência” (LUFT, 1983, p. 20). Dora casara-se mais de uma vez, era pintora e se julgava independente da família pela transgressão artística e amorosa, em sua época. Beata ficou casada somente três semanas, seu marido logo se suicidou por não dar conta de seus deveres de macho. Dessas, apenas Nora teve filhos, ou melhor, filhas. Vania e Anelise. “É isso que conheço da história das minhas raízes. Uma família de mulheres./ – Uma família de doidas – comentava tia Dora” (LUFT, 1983, p. 15-6).

Os pais de Vânia e Anelise morrem juntos, e as duas filhas ficam aos cuidados da tia Beata. E então, a questão amorosa passa também a interferir na vida dessas duas meninas. Tia Beata, depois de seu casamento frustrado, perdeu a capacidade de amar, as meninas sentiam-se enclausuradas na casa em que com ela viviam e o que mais queriam era sair de lá. Vânia, a mais velha, logo conseguiu, e sua condição de fuga é a mesma da de muita mulher em seu tempo para sair da opressão da casa dos pais, o casamento; também uma opressão, mas carregada de esperança amorosa, tão desejada pelas mulheres. Assim, logo que tiveram de morar com tia Beata: “O noivado de Vânia foi abreviado, ela se recusava a ficar

muito tempo junto de tia Beata, o noivo parecia não simpatizar com nossa família, a tia implicante” (LUFT, 1983, p. 32). Anelise nos conta do sofrimento da irmã, que, apaixonada por seu marido, sofria demais com suas inúmeras traições sabidas por todos: “fiquei com muita pena de minha irmã: traída, desamparada, num silencioso desespero guardando as aparências do casamento” (LUFT, 1983, p. 48).

Anelise também deseja se casar, mas consegue livrar-se de tia Beata antes disso indo morar com sua tão amada e admirada tia Dora, a liberal. A narradora, entretanto, possivelmente pelos resultados negativos que os casamentos familiares anteriores ao seu, escolhe o amor; não exclui o casamento de sua vida, mas o deseja tendo como motivo o amor: “Finalmente pertencia a alguém, e queria pertencer mais ainda, partilhar tudo: casa, cama, pensamentos, corpo, recantos que até eu ainda estava por descobrir. O casamento seria uma aventura de abismo, de tudo-ou-nada, e eu queria tudo” (LUFT, 1983, p. 83).

Com exceção da mãe boba de Anelise, todos os laços em que o amor envolve-se com o sexo, no romance, foram malogrados. O amor puro êxtase de Anelise não durou muito tempo, “está acabando, está acabando. Talvez não ainda o amor, mas a alegria está acabando. O resto vem depois. Todo o cortejo” (LUFT, 1983, p. 103), diz Anelise sobre seu casamento.

“Raízes de Catarina von Sassen” conclui a narradora. Ainda, “Que casamentos foram esses nossos: o de Catarina, inaugurando a cadeia nada secreta que nos ligava tão intimamente” (LUFT, 1983, p. 96). No fim de suas reflexões, Anelise descobre que tudo começou com o sofrimento de uma mulher por ser obrigada a um laço sem amor, sem vontade; denuncia a violência onde deveria haver o amor. A violência claramente não vivida somente por sua avó, mas personificada nessa: “Quando dei por mim, estava instalada no casarão há vários meses, debaixo do sótão onde minha avó curtira sua mansa loucura, e engravidara de Bila numa hora de horror, todo o horror que se cristalizara na figura torta da anã” (LUFT, 1983, p. 33).

Fica-nos clara a interferência desse sofrimento primeiro nos outros sofrimentos. Porque à Catarina foi vetado o amor, à sua descendência também. De todos os modos. Suas duas netas demonstram esta impossibilidade de duas formas; por Vânia, a impossibilidade de ser amada, por Anelise, a impossibilidade de amar. “Raízes de Catarina von Sassen”.

Entretanto, por mais que o romance denuncie a todo o momento essa solidão, esse sofrimento pelo amor ou pela falta de, o fim da história das mulheres loucas geradas por Catarina parece ser positivo, ou ao menos, parece deixar alguma esperança. Vânia

e Anelise não tiveram herdeiros, menos ainda, herdeiras. É como se a marca dos sofrimentos das mulheres como Catarina von Sassen tivesse amainado.

Da década de 1950, Ivana Arruda Leite é mestre em sociologia pela USP, suas obras são bem conhecidas por abordar intensamente a questão feminina. Sua produção é encontrada tanto em meios impressos quanto em meios virtuais, com publicações em blogs literários e no seu próprio o *Doidivana*.

Para a análise da temática amorosa foi escolhido o romance *Hotel Novo Mundo* publicado em 2009. Neste romance são narrados muitos relacionamentos amorosos, com ênfase em relacionamentos homoafetivos; a narrativa principal, entretanto, foca o relacionamento de uma mulher que acaba de deixar o marido e acaba encontrando um novo amor.

Renata é uma ex-prostituta que se casou com um rico e poderoso advogado, ao voltar ao passado e nos contar os anos iniciais do seu relacionamento com César, diz que era baseado em brigas intensas e em uma paixão incontrolável. Durante um bom tempo Renata foi amante de César e por isso não tinham a presença um do outro constantemente:

Mas aí, quando ele chegava, a fissura era tão grande que a gente passava metade do tempo brigando, chorando e culpando o outro pelo inferno que a nossa vida tinha virado. Aos poucos a raiva ia passando, a gente ia se encostando de vagar, se beijando e começava tudo de novo. Era maravilhoso estar com ele. O inferno era estar longe do César. (LEITE, 2009, p. 22)

Depois que foram morar juntos, quando a esposa de César o largou por saber desse seu caso, não muito tempo levou para que Renata ocupasse o lugar da ex-esposa de seu marido, também no que se refere às traições. Diferente de Margô, a ex-mulher, Renata não aceitava com a mesma benevolência os casos do marido e depois de dez anos de relacionamento, ao flagrar o marido com a amante, faz as malas e foge para São Paulo.

No avião, conhece Divino e passa a conversar com o tipo bem diferente de seu marido; Divino é baixinho, calvo e barrigudo. Como estava sem lugar para ficar, pediu ao homem se podia segui-lo e hospedar-se no mesmo hotel que ele. No seu primeiro dia de hospedagem faz um desabafo interessante: “não quero ouvir falar de homem tão cedo” (LEITE, 2009, p. 23).

Em sua fala de não querer ouvir falar de homem, pode-se deduzir que não está disponível para um relacionamento no momento, e pode parecer contraditório ter se relacionado com Divino e se apaixonado por ele pouco tempo depois de dizer estas palavras. Entretanto, o que acontece com a chegada de Divino é uma mudança em seu ideário de

relacionamento. A diferença entre Divino e César é notável e isto, necessariamente, modificou também a relação que teve com cada um. César é descrito como o macho Alfa, único provedor da família, garanhão, possessivo e nada habilidoso com os serviços domésticos; Divino aparece com essas características todas opostas às de César. Os contrastes são narrados, Divino é lembrado carinhosamente pela dona do hotel, sua amiga, por tê-la ajudado a cuidar de sua filha e do seu bar quando estava sozinha, já César, sem a presença de Renata, deixou a casa completamente suja e desarrumada. Esses traços de Divino chegam a dar-lhe alguma feminilidade, também percebida por Renata; ao descrever o órgão genital de Divino, ela diz que era “quase feminino” (LEITE, 2009, p. 64), e não seria infundado extravasar este “quase feminino” também para seu comportamento. Este “feminino”, entretanto, não parece estar relacionado a um homem efeminado que imita trejeitos de mulher, está mais associado a alguma igualdade entre os parceiros, o que transforma o relacionamento em algo não opressivo, mais libertário. Uma passagem aparentemente sem importância, mas que revela muito desta igualdade neste novo relacionamento, que aparece como o ideal, é quando vão juntos Renata e Divino andar de ônibus:

Depois do almoço, convidei Divino para ir comigo ver a Ritinha no Hospital das Clínicas. Ele topou, mas só se fosse de ônibus. [...] Na hora de passar na catraca achei que fosse se oferecer para pagar a minha passagem, mas isso não aconteceu. Com ele é na base do cada um por si, sempre. (LEITE, 2009, p. 100)

O período das obras aqui apresentadas não foi muito longo, pouca coisa mais que um século. Neste pequeno período, entretanto, já podemos notar várias mudanças relacionadas aos pensamentos e relacionamentos amorosos de cada escritora e de cada época. Júlia Lopes de Almeida e Carolina Nabuco trazem uma narrativa de ideais românticos, esta censurando a visão de casamento por conveniência importante para a sociedade da sua época, acreditando na validade do casamento somente pelo amor, e Júlia Lopes de Almeida reforçando o espiritual em detrimento do carnal e belo. Mostrando com ironia os relacionamentos humanos, que em sua narrativa aparecem pautados em desejos egoístas encobertos por uma falsa moralidade, Lúcia Miguel Pereira foge e critica romances idealizados. Rachel de Queiroz traz o ideário romântico como o ainda desejado pela sociedade da época que seu romance retrata, mas também tenta ultrapassá-lo trazendo como personagem uma nova mulher que questiona esses padrões e a necessidade de segui-los para ser feliz. Trazendo a liberdade sexual feminina na narrativa, Lygia Fagundes Telles contrapõe esta liberdade conquistada a um sentimento de nostalgia quanto a um amor idealizado, aquele

amor romântico, eterno e puro. Mais pessimista, Patrícia Bins narra a impossibilidade do amor, a dificuldade de amar, assim como Lya Luft ao denunciar os abusos sofridos por mulheres em nome do casamento, tenha ele se concretizado por amor, ou por conveniências. Esperançosa quanto ao futuro das relações amorosas, o romance de Ivana Arruda leite narra a possibilidade de um amor sem muito sofrimento já que pautado igualdade entre os envolvidos; não deixa, entretanto, de denunciar o outro lado, também ainda presente atualmente, os relacionamentos abusivos e opressivos.

CAPÍTULO II

A MULHER, O BLOG E A ESCRITA LITERÁRIA

O gato sem rabo, embora se afirme que habite a ilha de Man, é mais raro do que se imagina. É um animal ridículo, esquisito em vez de bonito. (WOOLF, Virginia)

A mulher que escreve ficção é um gato sem rabo. (JAFFE, Noemi)

Virgínia Woolf, em uma palestra sobre mulher e ficção a estudantes mulheres da universidade de Cambridge, no ano de 1928 – palestra publicada em livro intitulado *Um teto todo seu* – defende a tese de que para que essa relação entre mulher e ficção realmente exista como algo que não soe absurdo ou algo que não fuja às regras é necessário que a mulher tenha um espaço próprio e dinheiro. Ter dinheiro significa boa educação, boa comida e um bom teto, pois que “um bom jantar é de suma importância para uma boa conversa. Não se pode pensar direito, amar direito, dormir direito quando não se jantou direito” (WOOLF, 2014, p. 32). Para entender o porquê, em suas palavras, “nenhuma mulher jamais escreveu qualquer palavra de uma literatura extraordinária quando todo homem, ao que parece é capaz de uma canção, ou um soneto” (2014, p.63), a escritora inglesa do começo do século XX, resgata o passado da mulher inglesa de séculos anteriores ao seu e dá-se conta de que, ao contrário do que disseram muitos homens intelectuais durante a história, a mulher não é inferior mentalmente e criativamente ao homem, ela apenas não foi criada para tais funções, como foram os homens. Uma mulher que encaminhasse em uma carreira artística, mesmo no século XIX depois de já terem existido mulheres escritoras, segundo Woolf, era nada encorajada, “Pelo contrário, era desprezada, estapeada, repreendida e aconselhada” (WOOLF, 2014, p.81). Ao trazer o exemplo de Aphra Behn, século XVII, escritora a quem Woolf diz que todas as mulheres precisam agradecer por ser aquela que “fez primeiro”, que abriu caminho para que a mulher pudesse escrever e ter seu sustento com a escrita, Woolf enfatiza que sua existência e sua ousadia foram bem pouco confortáveis à sociedade da época:

Porque agora que Aphra Behn fez primeiro, as garotas podiam dizer para os pais: Vocês não precisam mais me dar mesada, posso ganhar dinheiro com minha pena. Claro que a resposta a isso durante muitos anos foi: Sim, levando a vida de Aphra Behn! A morte seria melhor!, e batia-se a porta com mais força do que nunca. (WOOLF, 2014, p. 94)

As mulheres escritoras começaram, então, a existir, ou talvez, a serem conhecidas. Mas a existência de uma Jane Austen, ou de uma Emile Brönte, até mesmo uma Virgínia Woolf, não mudava o fato de as mulheres escritoras serem algum tipo de aberração. A fala de Noemi Jaffe, que está como epígrafe deste capítulo e no posfácio do livro de Virgínia Woolf referindo-se à passagem em que a personagem do livro de Woolf encontra um gato sem rabo— todos sabem que existe, mas é raro vê-los— expressa de maneira muito ilustrativa a situação da mulher escritora durante muito tempo; “a mulher que escreve ficção é um gato sem rabo” (WOOLF, 2014, p 162) e esse gato sem rabo “É um animal ridículo, esquisito em vez de bonito” (WOOLF, 2014, p.25).

O passado da mulher brasileira não difere em muita coisa do da mulher inglesa registrado por Virgínia Woolf. Para iniciar alguma reflexão sobre mulher brasileira e literatura, buscou-se saber da vida literária no Brasil de final do século XIX e começo do século XX. Essas informações foram buscadas no livro de Brito Broca *A vida literária no Brasil-1900* publicado pela primeira vez em 1956. Neste livro, Broca registra as relações entre a sociedade da época e a literatura, narra os funcionamentos dos cafés e clubes em que se conversavam, discutiam e apresentavam a literatura nas primeiras décadas do século XX. Em seus relatos, pode-se ter uma constatação que não foge de maneira alguma ao que se sabe sobre a participação da mulher em espaços considerados ‘sérios’ pela intelectualidade da época. As referências às mulheres em seu livro se restringem a elogiar beleza e graça femininas, embora cite a participação de algumas mulheres nos recitais de poesia como declamadoras ou como anfitriãs dos salões em que se discutiam literatura. Diz Broca que “na seção “Cinematógrafo”, de Joe, na Gazeta de Notícias, aparece constantemente o nome de madame Gomensoro, que possuía igualmente um salão, onde procurava oferecer novidades e surpresas aos convivas” (BROCA, 2005, p. 61), rica e culta, seria possivelmente muito mais levada a sério como anfitriã que como escritora. Mais adiante traz Rosalina Coelho Lisboa que declama seu primeiro livro intitulado “Rito pagão”, no famoso salão de Coelho Neto, o que revela que era incomum, mas existiam mulheres que se arriscavam nas letras. Sobre essa participação é indispensável ressaltar que, enquanto sobre outro escritor apresentado nesse mesmo dia foi falado da influência de Coelho Neto sobre sua escrita, Rosalina C. Lisboa é caracterizada, antes mesmo de ser mencionado o lançamento de seu primeiro livro, como “irradiante de mocidade e beleza” (BROCA, 2005, p. 63). Assim, fica-nos evidente a perambulação feminina pelos salões, mas o papel de destaque dessas mulheres é o muito mais o de musa para os poetas, e entre essas, Broca destaca Bebê de Lima Castro:

Uma das figuras femininas mais familiares nesses salões e que poderia ser considerada uma das musas da época era Bebê de Lima Castro. Permanecia na memória de todos a recordação do poeta simbolista Orlando Teixeira “morrendo de amor”, como nos velhos tempos do romantismo, por essa criatura encantadora. Uma triste história sentimental do autor de *Magnificat*, pobre, feio, humilde, apaixonando-se pela jovem declamadora e cantora, cuja graça irradiava na alta sociedade carioca. (BROCA, 2005, p. 65)

Sobre este fato, é também interessante observar a diferença de posições entre a mulher, que é a musa, e poeta; enquanto aquela, lembrada como musa por Brito Broca, possivelmente perambulava pelos salões por pertencer à alta sociedade e por isso capacitada pela escrita, mesmo que com a finalidade de um bom casamento, o poeta, mesmo pobre, além de reconhecido escritor era reconhecido como parte de uma escola, a simbolista. Assim, apesar de também declamar versos, a este seu papel foi dada pouca importância em detrimento de sua beleza física, exemplo que, pela mentalidade da época, provavelmente se aplicava às demais figuras femininas desses espaços.

Não seria de se estranhar, desta forma, a quase unanimidade masculina nas agremiações literárias. Comumente construídas em conformidade com o modelo francês, a participação feminina efetiva nessas academias era vedada. Membros somente homens, votando em homens para cargos de homens, porque essas academias, já diferente dos salões literários de festas e boemias, eram instituições que se queriam sérias, e se acreditava que o feminino não se prestava a essas atividades com o devido empenho.

Todavia, como nota João do Rio, mesmo que de maneira discriminatória, as mulheres escreviam: *“porque escrevem essas senhoras? Ninguém o soube; ninguém o saberá. Com certeza porque não tinham mais o que fazer, como a Duquesa de Dino. Mas elas escrevem, escrevem, escrevem”*(JOÃO DO RIO, Apud ZOLIN, 2004, p. 19). Seja por não terem outra coisa para fazer, seja por necessidade de transpor seus pensamentos em papel, ou mesmo por ambição literária, opções que não se excluem, elas escreviam, - os homens escreviam ou escrevem por algum motivo diferente desses?. Elas escreviam, como mostra o texto “no princípio era o caderno” de Lygia Fagundes Telles, nos diários quando mocinhas e nos cadernos de receita quando casadas. E apesar de a escrita literária não ser um ofício, na época, também feminino, a narradora do texto de Telles se recorda das palavras elogiosas de sua mãe à escrita de sua avó:

Os cadernos caseiros da mulher-goiabada. Minha mãe guardava um desses cadernos que pertencera à minha avó Belmira. Me lembro da capa dura, recoberta com um tecido de algodão preto. A letrinha vacilante, bem desenhada, era menina quando via minha mãe recorrer a esse caderno para

conferir uma receita de doce ou a receita de um gargarejo. “como mamãe escrevia bem!” – Observou ela mais de uma vez. – Que pensamentos e que poesias, como era inspirada!” (TELLES, 1998, p. 14)

A opinião feminina sobre o que é boa ou má literatura, contudo, de pouco importava. Essa decisão não era ainda de posse das mulheres, que não tinham ainda a tão importante permissão a que se refere Wirgínia Woolf em seu discurso sobre mulheres e ficção:

Depois, em um ano ou dois, a pena e a tolerância se foram, e a maior de todas as libertações veio, que é a liberdade de pensar nas coisas em si. Aquele prédio, por exemplo, gosto dele ou não? Aquele quadro é bonito, ou não? Aquele livro é, na minha opinião, bom ou ruim? (WOOLF, 2014, p. 59)

Ficando a cargo dos homens a decisão do que se deve levar a sério quando o assunto é escrever literatura, e voltando às palavras de João do Rio que deveriam representar uma imagem comum que se fazia das mulheres com pretensões literárias, podemos intuir a dificuldade que enfrentava, ou enfrentaria uma mulher para ser considerada capaz de exercer alguma função neste mundo de homens instruídos.

As agremiações literárias, neste período efervescente da vida das letras no Brasil, surgiam aos montes, cada qual com suas regras e aspirações; se a maioria, por seguir o modelo francês, banuiu as mulheres desse círculo, algumas se abriram à participação feminina, a exemplo da Academia de Goiás que:

Enquanto a Academia Brasileira, fiel ao modelo francês, fechava as portas às mulheres, a modesta congênere de Goiás não só admitia uma mulher como a elegia, por aclamação, presidente do cenáculo, cabendo às funções de secretário perpétuo ao poeta Joaquim Bonifácio. (BROCA, 2005, p. 101)

Mas, se eram escassas as oportunidades ao público feminino, este não as desperdiçava pois, como diz Luiza Lobo, “a mulher foi excluída do mundo da escrita – só podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos” (LOBO apud ZOLIN, 2004, p. 253). E assim, timidamente escrevendo em cadernos secretos, ou desafiando aqueles que as subestimavam, as mulheres foram conquistando o direito a um espaço no meio literário, exatamente como nas palavras do texto de Telles em sua crônica sobre a mulher e a literatura, “Vejo nas tímidas *inspirações* desse cadernão (que se perdeu num incêndio) um

marco das primeiras arremetidas da mulher brasileira na chamada carreira de letras – um ofício de homem” (TELLES, 1998, p.14-5).

Com o surgimento da crítica feminista, anos de 1970, as escritoras que foram ignoradas pela história literária foram resgatadas mostrando não só que eram numerosas, mas também talentosas. Nas palavras de Lúcia Osana Zolin em seu artigo “Literatura de autoria feminina”, o trabalho de resgate pela crítica feminista “aponta para a descoberta de inúmeras obras de escritoras do século XIX, que, apesar da qualidade estética, jamais foram citadas pela crítica” (ZOLIN, 2004, p. 254).

Sem sombra de dúvidas, as consequências desses resgates para as mulheres que desses anos para cá se posicionaram a escrever, foram as de maior abertura e aceitação. Assim comprova Zolin, na continuação de seu texto, dizendo que o fato de Raquel de Queiroz e Cecília Meireles terem sido reconhecidas abriu as portas das editoras para as demais mulheres, oportunidade que levou a um aumento muito grande nos anos de 1970 e 1980 de escritoras que se assemelhavam em status aos homens escritores; isso se comparadas numericamente às escritoras que se consagraram nos anos de 1930 e 1940. Por este *boom* de publicações femininas, a mulher que escreve passou a não mais soar como algo ridículo, ao menos não descaradamente como antes.

Há que se ponderar, entretanto, que o mercado editorial ainda parece privilegiar os escritos masculinos. Regina Dalcastagnè, em seu livro *Literatura brasileira contemporânea- um território contestado* de 2012, apresenta sua pesquisa em que traça o perfil da literatura brasileira, com o recorte de gênero romanesco, entre os anos de 1990 e 2004. A pesquisa abrangeu assim, todos os romances das três editoras mais bem conceituadas do Brasil, publicados entre o período já citado. As editoras foram escolhidas a partir de questionários a intelectuais do meio literário sobre quais seriam, em suas opiniões, as maiores editoras brasileiras, visando a qualidade, que Dalcastagnè bem resume como editoras de grife. São elas: Companhia das Letras, Rocco e Record. Os romances somaram 258, e os autores 165.

A pesquisa partiu de uma primeira constatação de que parecia não existir, e de fato não existia/existe, representação/ autoria de negros e pobres. No final da pesquisa foi feita ainda outra constatação, a de que também as mulheres são pouco, ou bem menos representativas do cenário literário brasileiro ainda hoje, apesar da maior abertura que essas conseguiram no mercado de trabalho e também no meio intelectual, abertura que muitos consideram ser já de igualdade com os homens. Dos resultados numéricos da pesquisa quanto ao gênero sexual dos escritores verificou-se que 72,3 % dos romances foram escritos por

homens contrapondo-se ao pequeno número de 27,3% de mulheres. Comparando o resultado de sua pesquisa a outra similar feita entre os anos de 1965 e 1979, Dalcastagnè aponta a pequena evolução da participação feminina no ambiente literário, já que a pesquisa feita anterior a sua resultou de uma percentagem de 17,4% de mulheres escritoras. Outro fato muito importante que constata Dalcastagnè é que “Mais importante que a mera constatação da maioria de escritores homens é o fato de que a situação não se altera entre os autores mais jovens” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 158), ou seja, a superioridade numérica masculina parece ser coisa ainda muito atualíssima.

Essa persistente predominância masculina tanto nas estâncias literárias quanto em outras estâncias de relevância pública, e a vontade que parece ser também persistente por parte das mulheres de desbloquearem seus caminhos para as atividades públicas, foram bastante reveladas nos textos de estudos sobre a escrita de autoria feminina no final dos anos de 1970, como mostra Regina Helena Machado Aquino Corrêa, em seu texto sobre a participação feminina no ciberespaço:

Há mais de meio século a escrita de autoria feminina tem sido alvo de interesse, em vários níveis acadêmicos. Dentre as mais diversas razões que justificam esses estudos, vê-se o destaque para a análise de um discurso feminino revelador de opressões impostas por uma sociedade essencialmente dominada por homens, evidenciando questões de identidade e desterritorialização. (CORRÊA, 2011, p. 161)

Para driblar essas barreiras editoriais, mais uma vez com suas características de saber aproveitar as oportunidades, Corrêa afirma que as mulheres passam a valer-se das ferramentas virtuais na internet para publicar seus textos. Corroborando a afirmação de Luiza Lobo sobre o fato de a mulher ter de buscar seu espaço pelas frestas que o patriarcado deixava, Corrêa afirma que o ciberespaço tem colaborado muito para a ampliação do acesso à informação e escrita, surgindo “como elemento facilitador do amplo crescimento da escrita feminina no Brasil, nos últimos anos” (CORRÊA, 2011, p.161) e ainda, “as folhas soltas, os cadernos de versos, os diários, estão hoje, em grande número, em páginas da internet” (CORRÊA, 2011, p. 167).

Apesar de Corrêa citar várias situações da escrita feminina como as folhas soltas que deviam ficar entre os cadernos de receitas ou de finanças, os cadernos de versos, é a forma de escrita em diário a mais comumente associada. Dalcastagnè traz esse *escrever ao estilo de diário*, a escrita de dentro, de si, como o espaço reservado à escrita feminina: “e hoje, talvez, possa se dizer, há quase que um espaço reservado a elas na literatura: falar de si.

Embora restrito, é um lugar de onde as mulheres podem se expressar com alguma legitimidade, apresentando sua perspectiva sobre o mundo” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 159).

Desses espaços a que Corrêa se refere, podemos citar sites de publicações coletivas, exemplos desses são o *Recanto das letras* em que o escritor cadastra seu perfil e publica qualquer texto em sua página, podendo receber comentários e comentar outros textos, muito parecido com esse há também o *Overmundo*, site em que há já algum critério para que o texto seja fixado como publicação. Assim, para que esta aconteça, é necessário que certo número, já estipulado, de leitores, leia e aprove o texto. Há ainda a muito interessante academia virtual brasileira de letras, a *AVBL*, também livre para publicação, mas com algumas normas a serem seguidas por seus membros; o número de membros, diferente das academias de espaços físicos apresentadas pelo livro de Broca, na *AVBL* é ilimitado.

Dos dados de sua pesquisa, Dalcastagnè questiona-se sobre o motivo da discrepância numérica entre homens e mulheres romancistas, e diz que “não seria possível dizer se as mulheres escrevem menos ou têm menos facilidade para publicar nas editoras mais prestigiosas (ou ambos)” (2012, p. 158). A questão de que as mulheres são participação pequena no mercado editorial e principalmente nas premiações literárias porque escrevem pouco, é realmente questionável; se antes, quando verdadeiramente proibidas já escreviam, hoje, possivelmente continuam escrevendo, possivelmente ainda mais. A facilidade em encontrarmos os blogs para as análises neste trabalho pode ser um ponto contra esse argumento de que as mulheres escrevem pouco. Interessante, entretanto, é ver como, em completa oposição a essas editoras, no site *AVBL* parece haver um equilíbrio entre membros homens e membros mulheres; dos 95 membros, 48 são mulheres, ou seja, por número mínimo, mas a maioria é feminina.

Os blogs surgem assim como esses sites como espaços de maior autonomia e maior facilidade e liberdade de acesso e publicação. Tanta autonomia porque o blog é, a princípio, um espaço mais individual de publicação, ou seja, nele quem faz as regras do que deve ou não deve ser publicado é seu próprio autor, dono, gerenciador, chefe etc; o blogueiro é o todo-poderoso em seu blog. Assim explica Clara Averbuck, uma das figuras mais conhecidas neste meio, em texto sobre escrever em blog: “blog é apenas um meio de publicação para o que quer que o autor, dono e soberano do blog queira escrever. Receita de bolo, resenha de disco, resmungos mal-amados, histórias, realidades, mentiras. No caso do meu livro, só não tem receita de bolo” (AVERBUCK Apud LOBO, 2007, p. 31), ou seja, um

blog não precisa ficar engessado a escrever apenas um gênero textual, como em um livro de somente poemas ou contos.

O exemplo de Averbuk é bem interessante de ser discutido aqui quando falamos do blog como ferramenta para um reconhecimento literário feminino. É sabido que Clara Averbuk, hoje com vários livros publicados, tendo inclusive um filme baseado em sua primeira obra literária publicada em papel, começou publicando em seu blog e de seu sucesso foi para a publicação em meio impresso e para as bocas de acadêmicos e literatos. Parece-nos que daí sua fala foi legitimada como fala de escritora, mesmo que isso tenha acontecido pela polêmica que sua obra tenha causado na época. Por isso, quando se fala em blog como ferramenta para o reconhecimento, devemos ter plena consciência de que essa questão do reconhecimento é muito mais complexa e envolve muito mais que conseguir tornar público o que se escreve.

Entramos, assim, na questão do valor, que em literatura parece ganhar ainda mais importância devido ao caráter divino que esta consegue manter ainda em nossos dias. Deste modo, mesmo com tanta mulher escrevendo, Dalcastagnè confirma que:

o campo literário brasileiro ainda é extremamente homogêneo. Sem dúvida, houve uma ampliação de espaços de publicação, seja nas grandes editoras comerciais, seja a partir de pequenas casas editoriais, em edições pagas, blogs, sites etc. Isto não quer dizer que esses espaços sejam valorados da mesma forma. Afinal, publicar um livro não transforma ninguém em escritor, ou seja, alguém que está nas livrarias, nas resenhas de jornais e revistas, nas listas dos premiados em concursos literários, nos programas das disciplinas, nas prateleiras das bibliotecas. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 7-8)

Assim, afirmamos aqui que o blog é uma ferramenta de publicação na internet, mas não necessariamente de reconhecimento por aqueles que têm ou acreditam ter esse poder de dizer o que é ou não literário. Apesar dessa não relação direta entre reconhecimento literário a partir da publicação em blog, este pode levar, como nos casos iguais ao de Averbuk, a esse reconhecimento, por meio de publicações impressas etc.

Depois dessas considerações, voltando à estrutura do blog, pode ser feita uma relação, que parece também fazer Luiza Lobo em seu livro sobre os blogs de mulheres no Brasil, ao dizer que “O novo salão da internet não busca mais o bom tom, a educação de uma elite privilegiada, a arte erudita” (LOBO, 2007, p. 101). De tal forma, se voltarmos ao salões literários de fins do século XIX e início do século XX, a exemplo do de Coelho Neto em que:

o melhor espetáculo dessas reuniões era o próprio Coelho Neto, com a sua palestra imaginosa e fértil, resumindo os romances e as novelas que pretendia escrever, lembrando episódios de juventude, transmitindo impressões de leitura, a voz nítida e empostada, a gesticulação perfeita, representando, não raro, como verdadeiro ator. (BROCA, 2005, p. 64)

Assim, este universo blogueiro parece reunir vários salões em que, cada qual com seu anfitrião, oferecem como os de Coelho Neto, seus próprios textos, reflexões e memórias com seus vários leitores-expectadores participativos, ou mesmo como os de Madame Gomensoro, que provavelmente por ter admiração pelas artes, mas não ter, ou não se achar possuidora de capacidade criadora artística, preenchia suas reuniões com inúmeras e selecionadas apresentações de caráter artístico, com a mesma participação de leitores-expectadores. Provável é que, por nestas reuniões amigos e conhecidos encontrarem-se, assuntos cotidianos no estilo de ‘como vai sua família’, eram também, assim como nos blogs, comuns.

Se restringirmos essas participações em blogs para as femininas, a comparação mais comum, entretanto, é com os diários a que se refere Telles em texto aqui já citado. Trazendo texto de Pedro Doria, Lobo fala das três gerações de blogueiros:

A primeira correspondeu à criação dos blogs e foi representada pela comunicação entre os próprios especialistas em Informática, que precisavam discutir os sítios que pesquisavam entre si. A segunda geração, que pretendemos discutir aqui, é a do diário pessoal cotidiano, realizado por jovens e alguns adultos. Nos blogs de mulheres, esse diário pode ser de dois tipos. Um, relatar as ações e novidades do cotidiano, sentimentos e projetos; outro, apresentar composições ensaísticas e ficcionais, e poesia e prosa. [...] a terceira geração de blogs é o de notícias, que surgiu recentemente, basicamente a partir da guerra do Iraque (LOBO, 2007, p. 27).

Na leitura desses blogs, no que diz respeito à segunda geração e desta a participação de mulheres, podemos constatar que em muitos dos blogs as novidades do cotidiano e os ensaios encontram-se num mesmo perfil, ou seja, um blog em que a pretensão parece ser a literária, as notícias sobre si escritas de maneira mais despojadas não necessariamente estarão ausentes.

Apesar de a comparação entre os blogs de mulheres e os diários tradicionais também de mulheres ser bem acolhida, por serem esses blogs de publicações datadas, quase diárias e majoritariamente e supostamente autobiográfica ou confessionais, Lobo prefere compará-los às correspondências das *Bas-bleus* do século XVIII. As *Bas-bleusimes* eram nobres inglesas que escreviam entre si e, entre suas escritas particulares acrescentavam

ensaios filosóficos, pois tinham a ousada, para a época, pretensão de que esses escritos fossem publicados. Interessante ressaltar que este nome que recebiam estas ousadas mulheres era de tom pejorativo, já que era cômico uma mulher imaginar ser reconhecida socialmente pelo intelecto. Chamando as escritoras de blogs de *Bas-bleus* contemporâneas, Lobo pondera sobre o caráter de “instrumento coletivo e público de reconhecimento social” (LOBO, 2007, p.74) próprio dos blogs, já que as escritoras parecem buscar pelo blog algum reconhecimento. Assim, Lobo recusa com mais propriedade a semelhança desses com diários tradicionais, já que estes existiam com a intenção de ser mantido realmente em segredo. Disto, conclui que não seria boa uma comparação de algo predestinado ao público com algo que era mantido em segredo com muito cuidado, a ponto de “manter o silêncio e queimar o caderno, como ocorria com frequência no passado” (LOBO, 2007, p. 74.).

O blog, por ser algo público, se torna mais que um simples diário confessional em que a escritora monologa consigo; a escritora de blog sabe que escreve para um público amplo e, mesmo que não haja leitores, a blogueira sabe que não redige seu texto só para si, como era comum em diários íntimos. De tal forma, como completa Lobo:

Por isso, o blog difere tanto do introjetado “Querido diário” da década de 1950. Constitui-se uma continuação de prolongadas cartas manuscritas contendo tratados científicos ou pensamentos filosóficos, como as de Madame de Sévigné (1626-1696), que só foram publicadas depois de sua morte. Está bem mais próximo dessas cartas, que visavam a publicação, que dos diários. (LOBO, 2007, p. 74)

Para acrescentar um exemplo de como muda o tom da escrita quando há intenção ou o conhecimento de uma leitura por outrem, Lobo cita o exemplo de Anne Frank. Diz Lobo que quando a autora deste diário vê na fala de um político a importância de guardar seus escritos para publicação pós-guerra e, então, a possibilidade de que seus escritos se tornem públicos, o tom de seu diário muda e passa a escrever com maior consciência política. (LOBO, 2007, p.68).

Ainda em seu livro sobre os blogs de mulheres no Brasil, Luiza Lobo traz para debate uma das questões mais típicas ao se falar em blog, tirando como exemplo disso a comparação com o diário íntimo feminino. A oposição real x imaginário que muitos tentam fazer ao falar sobre a literatura em geral, é mais insistente ao considerar os textos publicados nos blogs. Luiza Lobo traz a definição de arte por Coleridge de que a arte é a “suspensão temporária e voluntária da descrença” (LOBO, 2007, p 13) para dizer que esta concepção de arte já está obsoleta, e ter de escolher entre real ou imaginário já não é mais preciso.

Neste ponto, cria-se a dúvida de se devemos ou não ler os textos de um blog como uma autobiografia. Paula Sibilia, em seu livro chamado *O show do eu – A intimidade como espetáculo* de 2008, traz bem trabalhada esta questão da espetacularização da intimidade. Trazendo os blogs como evoluções dos antigos diários íntimos por seguirem o mesmo modelo confessional, Sibilia diz que aqueles apenas se diferenciam desses pela exposição pública, que por sua vez, caracteriza a nova realidade vivenciada que é a supervalorização do eu. Esta supervalorização foi percebida e publicada pela revista *Times* ao dar o prêmio de personalidade do ano de 2006 para o indivíduo. Esse ‘eu’ tem se destacado com os adventos da internet como o Youtube, as redes sociais, e os próprios blogs. Sibilia enfatiza que esta supervalorização do ego tem afetado também o ser da arte.

Assim, se há um século um filósofo, a autora refere-se à Nietzsche, foi considerado louco, doente, megalomaniaco, por dar demasiada importância à sua própria definição e exposição, hoje, nos é comum a confusão, ao debatermos literatura, entre vida e obra. No segundo capítulo de seu livro, “Eu narrador e a vida como relato”, Sibilia começa pondo em pauta toda essa exposição perguntando-se se “essas cenas da vida privada publicizadas mostram a vida de seus autores ou são obras de arte produzidas pelos novos artistas da era digital?” (SIBILIA, 2008, p. 29), ou seja, esses escritos devem ser considerados relatos de vida, ou obra literária? Traz, após esse questionamento, toda a problemática que envolve esta questão de diferenciação entre gênero ficcional e autobiográfico. Pode ser que o escritor fantasie um gênero com a ‘roupa’ do outro, uma falsa biografia, por exemplo. Se o escritor está realmente expondo a realidade, ou forjando uma, ou se a narrativa que parece ficcional por ser, talvez, contada em terceira pessoa, traz, na verdade, fato acontecido com o escritor, é segundo Philippe Lejeune, impossível do ponto de vista da narrativa, e este dilema pode ser resolvido com o que ele chama de pacto de leitura, devendo partir este, do próprio leitor. Assim, para Lejeune, para fim desta confusão, o próprio leitor deve escolher se irá ler o texto como autobiográfico ou como ficção. Há, ainda, a questão da fragilidade do ‘eu’, que tornaria a autobiografia ainda mais questionável.

Lobo, em sua pesquisa, afirma que essa impossibilidade de descobrir a verdade ou a falsidade pelo texto, assim como a falta de corpos no universo virtual, transformam este num espaço à parte da sociedade, em que suas regras de comportamento social feminino, podem ser deixadas de lado. Não tendo de representar apenas um papel, o usado comumente para serem aceitas socialmente, nos blogs, as mulheres não precisam optar por apenas uma identidade, muito menos uma que as limitem. Não à toa, Lobo constata em seu estudo que a linguagem e as ações narradas por essas blogueiras são mais transgressoras

que as de Anaïs Nin cujas obras são impregnadas de erotismo. Disto, nos traz os benefícios dessa nova maneira de escrita que acaba por ser, na verdade, uma reescrita de si, por essas mulheres. Isto porque, como revela em seu texto, “Narrar a vida não é apenas uma constante tradução de múltiplos sentidos, mas também de desconstrução e construção de identidades” (LOBO, 2007, p. 109). Portanto, nessa narrativa de aparente confissão, reflexão, assim como da narração de eventos que parecem ser ou são ficcionais, essas mulheres ensaiam uma mudança, discutem e negociam suas identidades.

Duas questões essenciais para este trabalho sobre a escrita literária de autoria feminina em blog ficaram evidenciadas neste tópico e é de extrema necessidade retomar com maior atenção: a aceitação da escrita em blog como literária e da escrita íntima da mulher também como texto literário.

Neste mesmo capítulo, foi citada uma fala de Dalcastagnè em que deixa clara a não valorização ou a não credibilidade dos textos publicados em blogs e, ironicamente ou pesarosamente diz que literatura é aquilo que está nas livrarias, nas resenhas de jornais e em prêmios literários. A ironia ou o pesar são reconhecidos nessa sua fala tendo em vista que seu livro defende a fala do outro, do excluído desses espaços de valor, mas que também escreve, que também tem o que contar, embora não seja considerado como escritor, já que “publicar um livro não transforma ninguém em escritor” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 7-8).

Escrever não transforma ninguém em escritor, e mesmo o publicar em papel não garante o título de escritor a ninguém. Quando Dalcastagnè seleciona as editoras para a sua pesquisa a partir da classificação daqueles que fazem parte do meio literário, chamando essas editoras de grifes literárias, deixa em evidência que o literário ou o texto literário aparentemente não existe por si só. O texto para ser literário precisa de reconhecimento, precisa antes, ser reconhecido por alguma grife ou por alguém que tem a ‘permissão’ dessa grife para dar o aval de literário.

O Novo no mundo da arte é comumente encarado de forma negativa, como algo que veio para destruir o caráter mágico, divino, da obra de arte; isso aconteceu com a fotografia e com o cinema, e mesmo com o romance logo quando surgiram. A crônica foi outro gênero mal visto no meio literário. Apesar das diferenças de situação entre crônicas e blogs há alguns pontos de semelhança entre eles que ajudariam a discutir melhor o caso do blog e dos textos literários nos blogs.

A primeira ligação que podemos perceber entre crônica e textos de blogs é a do lugar de publicação, o lugar do não literário. No caso da crônica é o jornal, no dos textos publicados em blog é o próprio blog, o meio virtual, reconhecido como lugar de notícias ou de

exposição do “eu”. Essa exposição do ‘eu’ se publicada em livro impresso não retiraria do texto seu caráter literário, mas, ao que parece, quando publicada em blog é tida como diário íntimo recebendo todo o tom pejorativo que tem um diário íntimo, por ser este relacionado à escrita irrelevante da mulher que não tem nada a dizer ao mundo, e só sabe falar sobre seus assuntos corriqueiros.

Luiz Carlos Simon, em seu livro sobre crônicas intitulado *Duas ou três páginas despreziosas* publicado em 2011, justifica a dificuldade de se estudar o gênero no meio literário por duas questões, primeiro, como já referenciado, pelo seu lugar de origem, o jornal, segundo, por ser um gênero de estrutura não muito bem delimitada:

O estudo da crônica na condição de um texto literário esbarra, logo nas páginas iniciais de qualquer ensaio sobre o assunto, na controvérsia gerada por seu veículo de origem: o jornal. [...] Além disso, mesmo nas crônicas em que se identifica com maior nitidez o vínculo com a literatura, algumas divergências são evidentes: há crônicas que são narrativas, estruturalmente semelhantes ou idênticas a contos; há outras que são comentários, com ou sem teor lírico; e há, ainda, aquelas que mesclam esses procedimentos. (SIMON, 2011, p. 23-24)

Caso parecido é o dos textos publicados em blogs. Um pouco mais complicado, porém. As crônicas, quando publicadas nos jornais, passam por ao menos uma pessoa para que sejam publicadas, o escritor da crônica tem já, para escrever no jornal, algum reconhecimento, alguma aprovação. Um escritor que publica seu texto em um blog é o único responsável por sua publicação. Essa questão da falta de aprovação de um Outro que reconheça o texto como publicável, já retira do texto do blog muito valor.

Trazendo ainda a citação de Simon para reflexão, o texto de blog, assim como as crônicas, possui uma estrutura não tão bem delimitada. Os textos publicados em blog aparecem em formato de conto, de crônica também, de poemas, cartas, com tom confessional, memorialista, ficcional etc. A crônica, entretanto, diferente do texto publicado em blog, apesar de ter também suas múltiplas possibilidades estruturais, é reconhecida como um gênero, e por mais que esteja misturada a princípio a textos não literários, não haveria a necessidade de justificar, atualmente, em uma pesquisa na área dos estudos literários, por exemplo, o seu ser literário.

Caso contrário é o dos textos publicados em blog. Não são reconhecidos como um gênero específico, nem reconhecidos como outros gêneros literários apenas publicados em uma nova ferramenta para publicação. Isso faz com que tratemos estes textos

de uma maneira meio genérica como “texto de blog”. É esta a revolta da escritora Clara Averbuck quanto ao que escreve em seus blogs:

Então você publica um trecho de seu novo livro no blog, ele VIRA UM LIVRO DE BLOG. Se você escreve uma crônica e publicou no blog, ela vira UM TEXTO DE BLOG. Se você escreve um conto ficcional, ele vira um FATO CUSPIDO E NARRADO EM BLOG. (AVERBUCK, adioslounge, 25/10/2008)

O que Clara Averbuck parece denunciar em sua fala é que chamar essas publicações a que se refere de “textos de blog” é o mesmo que as ignorar como literatura. Não reconhecer esses textos dos blogs como publicações de gêneros literários já reconhecidos descaracteriza o texto como literatura seja ele conto, crônica, poema, ou micro conto, para torná-lo um registro desimportante sobre alguém também pouco importante.

Aproveitando o ensejo da fala de Averbuck, sobre o que se narra em blog virar um “FATO CUSPIDO E NARRADO EM BLOG”, retomo a questão da associação muito comum entre os textos que são publicados nos blogs com os diários íntimos. Talvez, dizer diários íntimos femininos soe redundante, haja vista a rápida lembrança de que este hábito de escrever sobre si em cadernos secretos seja exclusivamente feminino. Para discutir esta questão, trago novamente uma fala da escritora Clara Averbuck, desta vez, uma fala retirada de sua página pessoal do facebook:

que curioso, né, toda vez que vejo um homenzinho falando que algo "não é literatura" ele está falando de alguma produção de mina. é curioso também como está liberado usar a vida como matéria prima só quando você é homem. mulher não pode. quando é mulher vira "diário". quando é homem, nossa, é a vivência do cara. vão se foder, vão. (AVERBUK, 18/04/2015)

O problema, apontado na fala de Averbuck, não é com o gênero diário em si, mas com a qualidade pejorativa que este recebe quando o assunto é a literatura, e não pela questão de ser o diário um relato de impressões diárias, mas por ser associado a uma prática feminina, e uma prática feminina a que não se dá importância. O que é possível entrever nesta discussão é a questão do valor da fala, enquanto a da mulher é relegada a individualidade, a uma fala que serve somente para si ou para o outro apenas como curiosidade sobre aquela que escreveu, a fala do homem é mais facilmente associada à universalidade.

Para saber o que as escritoras selecionadas para este trabalho achavam sobre suas publicações e que ambições tinham quanto a sua escrita, foi enviada a seguinte pergunta: “Você se considera uma escritora de literatura? (sim/ não. Por quê?)”. Das respostas obtidas a

esta pergunta, nem todas as escritoras conseguiram ser contatadas e das contatadas nem todas responderam, a maioria respondeu que não se considerava uma escritora de literatura. A única que respondeu com um sim foi Deborah Pimenta, a única das pesquisadas que possui um livro inteiro de sua autoria publicado em papel, talvez por isso a confiança:

“Sim. Trabalho como redatora de conteúdo, mas paralelamente mantenho meus projetos literários em andamento. É só assim que consigo me sentir realizada. Uma vez ouvi que quando você descobre que é escritora, não vai se sentir à vontade fazendo mais nada. Sou um exemplo de que isso é verdade hahaha.”

As demais entrevistadas responderam negativamente à questão de serem escritoras de literatura. No caso de Layse Moraes, a negativa veio apenas pelo fato de acreditar que sua publicação é diminuta e esporádica, mas que não se sente impedida de ser um dia uma escritora. Marcella Klimuk e Nanda Mota parecem muito confusas quanto à classificação do que fazem, são escritoras, mas não se consideram escritoras de literatura; Nanda Mota confessa que não sabe bem o porquê e completa: “não sei se me considero escritora de literatura, mas também não sei te dizer porque. talvez literatura me pareça algo formal, técnico, que me daria acesso à academia brasileira de letras, por exemplo.”; Marcela Klimuk, confessa que faz esta pergunta constantemente, e acabou não se considerando escritora, mas sua resposta é contraditória e dela podemos perceber que a maior dificuldade é de se qualificar como algo que, como fica claro na resposta de Nanda Mota, se apresenta de maneira elevada:

“Não me considero escritora. Já me perguntei muitas vezes, mas tenho entendido que escrever é um ato de transbordamento. Escrevo porque preciso compartilhar comigo mesma o que tá dentro de mim de forma confusa. Quando escrevo, me esclareço. Tenho como objetivo lançar um livro.”

A resposta de Klimuk, apesar de negativa quanto à pergunta elaborada, demonstra por meio de sua definição do que é literatura e do porque escreve que o que ela faz é sim literatura, apesar do medo ou da insegurança em afirmar-se como escritora literária. Outra resposta de escritora negando-se à literatura, mas ainda um pouco contraditória, é a de Rafaella Cury. Ela nega-se como escritora literária porque considera que seus textos são crônicas: “Não me considero uma escritora de literatura. Acho que meus textos, se fossemos classificá-los, caberiam muito mais como crônicas do que literatura...”. Já foi discutido aqui a classificação do gênero crônica como literário, apesar das dificuldades de trabalhá-lo como tal

já que é mais associada ao conteúdo jornalístico, mas como argumenta Simon, “percebe-se que a crônica pode acrescentar a sua composição jornalística um componente artístico, literário, que a distingue de outras práticas textuais da imprensa” (SIMON, 2011, p. 26).

A resposta mais intrigante, entretanto, foi a de Luísa Tavares, que escreve poemas em seu blog. Por escrever poemas, era de se imaginar, levando em consideração que este é um gênero já cristalizado como literário, que com maior facilidade esta blogueira se definisse como escritora literária. Mas então, entra-se em outra questão, o da validade do que se escreve. Além das outras questões já evidenciadas pelas outras entrevistadas, Luísa Tavares questiona seus escritos por acreditar que não são universais por serem íntimos demais. Eis sua fala:

“Sim e não. Não, porque "ser escritora" parece pressupor alguns pré-requisitos que não cumpro. Publicar livros, por exemplo. Escrever com mais frequência, todos os dias. Ter a pretensão de viver desse trabalho, fazer dele sua prioridade. Fiz jornalismo porque não achava que um dia poderia ter a chance (e ser boa o suficiente, vale dizer) pra realmente ser escritora. Por um lado poderia me considerar uma escritora, por simplesmente ser alguém que escreve. Mas aí vem o fato de que a maior parte dos poemas que escrevo serem altamente pessoais, e não aqueles meio "universais", com os quais todo mundo pode se identificar, tipo os do Vinicius de Moraes. Não sei... acho que prefiro dizer que escrevo, pra não ter a pressão que acarreta do dizer "sou escritora".”

É interessante este seu incômodo com o que escreve porque revela algo sintomático em nossa sociedade, a desvalorização da experiência feminina. Novamente, voltamos ao diário íntimo feminino, interiorizado em demasia para ser relevante aos demais da humanidade. O próprio Vinicius de Moraes, citado pela escritora, escrevia músicas, poemas e crônicas específicos para suas mulheres, e ele não foi o único a usar experiências e pessoas em sua vida para compor. É o que denuncia a fala de Clara Averbuck citada anteriormente, que quando um homem narra sua trajetória, sua experiência, esta tende a ser valorizada como universal, ou como relevante, no caso da mulher, vira apenas um diário íntimo que não abarca os sentimentos da humanidade, torna-se um texto irrelevante.

Por esta razão, a fala de Lena Dunham faz grande sentido, roteirista de uma série de TV premiada, tida como porta-voz da juventude feminina, em seu livro autobiográfico intitulado *Não sou uma dessas*, diz o seguinte sobre a escrita de autoria feminina:

Não há nada mais corajoso para mim do que uma pessoa anunciar que sua história merece ser contada, sobretudo se essa pessoa é uma mulher. Por mais que tenhamos trabalhado muito e por mais longe que tenhamos chegado, ainda existem muitas forças que conspiram para dizer às mulheres que nossas preocupações são fúteis, que nossas opiniões não são relevantes, que não dispomos do grau de seriedade necessário para que nossas histórias tenham importância. Que a escrita pessoal feminina não passa de um exercício de vaidade e que nós deveríamos apreciar esse novo mundo para mulheres, sentar e calar a boca. (DUNHAN, 2014, p. 17)

A pesquisa de Dalcastagnè, apresentada aqui neste trabalho já algumas vezes, comprova que a escrita feminina ainda não é tão valorizada quanto a masculina e que o lugar que a mulher conseguiu alcançar na literatura: “e hoje, talvez, possa se dizer, há quase que um espaço reservado a elas na literatura: falar de si.” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 159), mas enquanto a fala da mulher não tiver valor, este espaço será também sem valor. Enquanto a mulher escritora, principalmente a de blog, for considerada escritora de diário, e enquanto o homem que também fala de si for considerado, com poucos questionamentos acerca da relação literário e autobiográfico, um escritor que usa sua vivência para fazer literatura; enquanto essa oposição de valor entre gêneros existir, e ainda existe, a escrita da mulher será algo, como diz Dunhan, de muita coragem.

É coragem escrever principalmente sobre um tema considerado feminino demais e sobre um tema que já foi narrado por muitos homens. Ou seja, um tema que apenas reforçaria a escrita dessas mulheres como escrita tipicamente de mulher, e como um tema já universalizado por muitos homens escritores.

Uma personagem do romance *As meninas* da escritora Lygia Fagundes Telles, diz que no passado os homens narraram as mulheres, mas, agora, elas que vão narrar a si próprias (TELLES, 1998, p. 14-5). Sendo o amor um dos maiores temas literário, sabemos que por ele, principalmente, a mulher foi narrada e conseqüentemente representada pelo homem.

Assim, a representação do que é feminino foi construída – afirmação de Simone de Beauvoir- também ou principalmente pelas narrativas amorosas, nas quais a mulher foi, majoritariamente, representada pelo sentimentalismo excessivo, como um ser que nasce somente para o amor. Nascida para encontrar seu príncipe encantado e adquirir um bom e feliz matrimônio, atingindo sua realização como fêmea na maternidade, sua característica maior é o apego sentimentalista e, com ele, a dependência. Ao falar sobre a diferença do tempo da mulher e do homem, Lobo diz que o da mulher é compartilhado com a família, e por isso, sua identidade não é definível individualmente, mas conjuntamente com os seus: marido

e filhos. Apesar de muita modificação nos costumes sociais, em especial nos que dizem respeito à sexualidade feminina, uma construção secular de dependência não se desfaz em 30 anos e, sem a intenção de defender, aqui, o sentimentalismo ou a razão, ainda vê-se a mulher como ser que supervaloriza o amor.

Não foi preciso vasculhar durante muito tempo o histórico dos blogs para encontrar textos sobre o amor-sentimento ou sobre relacionamentos amorosos. Na maioria dos blogs visitados, o amor aparece, inclusive, como tema de maior relevância, como no blog *Indigestos* da Carolina Pires, em que o amor aparece como fonte de inspiração para a escrita. Com a observação no final de seu texto de junho de 2010, de que este se trata de um texto de caráter sexual, “P.s: hojeétudosexual”, diz que ultimamente está com pouca inspiração, mas “Não pela falta das minhas aventuras, delas tenho muitas, mas faltam-me palavras para descrevê-las.”, ou seja, para esta blogueira, aventuras sexuais ou amorosas, constantemente relatadas em seus textos, é o que traz assunto para que possa escrever, ofício que revela ser uma necessidade. Esta necessidade de amor para a escrita não é exclusividade desta blogueira, Clara Averbuck, com sua personagem Camila, do blog para o impresso, revela a mesma vinculação entre escrita e amor: “Porque preciso me apaixonar toda hora, ou não consigo produzir porra nenhuma” (AVERBUCK, 2002, p.14).

Assim, a temática amorosa foi escolhida para selecionar os textos que serão analisados nesta pesquisa. Para tanto, as análises sobre a temática amorosa nos textos dessas blogueiras serão divididas em dois capítulos, o primeiro buscará desvendar as formas de definir o amor, analisando os textos em que estas escritoras tentam diretamente dizer o que é o amor, em textos que narram situações de relações amorosas, assim como aqueles em que revelam suas expectativas ante um relacionamento afetivo-sexual. O último, de consequência inevitável deste primeiro, será sobre o fim do amor e o luto amoroso.

Sobre a motivação de escrita em blogs, em especial por parte das mulheres, Lobo observa a vinculação dessa produção textual com necessidade de terapia. Como não cansa de trazer para sua reflexão, Lobo diz que “O blog é um espaço onde ainda tudo é permitido, um espaço mágico e infinito para a purificação e a criação” (2007, p. 53). Assim, a função terapêutica, também pelo potencial criativo, não retira da escrita dessas mulheres, mesmo que não confessamente aspirado, o caráter literário. Mesmo a grande literatura- “seja lá o que isso queira dizer” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 149)- guarda em si este caráter catártico; Alberto Morávia, em seu conhecido livro “1934”, por uma personagem escritor, diz as seguintes palavras sobre a necessidade da escrita literária:

Mas de que modo chegar a essa tomada de consciência? Aqui intervinha o romance que tinha a intenção de escrever. [...] e isto porque contaria, no romance, a história de um homem que acaba por suicidar-se, isto é, transferir para as páginas do livro o que permanecia no terreno da intenção. Desse modo, através do exercício da literatura, eu conseguiria que o desespero, enfim “estabilizado”, perdesse seu efeito. (1986, p. 24).

André de Leones, escritor contemporâneo, ganhador do prêmio SESC 2005, quando questionado sobre o porquê de seu livro registrar vários suicídios, diz que, na cidade em que vivia, seus jovens amigos estavam indo por esse caminho, e ele, para fugir disto, deste fim, precisou transpor esses suicídios em livro, assim como a personagem de Morávia. São muitos os exemplos na literatura impressa, e voltando ao blog, percebemos esta mesma vinculação com a escrita, um misto de desejo de reconhecimento e autoconhecimento por parte dessas escritoras.

Exemplificando sua afirmação, Lobo traz as falas de uma de suas blogueiras analisadas, Bárbara Nunes, do blog *Insujeita*. Diz que neste blog a autora apresenta textos literários tanto de sua autoria, quanto da de outros autores; o interessante desse relato, entretanto, foi a motivação para que Bárbara Nunes criasse seu blog. Na intenção da superação de um luto amoroso, a blogueira, nas palavras de Lobo: “me informou que se sentiu motivada para criar o blog *Insujeita* após uma depressão causada pelo fracasso de um relacionamento” (2007, p. 41) e, nas da própria escritora: “Comecei a escrever para botar para fora um monte de sentimentos ruins” (LOBO, 2007, p. 41).

Visto que estamos em tempos de laços mais fluidos, nos dizeres de Bauman, em que um relacionamento, se não agrada de alguma forma qualquer uma das partes envolvidas, pode e, prega-se, deve ser finalizado; e ainda mais, em tempos de mercantilização das relações, em que o outro só se mantém enquanto ninguém o supera em qualidades e ofertas, não é difícil prever a quantidade de decepções amorosas contidas em uma vida. Bárbara Nunes não foi a única a começar um blog para lidar com a tristeza de um fim de relacionamento, e esta situação já é tão comum que quatro escritoras montaram um blog para escrever somente sobre fins de relacionamento. Com o blog de nome de *A melhor das intenções*, essas escritoras - algumas delas mantêm também blogs individuais- confessam ou criam histórias de amores acabados por tal e qual motivos; entre agudos sofrimentos e consciência da normalidade desses fins. Esse tema, entretanto, não é exclusivo de um blog temático, é ao contrário, muito recorrente nos escritos dessas blogueiras.

2.1 CONHECENDO AS ESCRITORAS

Para a realização desta pesquisa, foram selecionados 11 blogs escritos por mulheres. O período não chegou a ser um critério, mas resolvemos por descartar os textos publicados no ano de 2014, por não ser ainda um ano completo durante a leitura. Os blogs foram escolhidos por indicações de leitores e das próprias blogueiras, tanto em conversas, quanto por recomendações de leituras em seus próprios blogs. Essa é uma das características interativas desse espaço virtual, além de chegarmos a novos blogs clicando no link que nos levará aleatoriamente a um espaço de outro blogueiro, existem ainda as indicações de leituras feitas pelas próprias donas dos blogs, em um espaço ao lado de seus escritos, indicando que fazem a leitura e recomendam a mesma aos seus leitores.

O critério para seleção de tais blogs foi o de serem estes individuais e de possuírem publicações não unicamente marcadas por gêneros que comumente fogem ao literário como notícias, receitas culinárias, bulas de remédio etc. Assim, tiveram importância os textos que demonstraram impressões sobre acontecimentos cotidianos; textos reflexivos sobre temas universais, como o amor, por exemplo; narrativas em primeira ou terceira pessoa; textos em formato de poema; escrita de memória; monólogos interiores etc. Ao final da seleção, verificou-se que a data das publicações iniciou no ano de 2007, e como já informado, foi feita a seleção de textos até o ano de 2013.

Assim sendo, far-se-á neste tópico a apresentação de cada escritora para que sejam conhecidas antes de iniciarmos as análises de seus textos no capítulo posterior. A apresentação será baseada nas informações dadas pelas escritoras em seus perfis iniciais, mas também lançaremos mão da descrição do funcionamento de seus blogs, informando qual o tipo de publicação mais comum, se há imagens e textos não autorais etc.

Como faremos muitas citações dos textos dessas escritoras nos capítulos de análise, escolhemos usar abreviações de seus nomes para identifica-las. Essas abreviações serão colocadas neste capítulo ao lado do nome da cada uma delas, na apresentação que se segue.

Ana luiza (A.Z):

Não foi possível entrar em contato, pois o blog não sugere muitas informações sobre a escritora. Escreve em *outros tons* blog em que publica desde 2009 até 2013. Seus textos são geralmente em formato de poemas.

Ana Luísa (A.S):

Ana Luísa Rodrigues, 24 anos, atualmente no último ano da faculdade de Letras na Universidade de São Paulo; escreve em *novavelhahistória*, os textos em seu blog são geralmente sucintos e acompanhados de imagens. Segundo a blogueira, suas únicas publicações impressas são uma produção acadêmica publicada em uma revista da universidade em que estuda, e um livro de poemas, na adolescência, publicado pela escola em que estudava.

Carolina Pires (C.P)

Carolina Pires Campos, 22 anos, é graduanda em cinema e mora no Rio de Janeiro. Mantém o blog *Indigestos* desde 2009. Seus textos são curtos e em maioria de temática amorosa.

Deborah Pimenta (D.P)

Formada em jornalismo, moradora da cidade de São Paulo, trabalha como publicitária e possui 3 blogs. Mantém publicação em *A pedra do sapato* desde 2007, um de seus blogs, no Instagram e facebook, lugares onde publica suas produções a que chama de instacontos. Possui um livro impresso baseado nas publicações de seu blog e nome homônimo, publicado no ano de 2011, pela editora Navilouca.

Larissa (L.R):

Larissa Januário, 25 anos é formada em design gráfico, mas trabalha como redatora. Mora em Londrina. Suas publicações no blog *Meu universo num pedaço de papel* datam de 2007 até o ano de 2014. Seus textos são geralmente bem extensos e são normalmente narrativas. Em seu perfil descreve-se como: “escritora de nascimento, designer pelas forças das circunstâncias. [...] sabe que mata a vida constantemente para viver a escrita. E aceitou a condição.”.

Layse Moraes (L.M)

Layse Moraes possui duas graduações, entre elas, Letras pela Universidade Estadual de Londrina onde também faz mestrado na área de literatura. Seu blog *Coração Nonsense* possui publicações desde 2009 com listas de desejos, narrativas e vídeos.

Lila (L.L):

Luísa Tavares, 21 anos. Estuda jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina. Escreve no blog *Obra da incompletude* em que produz desde 2009 até então. Suas publicações são poemas.

Marcela Klimuk (M.K):

24 anos, formada em artes visuais pela Belas Artes de São Paulo, morando também em São Paulo, mantém o blog *Não me obrigue a fazer sentido*, em que escreve textos curtos e autorais. Sua produção data de 2008 a 2014.

Nanda Mota (N.M)

Nanda Mota, 33 anos, é formada em Publicidade e Propaganda com especialização em Marketing e nascida no Rio de Janeiro. Publica textos narrativos em seu blog *Trivialidades da vida* desde 2007.

Rafaella Coury (R.C)

Raffaella Coury, 24 anos, é redatora. Estudou jornalismo na UFSC e mora em Curitiba. Publica textos narrativos em seu blog *Reticências* desde 2010 até o momento.

Sara Castillo (S.C):

Faixa etária entre 20 e 30 anos, mora em Cuiabá, e possui ensino superior. Seu blog, nomeado com seu próprio nome, *Sara Castillo*, mescla fotos autorais, com fotos de filmes ou de outros lugares. Fotos de si mesma, mas a predominância é de textos verbais autorais e curtos, há, também, textos em estrutura de poemas. Sua produção conta de 2008 até 2014.

CAPÍTULO III

O AMOR E AS RELAÇÕES AMOROSAS

De muito difícil definição, já que dependente de fatores que extrapolam a lógica, o amor não deixa de querer ser entendido, vivenciado e definido. Incansáveis pontos de vista separam o amor do gostar, do apaixonar-se, do desejar, dando a esses um caráter efêmero, mas ao amor costuma-se reservar a eternidade tão característica quando se referem a ele acompanhado do adjetivo ‘verdadeiro’. Este caráter inefável do amor é o que o transforma em algo sobre o qual se pode falar das mais diversas formas, não podendo dar o veredicto a nenhuma forma de vivê-lo, senti-lo e pensá-lo, por mais que essas delimitações são e foram feitas pelos indivíduos de nossa sociedade, durante as épocas.

O sentimento amoroso precisa de um Outro, ou seja, aquele que possui o amor precisa de alguém a quem se possa destinar seu afeto, mesmo que esse ‘amar’ seja mais importante que a pessoa a quem se destina este sentimento. Amar mais ter o sentimento amoroso em vez de amar a pessoa que despertou o amor não é novidade, na época romântica, ou antes, na trova cortês, o que se amava era o sentimento, e não necessariamente uma pessoa. Não descartando ainda esta possibilidade para os dias atuais, vale enfatizar que este modo de viver o amor não exclui a necessidade do Outro, este vai existir seja por representação imaginária ou por representação física, real. E na histórica construção social dos gêneros, homem e mulher têm modos diferentes de amar e de receber o amor. Por um bom tempo mulher foi aquela que nasceu destinada ao amor, enquanto o homem, apesar de não desprovido da capacidade de amar, era muito mais associado ao desejo sexual que a mulher. Destas distinções nasce o estereótipo de um comportamento masculino da infidelidade, já que suas pulsões eróticas são consideradas e aceitas como incontrolláveis e destinadas a não só uma única mulher, e o comportamento feminino tipicamente apaixonado e sonhador. Aí, então, um problema. Sonhadora, ensinada a esperar por seu príncipe encantado, a mulher tem de compreender que esse príncipe precisa de outras mulheres além dela. Tudo se conserta, entretanto, ao inventarem a separação amor x sexo, respectivamente amor amizade, e amor erótico.

Hoje, outra parece ser a realidade, tanto das mulheres, como dos homens, que também nem sempre foram encarados como seres inabilitados para o amor, basta lembrarmos do trovadorismo e do romantismo, mesmo que estas tenham sido muito mais representações literárias que cotidianas. Grosso modo, a mulher já não tem mais como única

alternativa o confinamento de um lar e de um casamento. Seu desejo sexual já reivindicado é tolerado ou mesmo aceito e já parte dela a escolha de seus parceiros amorosos, podendo deixá-los caso a insatisfação com o relacionamento surja.

Elisabeth Badinter, em seu livro *Um é o outro*, nos dá uma visão muito interessante das relações entre gêneros desde as épocas pré-históricas em que as relações evidenciavam-se pela complementariedade não hierárquica até os dias atuais em que afirma a emergência de indivíduos andróginos, os quais não necessitam ser complementados, já que autossuficientes. Segundo Badinter, essa mudança, ou evolução humana, interfere diretamente na significação do amor e na maneira de viver o relacionamento amoroso (BADINTER, 1986, p.270).

Essa mudança a que Badinter se refere diz respeito a uma questão que nos é muito importante, a de ‘quem sou eu’ e ‘quem é o outro’. Essa mudança, em suas palavras, “mexe com o que há de mais íntimo em nosso ser: nossa identidade, nossa natureza de homem e de mulher” (BADINTER, 1986, p. 12).

Bauman, em seu livro *Modernidade líquida* publicado no ano 2000, explica a nova fase da humanidade que determinou esta mudança a que se refere Badinter. Usando as metáforas de sólidos e líquidos para classificar respectivamente os tempos modernos, anteriores ao nosso, e os tempos atuais, Bauman explica essa falta de referências a que estamos atualmente expostos. Divide, assim, a modernidade em duas, a sólida e a líquida, divisão também feita por outros estudiosos do assunto, alguns nomeando o momento atual como segunda modernidade, ou como pós-modernidade, termo mais conhecido. O pensador explica que a modernidade sólida era aquela que, mesmo com o objetivo de destruir as instituições tradicionais da sociedade, tinha por objetivo apenas reconstruir essas instituições para deixá-las ‘perfeitas’, mas continuando sólidas, ou seja, imutáveis:

Lembremos, no entanto, que tudo isso seria feito não para acabar de uma vez por todas com os sólidos e construir um admirável mundo novo livre deles para sempre, mas para limpar a área para novos e aperfeiçoados sólidos, para substituir o conjunto herdado de sólidos deficientes e defeituosos por outro conjunto, aperfeiçoado e preferivelmente perfeito e por isso não mais alterável. (BAUMAN, 2001, p. 09)

Esta a característica da modernidade, ter padrões imutáveis que regem o comportamento dos homens, por isso identifica-la como sólida, que, como afirma Bauman ao utilizar a *Enciclopédia britânica*, é a característica daquilo que é estável e resistente, e por isso, não se modifica.

A nova fase dessa modernidade, como afirma Bauman, é diferente da anterior, caracterizada pela fluidez, característica daquilo que não é duradouro, que se deforma ou se desfaz com constância e facilidade. Nessa modernidade líquida, os padrões da modernidade sólida vão se perdendo, se liquefazendo, e, “São esses padrões, códigos e regras a que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar depois guiar, que estão cada vez mais em falta” (BAUMAN, 2001, p. 14). Um exemplo de instituição que está se liquefazendo na atualidade e que servia como um padrão de ser e estar no mundo é a família, esse exemplo citado por Bauman é de Jonathan Rutherford que classifica essa modernidade atual como segunda modernidade, e se refere à família e às instituições a se desfazer nesta nova fase como ““instituições zumbis”, que estão “mortas e ainda vivas”” (BAUMAN, 2001, p.12). Sobre o desfazimento da instituição familiar Rutherford faz alguns questionamentos que demonstram essa instabilidade dos laços familiares, o divórcio, por exemplo, já começa a desfazer aquela visão de família em que existem mãe, pai e filhos, em suas palavras: “Pergunte-se o que é realmente uma família hoje em dia? O que significa? É claro que há crianças, meus filhos, nossos filhos. Mas, mesmo a paternidade e a maternidade, o núcleo da vida familiar, estão começando a se desintegrar no divórcio...” (RUTHERFORD Apud BAUMAN, 2001, p. 13).

Essa incerteza relativa ao ser do indivíduo, à personalidade, ou essa perda de referência é algo de nossa época e que afeta as relações entre homens e mulheres e consequentemente afeta também as relações amorosas. Se antes as maneiras de ser e agir no mundo eram bem delimitadas entre masculino e feminino, hoje, segundo Badinter essas fronteiras estão cada vez mais opacas:

Não faz muito tempo, as certezas não faltavam. Ela dava a vida e Ele a proteção. Ela cuidava das crianças e do lar, Ele partia para a conquista do mundo e guerreava quando necessário. Essa divisão das tarefas tinha o mérito de desenvolver em cada um características diferentes, que contribuíam, com muita força, para formar o sentimento de identidade. (BADINTER, 1986, p. 13, grifo meu)

É interessante enfatizar esse caráter ainda emergente dessa mudança pelos sentimentos contraditórios que o novo provoca nos indivíduos, a perda da referência antiga não foi acompanhada de uma nova. Assim, afirma Badinter que não há modelos prontos de como ser homem, ou como ser mulher nos nossos dias:

Atores de uma revolução que mal acaba de se esboçar, perdemos nossos velhos pontos de referência, sem que por isso estejamos certos dos novos. [...] queremos romper com a antiga civilização, ao mesmo tempo em que temos a nova; enfim, sabemos o que não somos mais, sem perceber claramente o que queremos ser. (BADINTER, 1986, p. 217)

A complementaridade entre os sexos, como nos mostra Badinter, foi uma constante durante toda a história da humanidade até o presente momento. Essa complementaridade, numa tentativa de resumir o que Badinter nos apresenta em seu livro, pode ser classificada como não hierárquica e hierárquica. A complementariedade hierárquica é a típica relação entre sexos no patriarcado absoluto, é uma complementaridade de poderes desequilibrados. No patriarcado a mulher tem sim sua função, mas de maneira alguma se iguala em importância às funções exercidas pelo macho. O problema não está na atividade em si, mas no valor que passam a atribuir à atividade. Assim, a tarefa relegada à mulher que é o cuidado da casa, do marido e dos filhos, é vista como menor que a função masculina, que é a de prover o lar e seu sustento.

Diferente é o que ocorre com a complementaridade não hierárquica que parece ter existido nos períodos pré-históricos. Como registra Badinter, antes de os deuses expulsarem, ou matarem as deusas, momento em que a lógica patriarcal começa a surgir, as funções femininas eram tão valorizadas quanto as funções masculinas, ao menos é o que parece ter ocorrido. Sobre esse período das cavernas, a pesquisadora conclui que “nada nos leva a acreditar que os homens dessa época exerceram um poder tirânico sobre as mulheres. Nem elas sobre eles” (BADINTER, 1986, p. 39). Assim, como mais a frente conclui Badinter sobre a complementaridade entre os sexos neste período em oposição ao patriarcado, “A relação de complementaridade persiste de maneira positiva, sob o ângulo da colaboração e da interferência, e ainda não sob o da exclusão, própria do patriarcado absoluto, mais ou menos generalizado na época histórica” (BADINTER, 1986, p. 58).

Essa relação de complementaridade só faz sentido, entretanto, se houver diferenças entre os sexos, assim, um para complementar o outro, transformando essa junção entre os dois em uma parte perfeita, se Um puder fazer o que o Outro não faz, enquanto o Outro fizer algo que o Um não faz. As partes precisam ser diferentes, com suas funções bem demarcadas. Badinter nos diz que “para que reinasse a harmonia, era preciso que Um fosse diferente do Outro, mas também que Um fosse impotente sem o Outro” (BADINTER, 1986, p. 236-7), assim, quando esses padrões de representatividade se desestabilizam, quando já não há mais algo que só um pode fazer, quando o indivíduo se torna um andrógino, ou seja, homem e mulher ao mesmo tempo, essa complementaridade parece perder o sentido de ser. E

é isso o que Badinter afirma estar acontecendo em nossos dias, mudança tão grande que se propõe a avaliar como uma mutação. Esta, então, significa uma mudança muito radical para a humanidade adaptada há muitos séculos a uma hegemonia masculina já que:

A noção de domínio reservado masculino tornou-se praticamente inexistente, a tal ponto que hoje teríamos dificuldade em citar uma só atividade própria ao homem e inteiramente ignorada pelas mulheres. Pelo contrário, nossa sociedade empenha-se energicamente em realizar a não diferenciação sexual dos papéis e das funções nos campos que eram considerados irredutivelmente mais específicos a um ou outro sexo. (BADINTER, 1986, p. 223)

Com essa mutação, Badinter anuncia o nascimento da humanidade andrógina, ou seja, do humano homem-mulher (BADINTER, 1986, p.235). Ao falar de andrógino, Badinter explica pela bissexualidade presente em todos nós, tendo genética e psicologicamente parte do Um ou do Outro, em menor ou maior medida; talvez nas palavras da pesquisadora fique um pouco mais claro o entendimento:

Na verdade somos todos andróginos, porque os humanos são bissexuados, em vários planos e graus diferentes. Masculino e feminino se entrelaçam em cada um de nós, mesmo se a maioria das culturas se deleitou em nos descrever e nos querer como sendo inteiramente de um sexo. (BADINTER, 1986, p. 236)

Afirma, então, que essa é uma bissexualidade, uma androginia, não recentemente adquirida, mas recentemente aceita e praticada. Põe, contudo, um questionamento acerca dessa nova realidade. Com a noção de duas sexualidades que se complementavam, necessitando dessa união para a perfeição, ou seja, um sendo impotente sem o outro, cada um via a necessidade do outro para si, mesmo que se considerasse superior ao outro, hoje, portanto, com a pulverização da noção de diferenças entre os sexos, essa necessidade de complementaridade supostamente não existindo mais, um indivíduo tornar-se-ia inteiro sem o outro. Entendendo desta forma, vendo pelo ponto de vista da complementariedade, não haveria motivo para homem e mulher se unirem.

Badinter diz que, desta forma, “A noção de casal tradicional vacila. [...] Como desapareceram na maioria os imperativos (sociais, econômicos, religiosos) que outrora pesavam a favor da duração, é o coração unicamente, que comanda nossa vida a dois” (BADINTER, 1986, p. 265). A essa provável sensação de onipotência podemos associar a valorização absoluta do Ego, a felicidade de si próprio antes da de qualquer outro. Assim,

para ambos os sexos, mas para a mulher, em especial, qual seria o motivo de aceitar um laço eterno de casamento sabendo das coações a que se pode submeter, como muitas se submeteram num passado recente, sendo que não há mais uma necessidade, em especial a econômica, que a force a tal? Se o único motivo para uma união fosse o da complementariedade funcional, possivelmente existiriam poucos casais, hoje, na visão de Badinter. Algo notável decorrente desta mutação a que se refere Badinter é um orgulho de uma autossuficiência do indivíduo, um orgulho ou uma necessidade de provar que, ao contrário da letra da canção de Tom Jobim “Wave”, é possível ser feliz sozinho, ou até é mais bem visto aquele que consegue ser feliz sozinho.

Esta nova necessidade, ou este novo desejo do indivíduo de ser inteiro sozinho ficou bem ilustrado em um texto de Sara Castillo, uma das blogueiras selecionadas para este trabalho. No texto de agosto de 2009, a narradora diz que acorda de madrugada após um pesadelo e sente seu quarto muito vazio e estranho de tanto que ele tinha dela, de tanto que ele era dela e de mais ninguém. Nesta situação, vê-se como que obrigada a pensar em sua existência que está intimamente ligada a este pertencimento extremo de seu quarto e ao seu consequente vazio. Sua reflexão concluiu que “minha vaga existência sempre se resumiu a simples idéia de não precisar de ninguém”, mas o que sua voz continua a confessar é que esse “não precisar de ninguém” foi uma decisão sua contra afetos e não algo natural que surge de uma real autossuficiência, mais um desejo de ser que um ser realmente; ao fim de seu texto, confessa a sensação de cama vazia, uma ausência ao seu lado.

De qualquer modo, a mulher passou por mudanças de formação educacional e de posição na sociedade, fato que colaborou em grande parte para o desencadeamento de revoluções nos modos de amar. Entre estes acontecimentos, vale enfatizar o de que a mulher já não tem mais como única perspectiva de vida o casamento, e o desejo de ter uma boa formação profissional muitas vezes ganha o pódio que um dia foi do desejo de constituir uma família.

Analisando o texto das escritoras/blogueiras selecionadas, podemos dizer de antemão que o casamento, enquanto instituição ou contrato civil, é pouco, ao menos confessadamente, desejado. Em uma das poucas narrativas em que este tema é abordado, ele não é narrado como algo parecido a uma predestinação, mas mais como algo inesperado. Assim, em uma narrativa de Nanda Mota em que nos é exposto um diálogo entre avó e neta, vemos com clareza esta nova situação ao confessar a neta que o casamento tal como sonhava as mulheres do tempo de sua avó, não é mais um objetivo. Há, entretanto, um porém que valida esse casar-se de branco, simbolizando a tradição indesejada, desejado pela avó e

considerado ultrapassado. Essa condição presente no texto de Nanda Mota nos faz voltar à época romântica e comparar a personagem da neta à personagem Marina do livro *A sucessora* de Carolina Nabuco. Neste romance, Marina fazendo-se superior aos atrasos morais de sua mãe, julga que só por amor o casamento é válido. Do mesmo modo, no texto da blogueira citada, a menina que precisa reforçar sua personalidade moderna, rebelde e livre, como veremos pela revelação de falar palavrões, por exemplo, transforma-se na mesma mulher que sua avó, mas com uma condição, o desejo muda se estiver em jogo o amor:

Mas nunca levou isso tudo a sério, porque, no fundo, no fundo, ela achava mesmo era que nunca ia casar. Ou que sua avó morreria antes. E então ela poderia fazer o que quer que fosse do jeito dela. Uma cerimônia de juntamento, e olhe lá.[...] Até que conheceu o homem da sua vida, quem diria... E a menina enjoada, que morria de vontade de bordar caveiras e palavrões nos paninhos que a avó lhe dava, começou a se imaginar de noiva. (N.M, 14/02/2008).

Também nesta linha de não ter o casamento como algo primordial numa vida, Deborah Pimenta em seu texto reflexivo “A obrigação do amor verdadeiro” publicado no blog *A melhor das intenções* no qual o tema central é o fim de relacionamentos diz que encontrar este amor eterno, que está relacionado a esse vínculo também eterno entre duas pessoas, não é sequer um objetivo para ela, mas também não o dispensa, pelo contrário, considera este acontecimento como algo muito mais relacionado à sorte:

não considero “encontrar o amor eterno” ou “encontrar o cara certo” necessariamente objetivos de vida. Não digo que é dispensável, ou que não seria bem legal encontrar alguém com quem compartilhar o resto da vida. Mas é que eu vejo esse acontecimento como um presente do acaso e não uma obrigação. (D.P, 07/12/2012)

Um presente é algo bom, ainda mais se não esperado. O que a fala de Deborah Pimenta parece revelar, assim como o texto de Nanda Mota, é que esse amor sublime, ainda que aparentando não ser uma necessidade básica para a vida, é algo agradável e de grande valor. Para Marcella Klimuk, é ainda mais, o amor é necessidade para ter força para viver; em um de seus textos-frase postados como que de repente e sem título, ao estilo de frases de efeito diz que: “a falta de amor me derrubou” (M.K, 06/06/2009), deixando claro que por não estar amando sentiu-se fraca e impossibilitada para existir, para todas as outras coisas da vida, como se o amor fosse a base de uma existência.

No texto de Déborah Pimenta fica-nos claro sua consciência de que este amor pra vida toda é privilégio de poucos. Assim, sua decisão é mais conformar-se à possibilidade de não ser uma das privilegiadas a realmente rejeitar o amor eterno, aquele da idealização, como um objetivo.

Assim, podemos verificar que se o casamento, ou o laço duradouro não é mais o centro do mundo feminino, o mesmo parece não acontecer se falarmos sobre amor ou relacionamentos amorosos, pois estes ocupam boa parte dos textos dessas, o que já nos induz a querer concluir para a grande valorização do tema. Retomando o pensamento de Deborah Pimenta de que um amor para a vida toda é impossível, embora desejado, os textos dessas blogueiras apontam para relacionamentos efêmeros, mas constantes, vários. Se não se consegue uma única pessoa para amar a vida toda, ama-se várias pessoas, seguidamente, ou mesmo concomitantemente, mas ama-se. Não estar amando parece ir contra a felicidade pessoal, como vimos na confissão no texto de Marcela Klimuk. Além disso, sobre esse sentimento tão elevado e necessário, afirmamos que tanto nos textos de Pimenta quando nos de Klimuk e de todas as outras, há muitas discrepâncias conceituais na descrição do amor que poderíamos classificar como contraditórias se o próprio sentimento amoroso já não o fosse.

Esse amor a que as escritoras se referem, como já observado, não é descrito de maneira rígida embora façam certo esforço em definir esse sentimento amoroso ao narrar as ações e as situações em que supõem existir tal sentimento; assim, as palavras conclusivas de “isto é amor”, ou expressão semelhante, estão presentes nos escritos de várias delas. As definições mais comuns estão ligadas ou ao convívio cotidiano de dormir juntos na cama, acordar cedo para o trabalho, dividir intimidades, como no texto de Carolina Pires em que diz, depois de confessar-se inundada de amor, que “amar é acordar todos os dias ao lado da mesma pessoa, sorrindo, mesmo que ainda sejam 7 horas da manhã” (C.P, 01/07/2013), o título desta publicação é *Tsunami*, como se a narradora quisesse mostrar que o grandioso está no pequeno, no simples.

Há também as ligadas ao ato sexual somente, como aparece no texto de Layse Moraes em que a narradora nos apresenta, como fica claro pelo título *Ménage à trois, mon amour*, um encontro sexual e casual entre três pessoas “Vamos lá, meus amores. Vamos todos nos lambar enquanto o mundo grita por um pouco de amor, por um pouco de coração. Esqueçamos essas bobagens românticas criadas por algum poeta do século XVII” (L.M, 22/01/2010), este texto, entretanto, tenta desmistificar ou desconstruir o amor romântico exaltando o sexo mais por um pessimismo que por alguma alegria, como veremos mais a frente ao retomá-lo.

Também por texto de Layse Moraes, há outra forma de amor que se apresenta como uma junção entre corpo e alma como quer sugerir já o título *O corpo da alma ou por dentro da carne*, o sexual e o sentimental unindo-se para fazer o amor:

como explicar o modo com que me penetras em corpo e me atinges com lenta delicadeza o coração? Ao mesmo tempo. Tudo-junto [...] Não consigo achar um jeito melhor de falar de amor a não ser o fazendo tão bem. Ter você grudado a mim, interligado a mim por um órgão que pulsa, que jorra, que pede e que depois se derrama e adormece ainda dentro de mim é o mais perto que eu já consegui chegar do amor. ” (L.M, 21/06/2010).

Estes dois últimos textos revelam uma questão recorrente e, por isso, de fundamental destaque neste estudo. Existem, então, múltiplas definições do amor, podendo ser este descrito de várias formas inclusive em textos de uma mesma escritora, e estas definições costumam não se anular, já que uma pode ser parte de outra ou decorrência de outra, ou mesmo simplesmente outra forma, também aceita. O amor pode ser sexo, pode ser sentimento idealizado pela pureza ou eternidade, pode ser convivência, mas apresenta-se especialmente como dificuldade.

Esta inabilidade confessada para o amor, para amar e para ser amada é outro ponto, revelado pelo texto em recuo de Layse Moraes, de merecido destaque, “é o mais perto que eu já consegui chegar do amor” confessa. Neste fragmento podemos ver que o amor é representado como algo escorregadio, ou como o pote de ouro no fim do arco-íris, inalcançável, a ponto de constantemente questionarem sua existência. Lila, em seu poema *Sempre a mesma ladainha*, diz o seguinte: “Por que o amor não existe, ou tem sempre que estar fugindo/ Ou então faz piada, diz seguro estar mentindo” (L.L, 12/08/2010), na leitura completa do poema a voz lírica revela que essa fugacidade amorosa é culpa dela própria por não aceitar o amor alcançado, querendo sempre o além, o “mais-que-isso”. E não nos faltam textos dizendo sobre a inexistência ou a falência do amor, algumas vezes referindo-se ao sentimento romantizado com ideais de pureza, em outras percebemos um pessimismo relacionado ao modo de ser do indivíduo que desaprendeu ou que nunca soube amar. Sobre essa atual situação do amor como sentimento inalcançável, Mary Del Priore diz o seguinte:

É como se tivéssemos passado de um período em que o amor fosse uma representação ideal e inatingível, a Idade Média, para outra em que vai se tentar, timidamente, associar espírito e matéria, o Renascimento. Depois, para outro, em que a Igreja e a Medicina tudo fazem para separar paixão e amizade, alocando um fora, outro dentro do casamento – a Idade Moderna. Desse período, passamos ao romantismo, do século XIX, que associava amor

e morte, terminando com as revoluções contemporâneas, momentos nos quais o sexo se torna uma questão de higiene e o amor parece ter voltado à condição de ideal nunca encontrado. (DEL PRIORE, 2012, p. 14, grifo meu.)

Assim, decidiu-se deixar em evidência a dificuldade com que essas escritoras lidam com o amor, que entra em choque com a grande valorização desse sentimento por elas. Essa valorização pode ser notada pela persistência de uma idealização desse conceito, embora busquem assumir uma postura que se pareça mais realista, provocando, deste modo, uma constante insatisfação e um pessimismo frente ao presente-futuro do amor. Sobre esse amor tão valorizado, por mais que várias formas de amor sejam aceitas, e mesmo que, como disse Badinter e Bauman, não existam mais modelos fixos de como agir no mundo, foi percebido um tipo de relacionamento confessadamente idealizado por essas mulheres.

Nos textos publicados foi observada a busca por um amor caracterizado como um amor pé-no-chão, apresentado algumas vezes em oposição a um sentimento anterior pautado na fantasia de perfeição fazendo referência aos casais apaixonados da literatura romântica. Nanda Mota explicita, assim, o amor que busca viver em seu poema *Romance*: “Eu prefiro a realidade à fantasia/ trocaria todas as promessas/ Pelas bobearas do dia-a-dia” (N.M., 15/01/2012). Badinter, em vista da valorização extrema do Ego que não aceita sua desvalorização em detrimento de outrem, diz que houve uma desvalorização dos amores apaixonados para dar maior importância a um amor que seja pautado na ternura. Diz a filósofa que os sofrimentos pela paixão, igualmente, também não são mais suportados pelos indivíduos de hoje. Em suas palavras: “Desejamos ‘cair’ apaixonado, ao mesmo tempo que escapamos dos desregramentos que alienam nossa pessoa. Nosso ideal de domínio e de desabrochar não pode acomodar-se por muito tempo como um sentimento tão doloroso” (BADINTER, 1986, p. 280), e em alguma medida essa rejeição ao sofrimento por um amor acabado foi notada nos textos analisados. Veremos alguns exemplos dessa rejeição em outro momento neste mesmo capítulo. Como afirmado, o sentimento dilacerante da paixão é sim, aceito e vivido, mas alguns textos mostraram a vontade de não perdurar esta sensação de euforia apaixonada. A paixão ou afeto passageiro e intenso, ou serve apenas como um sentimento inicial à paz terna do amor. Esse desejo de amor tranquilo foi bem retratado no texto *O amor acostuma* de Layse Moraes: “Tenho pra mim que a paixão é travessia para uma coisa nova que está para chegar, um amor calmo, um amor que eu sempre quis sentir: um amor de não-doer” (L.M., 20/04/2011), em meio à reflexão sobre paixão e medo da perda a narradora deste texto nos apresenta esta definição de amor que tem como verdade, mas também como algo ainda distante.

Embora alguma recusa da prevalência de exageros da paixão, afirmar coisas como preferir as bobagens da convivência ao modo fantasioso e antigo de amar, como no texto de Nanda Mota citado anteriormente, ou que amar é “acordar todos os dias ao lado da mesma pessoa, sorrindo, mesmo que ainda sejam 7 horas da manhã” de Carolina Campos, não quer dizer, como pensa Nanda Mota, falta de fantasia, de idealização. Transformar, ou querer transformar algo banal em algo belo, ou essa tentativa de transformar o prosaico em material poético, não deixa de ser uma forma de sublimar o amor, não deixa de ser uma forma romantizada ou fantasiosa de ver a vida amorosa. Assim, apesar da oposição realidade x fantasia, o que ocorre é apenas uma substituição de desejo. Por mais que afirmem a convivência, o cotidiano, referem-se a ele de forma asséptica, esterilizada das remelas nos olhos ao acordar, do mau-humor que pode causar uma segunda-feira de trabalho, ou das contas a pagar, sem contar as diferenças inevitáveis entre indivíduos. Mas os textos revelaram ainda outra realidade, há a idealizada realidade que alimenta o sonho ainda presente de dividir a vida com um amor eterno, e há também aquela que destrói esse sonho de eternidade:

E se?

Tem amores que nunca foram, nunca serão.

Daqueles da fantasia antiga, das hipóteses infinitas, das poesias, cartas e mensagens trocadas.

Que nunca se estragarão tão somente porque nunca enfrentaram ou enfrentarão a dura luz do dia.

A melhor coisa para derrubar um conto de fadas é a cretina da realidade.

(N.M., 20/01/2012)

Em um texto de reflexão sugerida por um passeio em que visita uma exposição de Jonathas de Andrade sobre a união de duas pessoas, o título do seu texto com o mesmo nome da obra do artista *Dois em um*, Deborah Pimenta vai mais a fundo ao revelar o pensamento sobre este relacionamento ideal, mas com coragem de expor, corroborando as reflexões de Badinter e de Bauman, que traremos à frente, o quanto ele é difícil em dias de indivíduos tão preocupados quase que unicamente com seu benefício:

Eu sempre costumo dizer que um relacionamento é compreender que o “eu” e o “você”, agora se tornou “nós”. Se somos um casal, não pode haver predominância de nenhuma pessoa do singular. Agora somos dois (ou mais. Viva a diversidade!) e tudo deve ser pensado dessa forma. O que é melhor para “nós”? Se o “eu” começa a predominar, afundamos a relação com as próprias mãos, por egoísmo. Se, pelo contrário, o “você” está em evidência, o mesmo acontece, porém por se auto-anular. A sutileza do pensamento, está em que dentro de “nós”, há “eu” E “você”. Sem perder a essência, de quem

somos. Pois é, ninguém disse que seria fácil. Porém a bandeira da individualidade foi erguida. Eu sou mais eu e se você não gostou, a porta é serventia da casa. Passe a vez, porque a fila anda.[...] Mas e o sentimento? É simplesmente ignorado? Porque em vez de bater o pé pra manter o mesmo “eu sou assim” de sempre, não tentar compreender o lado do parceiro e ceder um pouco? Vai chegar o momento em que ele também precisará fazer o mesmo, por você.[...] Pois é. Ninguém disse que seria fácil. (D.P, 10/02/2011)

Essas descrições do amor desejado por essas escritoras parecem muito com o que Giddens nomeia em seu livro *A transformação da intimidade* de amor confluyente derivado de um relacionamento caracterizado como puro, não por questões morais, mas por ser um relacionamento que tem como motivo unicamente o próprio relacionamento. Assim, o relacionamento puro tem como principal objetivo a satisfação de ambas as partes envolvidas e requer intimidade, cumplicidade, mas também negociação. Este relacionamento passa a sensação de cumplicidade visto que ambos parecem buscar o bem do casal, a negociação existe para isso, equilibrar desejos e deveres entre os envolvidos; o mais importante deste relacionamento é a igualdade tão desejada por todos, atualmente. Entretanto, sua durabilidade não parece ser o maior atrativo, pois como diz Giddens, esse laço só continua válido “enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem” (GIDDENS, 1993, p. 69).

Ana Luisa GR, de maneira bem resumida, apresenta esse relacionamento que aceita as diferenças respeitando-as para conquistar uma igualdade entre dois: “a gente é sempre assim, cada um com seu jeito de olhar se desencontrando até se encontrar” (A.S, 02/11/2010), o texto é completado com uma imagem de um casal em que o homem tira uma foto da mulher pelo espelho, na legenda está a frase que exprime a certeza “eu te amo”. E possivelmente não haveria tanta insatisfação se fosse realmente assim durante um longo prazo- “(o que quer que ‘longo prazo’ signifique na era da instantaneidade)” (BAUMAN, 2001, p. 22)-, porque esse amor só se perpetua enquanto o indivíduo se satisfizer. Assim, o outro só aceitará abrir mão de algo pelo outro se valer a pena o que ganhar em troca, ou seja, é um relacionamento pautado no poder de barganha. A relação entre amor e jogo neste tipo de relacionamento, de tal forma, não pode ser encarada como um simples senso comum que não deva ser levado em conta. Uma das escritoras, Lila, em seu poema *Pessimismo* de tom desanimador sobre o amor diz que “Livre está, de jogos e escambos/ O ser que adere à apatia” (L.L, 25/09/2010), ou seja, aquele que não se dá a paixões.

Esse jogo, essa troca de ‘favores’ que possibilita a intimidade e o convívio tão idealizado e mesmo romantizado neste relacionamento puro, requer o que Deborah

Pimenta expõe em seu texto acima citado, “que um relacionamento é compreender que o “eu” e o “você”, agora se tornou “nós”. Se somos um casal, não pode haver predominância de nenhuma pessoa do singular.”, e retomemos a definição de relacionamento puro, da necessidade da intimidade e da negociação, que requer um ceder não só da parte do outro, mas da parte de si mesmo. Requer a palavra-ação que já estamos muito acostumados a associar ao relacionamento amoroso: a entrega.

Ainda neste texto de Deborah Pimenta, em certo momento, ao falar da necessidade de fazer pelo outro, conclui que é preciso ceder porque vai chegar o momento em que precisará que o outro ceda por você também; ou seja, na própria crítica à individualidade ela acaba se traindo pelas palavras e revela a falta de gratuidade em fazer pelo outro, revela que se há a necessidade de se fazer pelo outro é para ganhar mais tarde.

Bauman, em seu livro *O mal-estar da pós-modernidade*, traça um paralelo entre o momento em que vivemos e o anterior, ou seja, respectivamente entre a pós-modernidade e a modernidade. Explica-nos que se hoje temos toda a liberdade tão desejada é em detrimento da segurança da época moderna. Em suas palavras:

Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca de liberdade. Os mal-estares da pós-modernidade provém de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais. (BAUMAN, 1998, p. 10)

Ganha-se algo, mas perde-se, também, algo. E é essa perda de segurança geradora de incerteza que tanto homens quanto mulheres estão vivenciando nos dias atuais. E talvez não seja forçoso dizer que esta situação é ainda mais agravante no caso da mulher devido a sua recente conquista de emancipação. Bauman, em *Modernidade líquida*, diz que essa incerteza, típica de nossos tempos, “é uma poderosa força *individualizadora*” (BAUMAN, 2001, p. 170), sabemos dessa individualidade em alta já por Badinter, desta individualização decorre:

o enfraquecimento e decomposição dos laços humanos, das comunidades e das parcerias. Compromissos do tipo “até que a morte nos separe” se transformam em contratos do tipo “enquanto durar a satisfação”, temporais e transitórios por definição, por projeto e por impacto pragmático – e assim possíveis de ruptura unilateral, sempre que um dos parceiros perceba melhores oportunidades e maior valor fora da parceria do que em tentar salvá-la a qualquer – incalculável- custo. (BAUMAN, 2001, p. 187)

Bauman, de tal forma, parece revelar com negatividade as novas formas de relacionamento num mundo que ele julga individualista ao extremo. Sobre os relacionamentos diz que não são mais construídos, mas consumidos individualmente, o que significa que acabando o desejo de um indivíduo pelo outro, acabando a utilidade de um indivíduo para o outro, troca-se ou joga fora como um produto. Sobre isso diz que:

Raramente param por tempo suficiente para imaginar que os laços humanos não são como peças de automóvel - que raramente vêm prontos, que tendem a deteriorar e se desintegrar facilmente se ficarem hermeticamente fechados e que não são fáceis de substituir quando perdem a utilidade. (BAUMAN, 2001, p. 187).

Assim, neste mundo de incertezas e voltado ao prazer individual, fica difícil se não contraditório, a entrega referida há pouco. Se se entregar significa doar algo de si, abrir mão de algo que signifique um prazer, ou seja, um direito do indivíduo, não há quem queira ceder se não houver a certeza da recompensa de o outro ceder também em algum momento. Pensa-se assim, se você não cede, eu não cedo, mas caso eu abra a mão de algo por você e não houver reciprocidade, então eu saio perdendo no relacionamento. E o Ego supervalorizado não aceita fazer demais pelo outro, porque ceder significa também perder algo de si, e, como afirma Badinter: “Se o Outro é a causa de nossa insatisfação, nós o deixamos. Vale mais a pena cultivar seu Ego do que sufocar um aspecto de sua personalidade” (1986, p. 267).

Não pretendemos aqui encontrar o início, caso haja um, de uma desconfiança, apenas constatar a existência da mesma. Retomando a comparação entre relacionamento amoroso e jogo, não há quem queira ceder, ou perder, sem que haja a certeza de que o outro logo em seguida abra mão de algo importante ‘em nome do amor’ também. Layse Moraes traz bem claro isto em seu texto *Eu não sei brincar de amor*, neste ela se revela pensando que só se envolveu com pessoas erradas, mas acaba por confessar e aceitar que também ela era errada já que: “eu não sei fazer carinho sem pedir carinho em troca. Eu não sei brincar de amor” (L.M, 23/11/2010).

Neste jogo de interesses, alguém precisa ceder primeiro, mas se ninguém tem coragem, como haver a entrega? Os textos das escritoras analisadas aqui denunciam exatamente esta falha, não há esta entrega da parte de ninguém. Ainda, quando parece haver essa entrega, a desconfiança paira como fica-nos evidente em texto de Sara Castillo:

ella: às vezes eu não consigo acreditar em tanta ternura e isso inclui aquele resto de amor. te deixo na cama porque não suporto minhas idéias, meu corpo simplesmente desconfia quando o toque é verdadeiro demais. vou pra sala e deixo meus pés a esfriar, no puedes dejarme tan enamorada, sou mais pra dúvida que pra aceitação. me encolho com medo de uma suposta pancada. me armo toda mas digo que te quero bem. (S.C, 01/08/2009- grifo meu).

Esta desconfiança não vem apenas de um conhecimento prévio de que o ser humano não consegue se entregar, mas também da própria experiência. Sara Castillo, em dois textos de abril de 2009 narra sua insatisfação com a experiência da falta de reciprocidade: “estou precisada de emoções [...] amar acima de todas as coisas. Amar o outro na extensão do próprio corpo. [...] a gente não se doa, boy, a gente mal se vê nos olhos [...] sinto falta de cuidados [...] a reciprocidade deveria ser lei [...] assim a gente não se sentiria só” (S.C, /04/2009).

Há, como alguns textos evidenciaram, uma rejeição ao amor idealizado e submisso de décadas atrás, por outro lado, encontra-se também, grande pessimismo nesse amor que se quer revolucionário e igualitário, ainda mais quando parece ser o único, mesmo que idealizadamente, viável em dias como os nosso.

Quando Bauman explora esta nova forma de relacionamento em que impera a satisfação individual, contrapondo o insucesso dos relacionamentos atuais aos laços anteriores mais duráveis, parece difícil concordar de maneira efusiva uma vez que se a maioria dos laços nesse passado nem tão distante perpetuava era também à custa de uma resignação feminina. Sobre esse passado é interessante trazer um texto de uma das autoras em que mostrara que nele também não se sabia amar, não sendo assim, uma característica apenas dessa nossa contemporaneidade, mesmo que os motivos sejam diferentes.

Layse Moraes, então, em um texto em que o narrador confessa a inabilidade de ‘usar o amor’ mostra que esta parece ser mais uma condição humana que um problema atual, inclusive, aponta nesse passado de laços estáveis a resignação feminina e ante a falta de fidelidade masculina, mostrando que laços eternos não significavam um sentimento amoroso necessariamente eterno; o texto será posto na íntegra:

Eu nunca entendi meu coração. Desde pequena é assim, essa briga, esse jogo, essa coisa...
Isso me fez escrever lá pelos 15 anos uma bossa-nova bem melosa e sem graça em que eu dizia na estrofe principal: eu não sei usar amor. É, eu disse isso. E quer saber? Às vezes me pego pensando que eu não sei usar mesmo. Assim: não me cabe. Uma coisa estranha, de achar que o amor é feito um livro que se lê e não se vive. Nunca entendi muito bem.

Entendo muito pouco de amor, na verdade. Talvez isso explique o meu coração desencantado de adolescente. Meu pai não soube usar amor – o amor era coisa-grande pra ele, tão grande que acabou de repente. Minha mãe não soube usar amor – o amor era coisa média e depois ficou tão grande que não acaba nunca mais. Meu avô não soube usar amor – lá pelos meados dos anos 40, morando em uma cidade que só tinha uma única rua, saía com outras mulheres enquanto a minha avó costurava em casa. Minha avó não soube usar amor – esqueceu tudinho e quando é perguntada sobre qualquer coisa acerca desse sentimentozinho ela diz: “o amor?! Essa palavra...” e não fala mais nada. Pra piorar tudo, nem meu cachorro sabe usar amor – ele só parece amar a gente quando está doente, ou algo assim, quando ele está bem nem nos olha na cara.

É engraçado essa história de amor... pensar que nessa hora existe um monte de gente morrendo de amores em vários cantos do mundo. Casais apaixonados em Paris, pessoas transando em um motel barato, uma mulher de coração partido comendo chocolates no quarto e jurando pra si mesma que sim, ela goza melhor sozinha, um homem triste e solitário se derramando dentro de uma mulher a quem ele nunca dará seu coração.

Ninguém sabe usar amor. O amor não é usável- pensei. Talvez o amor, essa palavra, seja exatamente isso. O não-saber. Sentimento-grito. Objeto-pulsante. Só isso: O amor, essa palavra... (L.M, 06/06/2010)

Sobre as mudanças ocorridas entre modernidade e pós-modernidade, que são as trocas entre segurança e liberdade, Bauman pondera que “você precisa do que mais falta” (BAUMAN, 1998, p. 10); assim, o que nos sobeja, além de liberdade e direito ao prazer, é a desconfiança e essa desemboca, pela superficialidade e fragilidade dos laços afetivos a que já nos referimos, em um constante sentimento de solidão e vazio que culmina numa sensação de desproteção que o indivíduo sente que precisa ser revertida.

O casamento, ou o relacionamento amoroso duradouro é um desses laços que foram desestabilizados com a era pós-moderna e que pode ser uma forma de conseguir alguma certeza nessa era das incertezas. Assim, o amor passa a ser também constantemente buscado para amenizar a sensação de desproteção e solidão que a conquista da liberdade deixou no indivíduo. Essa estabilidade amorosa resultando em proteção é o que deixa transparecer o texto *Doce como algodão-doce* de Marcella Klimuk em que ela lista tudo o que gostaria que seu parceiro fizesse, como gostaria que seu parceiro agisse com ela e entre essas ações a de proteger: “não solte da minha mão [...] ande na calçada do lado da rua, me faça sentir protegida, me faça sentir que sou sua” (M.K, 04/07/2008).

Fala-se da falta o tempo todo, e do amor ou da companhia para suprir esta sensação de vazio, de solidão. Contradição ou não, o outro parece ter uma importância muito grande. no texto em que Sara Castillo confessa uma sensação de frio e vazio ao seu lado encontra-se a confirmação: “o que eu queria era alguém para me preocupar, alguém para dividir o espaço na cama” (S.C, 01/06/2009). Em muitas vezes o amor parece significar a

certeza de ter alguém como companhia, o que nos faz retornar à ideia do amor não só como cura da solidão, mas como uma possibilidade de segurança, como no texto *Pequenezas* de Nanda Mota em que narra a sensação de conforto de uma mulher ao olhar os vestígios da existência de seu companheiro que sugere a percepção de não estar só, de que ele logo volta: “Ela sorriu ao ver o par de chinelos dele encostado na entrada da casa./ Lembrou do pijama no armário e ficou feliz por saber que logo ele estaria de volta” (N.M, 20/07/2010). Para ser ainda mais explícita quanto ao conforto da certeza de ter alguém, e da abdicção da liberdade que essa situação pede, temos o texto-frase de Sara Castillo tendo possivelmente como narrador e narratário respectivamente o indivíduo em uma relação e o outro envolvido nesta mesma relação: “**ps:** a gente vive uma falta de liberdade *confortável*” (S.C, 01/09/2009).

Tanto a busca por liberdade, quanto a busca de amor, estão diretamente ligadas a algo de maior valor, a felicidade. Assim, significando o amor uma perda na liberdade individual, e a perda da liberdade como algo que priva o indivíduo de plenamente buscar sua satisfação, ou seja, comparando, como Bauman, as trocas entre modernidade e pós-modernidade, podemos concluir junto com o sociólogo que a felicidade continua sendo objeto distante, “em ambos os casos, a felicidade soçobra” (BAUMAN, 1998, p. 10), conclui. De tal forma, o que existe é uma constante insatisfação. Talvez seja necessário, neste momento, diferenciar sentimento amoroso de relacionamento amoroso, já que a vulnerabilidade deste não anula o acontecimento daquele.

Dessas constantes decepções com os relacionamentos, constrói-se uma certeza prévia tão grande de finitude desses laços amorosos que parece igualar-se à da nossa própria finitude. Essa certeza, assim como a da morte nossa, produz duas maneiras de agir referenciadas por essas escritoras que podem ser conjuntas, ou seja, uma sucedendo ou implicando a outra, ou isoladas. Uma é a de matar o amor prematuramente, impedindo que ele cresça, pois já se sabe seu futuro finito, a outra é ignorar este desejo-necessidade do relacionamento afetivo com outro e entregar-se ao prazer, buscando apenas relações que anulam um envolvimento sentimental e priorizam um prazer individual. O texto de Rafaella Coury demonstra essa primeira forma, de como esse pessimismo, advindo da consciência das diferenças e do individualismo do indivíduo pós-moderno, anula as possibilidades de esse laço amoroso perdurar, ou sequer começar. O título já nos é bem sugestivo:

O começo do fim

"Mas eu gosto de você. Gosto bastante de você. Eu te adoro, na verdade."

E foi com essas palavras que ela decidiu. Ela o amava.

Foi bem simples, na verdade. Na sua adolescência infantil, chegou a dizer milhões de "eu te amo" por dia. Amava a todos: amigos, amigas, namorado, parentes, bichos de estimação, bichos de pelúcia. Todos. Adorar era uma palavra normal. Era menos do que amar, inclusive, então não haveria porque dizer isso para alguém.

Mas ele havia dito! No contexto, isso significou tanto, mas tanto! Ele sentia algo por ela, ela sabia disso, e decidiu que ia fazer esse sentimento aumentar, e ele iria amá-la, mas com o sentido real da palavra, o sentido que vem da gradação gostar-adorar-amar. Seria sincero e verdadeiro.

E eles vão namorar! Ah, como será bom quando eles namorarem! Vai ser lindo, eles serão um casal tão romântico e bonito!

Se bem que nem tudo será tão lindo assim.

Ela gosta demais de conversar e ele é mais quieto. Ela é carente e ele é frio, às vezes, mesmo que seja carinhoso. Ele é de lua demais para ela. Mas ela também é. Ele vai ser muito gentil por um dia e em outro será super grosso e indelicado. Ela vai se machucar com essas mudanças.

Ela vai querer discutir o relacionamento, e ele prefere guardar seus sentimentos para si. Ela vai se incomodar com coisas pequenas, ele não vai se conformar com isso e vai dizer para ela relaxar e desencanar, como ele faz.

Ele vai sentir ciúmes e ela vai achar besteira, e vai achar ruim ter que mudar por causa de alguém.

Eles vão discutir. Vão perder a cabeça. Ela vai se cansar do quão chato ele é, e ele não vai mais aguentar os dramas dela. Eles vão se odiar e terminar.

Não, ela não decidiu que o ama. Que burrice. Afinal, ele só falou aquilo da boca para fora. Ela é que não vai correr esse risco. (R.C, 19/05/2011)

Nada raras são as narrativas sobre decepções amorosas ou cansaço dessas.

Segundo Bauman, as relações de hoje são pautadas na aposta, que alude à incerteza, em contraponto com a certeza de antes: "Apostar, agora, é a regra onde a certeza, outrora, era procurada, ao mesmo tempo que arriscar-se toma o lugar da teimosa busca de objetivos" (BAUMAN, 1998, p. 36). Ama-se, mas com desconfiança; entra-se num relacionamento, mas não por inteiro. Há quase sempre uma certeza de fim, o texto *nAMORado* também de Rafaella Coury traz essa confirmação: "Ela queria poder amar sem medo/ queria poder acreditar em estar com alguém, em ter um futuro com essa pessoa" (R.C, 23/04/2010). A dificuldade da entrega.

O amor aparece como o causador de dor, de decepção. Por isso, muitas vezes, em detrimento deste sofrimento, já aqui retratado como repudiado em nossos dias, ou dessa inabilidade de amar, elas optam, agindo da segunda forma a que nos referimos, pelo amor-prazer atrelado ao sexo, ao corpo e ao gozo sem romantizar o ato. O texto de Layse Moraes, referenciado no início desse capítulo, pode nos revelar isto quando diz: "Vamos todos nos lamber enquanto o mundo grita por um pouco de amor, por um pouco de coração.

Esqueçamos essas bobagens românticas criadas por algum poeta do século XVII”. Aqui podemos ver uma real preferência libertária pelo sexo, pelo prazer, mas também a troca do amor pelo prazer, já que há a descoberta da não existência desse amor.

Mas essa troca motivada fica ainda mais clara no texto *Dos amores, a fênix* de Carolina Pires: “Daquelas: sexo porção única / era disso que eu precisava / envolvimento zero de ambas as partes / principalmente da minha / do contrário, dói” (C.P, 01/04/2011).

Voltando ao poema de Lila que escancara essa relação entre amor e sofrimento, “Livre está, de jogos e escambos/ O ser que adere à apatia/ Pois convenhamos, / nenhum ser que sente algo é santo/ e por amar tudo faria/ porque a paixão tem presente fama/ de, frequentemente, / Culminar em pranto” (L.L, 25/09/2010). Mas a que preço, então, não sofrer? A resposta está clara no poema de Lila, para não sofrer por amar, escolhe-se a apatia. E muitas vezes, esta apatia parece ser desejada como uma alternativa, que se mostra, entretanto, ineficaz, como no texto de Sara Castillo: “não me dou ao charme dos antigos surtos amorosos. (e me dói cada parte que não pulsa)” (S.C, 01/06/2011). Ou seja, se a indiferença parece ser uma alternativa ao sofrimento amoroso, não é para o sofrimento da vida. Se não se ama, se não transborda, se não sente ao máximo o que o corpo é capaz de sentir, aí é a vida que não vale a pena. O texto posterior a este citado de Sara Castillo, sem títulos, apenas postado como frase de lembrete, reforça a necessidade que tem o eu narrador da frase por algum sentimento qualquer que seja: “**ps:** *qualquer coisa que se sinta*”, vale ressaltar que, mesmo não sendo informado pela autora do blog, esta é uma frase de uma letra de canção de Alice Ruiz interpretada por Arnaldo Antunes. Letra de canção em que a voz lírica exatamente clama por algum sentimento seja ele dor, amor etc.

Temos, então, outro conflito, o amor é necessário para mais uma questão. Amor é também necessidade de um sentido na vida, que aumenta ainda mais em tempos vazios de certeza como os nossos. Essa necessidade é constantemente revelada pelas escritoras, como exemplo trago a frase de Ana Luísa GR publicada solitária em seu blog : “o amor é só uma desculpa pra gente se sentir vivo” (A.S, 08/02/2011). Apresento também o texto *Soledad* de Larissa em que o eu da blogueira fala sobre o medo da solidão e atrela este medo à necessidade de amar alguém de estar com alguém, diz: “às vezes eu fico pensando se essa coisa de sen-ti-men-to [...] não é só uma maquiagem para o fato inevitável de que nascemos e morremos sozinhos” (L.R, 18/08/2008). Sobre essa necessidade de amar elas não têm pudor em confessar a invenção desse sentimento para suprir tal falta como evidencia o texto de Sara Castillo: “Você surgiu porque eu queria me apaixonar,/ mas nunca foi de verdade/ eu fantasiei porque queria sentir/ (touchè)” (S.C, 01/03/2011), entretanto, pode-se

notar também nesta fala algo como uma vingança ao estilo da letra de canção *Olhos nos olhos* de Chico Buarque na qual a voz lírica feminina parece jogar na cara do ex-amor por quem foi abandonada que sem ele está ainda melhor.

O amor não precisa ser real, como no texto acima de Castillo, pode ser inventado ou mesmo fingido. Também pode ser o amor considerado por elas como algo tão elevado que nunca é considerado possível de ser verdadeiro, e desta impossibilidade unida à necessidade de afeto surge um amor menor, a paixão, sentimento que parece ser considerado como aquele que se mascara de amor, como no texto *Dos amores, o figurante* de Carolina Pires: “Pois eu fiz juras de amor que não cumpri e pra falar bem a verdade, nem sei se o amor de fato existia. A carência pode ser mais uma das minhas paixões. [...] por vezes a paixão se mascara e me faz confundi-la com amor” (C.P, 01/03/2011), outra frase presente neste texto corrobora o texto de Castillo quanto à criação, ou ficcionalização de um sentimento apenas para suprir a necessidade de ter um amor, de sentir o amor: “E os personagens? Eu os crio a cada dia” (C.P, 01/03/2011).

Aí, então, denunciam as superficialidades dos laços. Fingir o amor, inventar, dizer que existe sabendo que não existe realmente é como se profanasse sentimento tão superior. O texto *Outra coisa* de Nanda Mota, em tom de denúncia àquele que profanou esse sentimento demonstra como é comum e ao mesmo tempo errado dizer que se ama sem ter a devida certeza: “Proclamou o amor tantas vezes em vão/ que ninguém acreditou quando foi real” (N.M, 21/11/2012), como demonstra o título, o sentimento tão proclamado por todos pode ser outra coisa, mas dificilmente é o verdadeiro amor. É o clichê do nunca usar o “eu te amo” irresponsavelmente.

Essa supervalorização do amor mostra que apesar de pautado no cotidiano e muitas vezes se opondo ao romantismo que qualificam como fantasioso, o amor, hoje, parece continuar sendo algo idealizado. Alguns dos textos selecionados das escritoras deixam claro o milagre do amor em suas vidas, como, por exemplo, o texto de Marcela Klimuk em que diz que o amor “me faz sentir completa. O amor tem cores, tem sabores e gostos/ estou viciada em amar e sentir o prazer de amar/ ah! O amor existe dentro de mim e transborda, transborda” (M.K, 20/07/2009). O amor é também descrito muitas vezes como sentimento exagerado, do mesmo modo como era no romantismo aparece nos textos analisados como sentimento avassalador, como no texto de Ana Luiza Mensuras em que a voz narradora se questiona sobre como deve ser o amor e responde da seguinte maneira: “É uma coisa tão forte que grita, que arde, pulsa e assusta. É uma coisa que enche o peito” (A.Z, 14/09/2011). Mas esse amor apaixonado é sentimento de excessos tanto de alegria quanto de sofrimento, também muito

parecido com o amor vivido nos livros românticos; Marcela Klimuk, que anteriormente exaltou a beleza e o prazer do amor, diz sobre esses extremos, em seu texto *eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios* possivelmente influenciada pelo romance de mesmo nome escrito por Marçal Aquino, que “o amor nos tira da merda mas depois nos devolve pro mesmo lugar”(M.K, 07/05/2012). De tal forma, o amor é apresentado, como ficou visível nos escritos apresentados acima, por extremos, céu e inferno a quem por ele é atingido.

O sexo narrado em minudências, ainda que apareça confessadamente como opção à impossibilidade amorosa, é também exposto como uma conquista. Apesar de não ter o mesmo peso entre as escritoras, essa liberdade para o prazer, para experimentar o que a liberdade pós-moderna proporcionou às mulheres, aparece tal qual diz Bauman sobre o sujeito pós-moderno:

Um número sempre crescente de homens e mulheres pós-modernos, ao mesmo tempo que de modo algum imunes ao medo de se perderem, e sempre ou tão frequentemente empolgados pelas repetidas ondas de “nostalgia”, acham a infixidez de sua situação suficientemente atrativa para prevalecer sobre a aflição da incerteza. Deleitam-se na busca de novas e ainda não apreciadas experiências. [...] e de um modo geral, a qualquer fixação de compromisso, preferem ter opções abertas.” (BAUMAN, 1998, p. 22-2)

Elas sabem que agora têm a escolha, que, como dito logo no começo deste trabalho, não dependem de um bom casamento em que se submeta a algum homem por conveniência ou mesmo por amor. A possibilidade da escolha, assim, divide as opiniões das escritoras. Muitas nostálgicas de um romantismo que, apesar de saberem nunca existente como realidade, ainda parece exercer grande influência no imaginário do que é ser mulher e de como é amar sendo mulher.

Nanda Mota, por exemplo, em seu texto *Encruzilhada* explicita bem esse poder de escolha e a dificuldade da escolha, mas esta parece pender para a estabilidade ou pelo par romântico: “Escolher estar com alguém é abrir mão de todas as pessoas com quem você poderia ficar/ escolher poder ficar com as outras pessoas é abrir mão daquele alguém”(N.M, 23/01/2012), opondo o resto do mundo àquela única pessoa a quem se pode amar de verdade a escritora acaba por perpetrar sua visão romântica do amor ainda que seja possível outras escolhas, ou enaltece ainda mais o amor romântico por preferir a pessoa amada ao resto do mundo de possibilidades.

O texto de outra escritora, Carolina Pires, numa confusão caracteristicamente pós-moderna de ter dificuldade de saber inclusive o que se deseja, “o

problema da identidade não-resolvida” (BAUMAN, 1998, p. 38), parece optar pelo que Bauman chama de opções abertas, pelos laços efêmeros: “O que ninguém, nem ao menos eu pareço entender, é que tudo o que eu quero é apenas um amor infinitamente efêmero e repetitivo quando nos convir. Meu tempo aqui é curto, não pretendo dilacerar corações” (C.P, 01/09/2010). A continuação do texto, diferente do que suas primeiras palavras aqui citadas parecem querer dizer, nos mostra que apesar de buscar a efemeridade ou de não demonstrar valorizar o “dilacerar corações” a voz da narrativa busca, ou reconhece, como no texto de Nanda Mota, aquela pessoa única: “Mas alguém entenderá, eu sei que sim. Aquela pessoa que me canta cherish aos pés dos ouvidos a cada sonho que delineio contigo. Essa sim, será a única pessoa capaz de entender minhas entrelinhas.”, por mais que seu texto dê mais valor ao prazer e ao corpo sua esperança e seu desejo continuam sendo encontrar aquele ser já escolhido para ela, aquele ser único cuja existência só faz sentido ao lado dela e ela que, por sua vez, só será entendida ao lado dele. Nada mais romântico.

Embora muitas vezes os textos encontrados pareçam se contradizer, algo muito comum devido à incerteza e à constante reformulação da própria identidade, esta comparada hoje ao palimpsesto por Bauman, no geral, as escritoras dos blogs selecionados assemelham-se ao valorizar o sentimento amoroso enaltecendo-o, mas assemelham-se também ao manter uma visão pessimista por acreditarem que o amor que buscam esteja ou agonizante ou seja inexistente.

O problema, tentando aqui alguma conclusão dos escritos dessas blogueiras, não parece ser com o amor que é narrado como sentimento sublime e de salvação, o problema parece ser o ser, parece ser cada uma delas e de todos os outros indivíduos no mundo, inconstantes, incompletos, incapacitados. Assim, o amor nesses dias nossos, retomando Del Priore, “parece ter voltado à condição de ideal nunca encontrado” (DEL PRIORE, 2012, p. 14). Assim, se o amor se apresenta como algo que parece não existir como coisa palpável, ele é muitas vezes encarado como algo que não existe. “Não existe amor em SP, meus caros. A má notícia é: em lugar nenhum” (L.M, 01/02/2012). Neste texto, Layse Moraes, fazendo referência à letra de canção do rapper Crioulo *Não existe amor em SP*, acentua seu pessimismo quanto à esperança de um pouco de amor ao concluir que não só em São Paulo, cidade grande e louca, há a falta de amor, não só em SP “Os bares estão cheios de almas tão vazias.” como na letra de Crioulo, essa superficialidade dos laços afetivos está por todos os cantos e sua fala parece revelar essa impossibilidade como num pedido de conformação à humanidade. Como se dissesse “não existe, não adianta procurar, sinto muito, conforme-se”.

Por outro lado, se esse pessimismo vem da consciência da fragilidade dos laços, de que esses são falhos e fáceis de serem desfeitos, essa constância de finitude também não deixa de ser encarada com alguma esperança. Há que se lembrar, em tempos anteriores, de casamentos em que duas pessoas indiferentes uma em relação a outra coabitavam apenas para manter uma aparência de durabilidade. Assim, as escritoras, ainda na instabilidade dos desejos, retratam essa finitude também como coisa boa, muitas vezes corroborando a afirmação de Badinter ao dizer que “a separação significa também a esperança de reatar laços mais felizes com outra pessoa” (BADINTER, 1986, p. 277), como no texto de Marcela Klimik: “O fim é o começo – é preciso transbordar para encher de novo / (é preciso terminar um ciclo para começar outro)” (M.K, 24/10/2011). Assim, apesar de muitas afirmações negativas, há uma constante vontade de ainda acreditar no amor, há sempre a esperança de que o próximo seja o verdadeiro. Os textos encontrados oscilam entre a falta de credulidade no amor e a esperança de que essa descrença seja quebrada com o surgimento finalmente do amor. Essa oscilação fica bem evidente em dois textos da mesma escritora, Marcela Klimuk ; um, desacreditando diz que “às vezes eu realmente desacredito no amor” (M.K, 05/01/2010); o outro insistindo na esperança após o título *O amor?* Como se questionada sobre seu ponto de vista sobre esse acontecimento diz: “outro dia me disseram que o amor é idiota. hoje caio me disse que amor é falta de QI. e eu ainda acredito no amor” (M.K, 12/09/2010).

CAPÍTULO IV

ELEGIAS AMOROSAS: O MOTIVO DO LUTO E O LUTO COMO MOTIVO

Segundo Freud em seu livro *Introdução ao narcisismo* (1914), o amor ou a escolha do par romântico se dá enquanto doença narcísica. Isto significa que a necessidade de ter um par romântico é a de encontrar aquela pessoa que lhe complete de uma perda que ocorreu na infância e que antes de acontecer a criança tinha a sensação de ser completa. Essa necessidade de completude pelo par amado foi revelada em alguns textos das blogueiras analisados no capítulo anterior. Como se percebeu, ao encontrar uma pessoa para suprir essa falta, a quem o ego idealiza, este irá sentir-se completo e onipotente de tal forma que não consiga mais delimitar fronteiras entre si e o objeto amado. O homem apaixonado, assim, sente que ele e seu amado são uma pessoa só. Então, ao separar-se deste par amoroso, é, novamente, uma parte de si que morre, é a volta ao estado de falta ou de abandono a que Freud se refere (FREUD, p. 22-35, 1914). Visto assim, o sentimento amoroso tem ao mesmo tempo o poder de retirada de um sofrimento que parece ser natural à existência e a certa devolução ao estado de sofrimento; antes pela falta, depois pela perda: “o amor nos tira da merda mas depois nos devolve pro mesmo lugar” (M.K, 07/04/2012), este texto de Marcela Klimuk foi citado no capítulo anterior para falar dos sofrimentos amorosos e se encaixa perfeitamente como exemplo do que Freud fala sobre o amor e o fim do amor. Este sentimento que surge como solução à primeira perda da onipotência do ser humano, mas que ao ser destruído devolve a pessoa ao estado de falta, que traz sofrimento.

Observou-se nas análises dos textos das blogueiras que se exige muito do amor. Cobra-se dele felicidade e segurança individuais, corroborando aqui a tese de Freud apresentada acima. Essas exigências, que geram grandes insatisfações, por não serem facilmente correspondidas, somadas à maior liberdade para novas conquistas e ainda à constante esperança de que outra pessoa possa ser aquela que cumpra com suas exigências amorosas, proporcionam términos constantes de relacionamentos. Surge, pois, nesses términos, o luto amoroso. Um relacionamento pode durar 3 meses, 2 anos, ou 15 anos, não importa o tempo, quando se cria um afeto entre pessoas, o não ter mais aquela companhia que por um tempo teve significa uma perda.

Em seu livro *Luto e Melancolia*, Freud diz que o luto é uma reação à perda de algo de valor ao ego, ao eu. Esta perda pode ser pela morte física de algum ente querido, mas também pode ser a perda de “alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido,

como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante” (FREUD, 1917, p. 01). Este segundo tipo de perda, que não é pela morte real de uma pessoa, nos possibilita falar de um luto amoroso, ou seja, um luto pela perda de um objeto amado e desejado, ou pela perda de um objeto amado idealizado. O luto pelo fim do amor, pelo fim de um relacionamento, pela perda de um par amoroso, a perda de alguém que, mesmo ainda vivo, não pode mais responder aos seus desejos libidinais. Ninguém, segundo Freud, abandona uma posição libidinal de boa vontade, é preciso que, aos poucos, após a percepção da realidade de que o objeto não existe mais, o ego retire a libido desse objeto para que possa finalmente ficar desimpedido para uma nova posição libidinal, e só assim apaixonar-se novamente.

A retirada da libido de um objeto, como se pode imaginar, não é fácil e existem processos para se chegar à conclusão do trabalho de um luto. Nas palavras de Freud, “O luto afasta a pessoa de suas atitudes normais em relação à vida, mas este afastamento não é patológico, e normalmente é superado após certo tempo sendo inútil e prejudicial qualquer interferência em relação a ele” (FREUD, 1917, p. 01). Neste tempo há algumas ações que podem proporcionar o desligamento do enlutado em relação ao objeto de desejo que não existe mais. A intensa evocação das lembranças relacionadas ao objeto é constante neste processo, o que sugere o prolongamento, pelo tempo do luto, da existência do objeto: “Cada uma das lembranças e expectativas isoladas através das quais a libido está vinculada ao objeto é evocada e hipercatexizada, e o desligamento da libido se realiza em relação a cada uma delas” (FREUD, 1917, p.01). Esse prolongamento do objeto perdido, a constante e intensa ação de lembrar os momentos com o outro ou as características do outro é maneira de ir aos poucos se desvinculando do mesmo. Efeito similar ao de repetir uma palavra até que esta se dispa de sentido, se vista de vazio.

Ao dar o título ao capítulo buscou-se, por meio das narrativas elegíacas que envolvem a perda amorosa, analisar a temática do luto presente nesses escritos das blogueiras, assim como revelar o tema do luto como motivação literária e essa escrita motivada pelo luto como forma de superação do mesmo. Há um conceito criado por Freud muito interessante nesta escrita para superação do luto que é o da sublimação que pode ser resumido como a ação criadora que proporciona ou defesa ou alívio para sensações dolorosas. No processo do luto, a sublimação em forma de escrita funciona como maneira de desvincular a libido do ego do objeto amado e perdido, além de possibilidade de externar o sofrimento como forma consolativa ou defensiva como já dito acima. Faz-se necessário enfatizar, entretanto, que apesar da apresentação da teoria psicanalítica de Freud como ponto de partida para o capítulo, não é a intenção fazer um exercício psicanalítico utilizando o texto das escritoras blogueiras

desta pesquisa como suporte, mas o contrário, a teoria de Freud ajudará numa maior compreensão dos textos destas escritoras quanto à escrita elegíaca amorosa.

Algo importante ao realizar o trabalho do luto é a consciência da realidade da perda, isto é, para que a morte do relacionamento, ou a morte do amor seja superada faz-se necessário que o enlutado aceite que o outro não mais está. Nisso reside um dos problemas da perda relacionada ao amor. É de consciência de todos que um dia morreremos, e quando há a morte física de alguém querido, o teste da realidade nos mostra logo que esta pessoa não está mais entre nós, mas quanto ao amor recusa-se a aceitar a sua possível finitude já que, ainda influenciados pela maneira romântica de encarar o amor, coloca-se neste sentimento uma confiança de eternidade, uma confiança de certeza em que nos apoiamos até mesmo contra o medo de nossa própria morte. Além disso, o fato de o amor ser um sentimento, algo não palpável, por mais que exista o ser amado e palpável, dificulta ainda mais a aceitação de seu fim. Tem-se no romantismo esta esperança do amor sobrevivente à morte física. Além do mais, sendo o amor algo não palpável, como já dito, pode ser difícil aceitar racionalmente sua morte, principalmente em relacionamentos em que, apesar da falência amorosa, os envolvidos continuam juntos. Em texto de 13 de janeiro de 2015 para o blog “Diário do centro do mundo”, o escritor Fabio Hernandez explica de maneira muito clara este problema no luto amoroso:

Essa é a parte bonita: o nascimento do amor. A parte dura é a outra: o tempo de morrer. Você não quer acreditar. Você finge que tudo é igual. Você pratica a forma suprema da mentira: mente para você mesmo. Era para sempre, não era? E quando enfim você admite interiormente que o amor morreu, a dor é tanta, tanta que você resiste pateticamente a dar curso prático a essa admissão e terminar o caso. E então o que se vê são finais dolorosos de amores que morreram já há um bom tempo.

A morte amorosa, como pode ficar claro, se dá não somente com a separação física do casal e muitas vezes os envolvidos evitam este teste de realidade e continuam em uma relação já morta. É o que o texto *Isso não é literatura* de Layse Moraes lamenta:

Somos frágeis. Nos perdemos no meio de tanta sede, tanta insatisfação. A vida, os filhos, a rotina, a falta de vontade, o cansaço, o trabalho, a falta de sintonia. Nada me parece tão triste do que casais que não se falam e nem se olham nas mesas de restaurantes. E eles existem aos montes, pra esfregar na cara dos casais-ainda-felizes, brincando de mostrar a comida já mastigada pro outro ou tentando colar a colher no nariz, que é esse o destino deles. Um

vazio gigante e profundo do lado de alguém que um dia você chamou de amor. (L.M, 12/10/2011)

Outra questão ao tratar de um relacionamento desfeito, um laço desfeito entre duas pessoas que continuam existindo fisicamente, é a da possibilidade de um reatamento de laços entre essas mesmas pessoas. Mesmo que o próprio relacionamento signifique uma perda irreparável, a consciência dessa possibilidade pode resultar num prolongamento ou inacabamento do luto, como no texto publicado em setembro de 2008 de Sara Castillo em que a voz narrativa ao dizer que “– até hoje me visto pra te ver” (09/2008; grifo meu) revela conscientemente a insistência dela própria em guardar a possibilidade de um reencontro, ou uma insistência em viver por um Outro que não mais corresponde às suas posições libidinais, isto é, novamente, a recusa do fim do amor. Ainda neste texto é interessante notar a presença do símbolo do travessão, que indica a fala, é como se ela não estivesse apenas pensando alto, mas falando realmente como se acreditasse que o destinatário da fala a pudesse ouvir, intensificando a recusa do fim do amor, como se ela pudesse fazer algo ou dizer algo que resgatasse tudo novamente. O texto do dia 23 de novembro de 2011, intitulado como numa comprovação da persistência da lembrança de um Outro como *Dia 23*, de Marcella Klimuk também deixa claro essa insistência da memória da outra pessoa numa constância temporal: “dia 23: parece que todo mês terá esse dia em que você insiste em mim” (23/11/2011). Ainda outro texto demonstra esta obstinação em retomar um relacionamento já acabado, “é sempre por setembro que sinto falta de nós dois” (A.Z, 08/12/2009), a palavra ‘sempre’ demonstra a sensação de eternidade e de impossibilidade de se desvincular desse passado, a palavra ‘falta’ distingue bem este voltar ao passado de uma simples lembrança boa, já superada, para um desejo de estar com o outro, necessário para o “nós dois”. Todo esse texto se volta para a possibilidade de um reatamento, ou pelo menos pela possibilidade de um esclarecimento para o fim do relacionamento; o título *Se agora eu pudesse dizer tudo o que eu quero* também demonstra alguma esperança por meio da fala confessional de que dessa vez dê certo: “eu explicaria que, sim, eu tenho muita certeza, que estou te esperando, que vai dar tudo certo dessa vez.”, ou mesmo de um acerto de contas, uma compreensão necessária para que definitivamente o amor acabe: “eu diria que agora entendo tudo, todos os motivos pra não termos dado certo, mas que não falaria àquela hora, não valia a pena doer tanto assim. eu falaria: eu sei tudo” (A.Z, 08/09/2009). Tanto a esperança de um reatamento, quanto a insistência em dar um motivo maior ao fim do amor que realmente justifique o não estar mais junto, demonstram uma resistência ao aceite do fim do amor.

Podemos ver nessa recusa parte do processo de hipercatexização a que se refere Freud, como foi apontado no início deste capítulo, pois que nesta recusa já há uma intensidade em querer preservar o ‘morto’ mesmo que mentalmente, e nestes casos também pela escrita. Também, esta insistência é narrada como algo de possível volta por talvez não ter sido o amor enterrado devidamente. Carolina Pires revela esta relação entre luto mal vivido e insistência na memória do objeto perdido em seu texto *Uma ausência. Ou duas*. Neste texto, Carolina Pires deixa em evidência, apesar da afirmação de superação de luto pela própria palavra “superado”, um desvio desse processo: “O fato é que eu tenho existido muito, superado paixões sem medo e quase sem dor” (01/04/2012); deste texto, é interessante enfatizar dois detalhes, o plural em ‘paixões’ e a afirmação de superação quase indolor, o que sua fala sugere não é realmente a superação, mas sim um passar por cima sem reflexão sobre o fim. Em tempos de efemeridades amorosas, como o capítulo anterior mostrou, não há um único amor em uma vida— por mais que esse ideal seja desejável— mas amores, “paixões”, assim, em laços que se fazem e desfazem constantemente e em velocidade, substitui-se uma dor por perda amorosa por outra paixão, também para não sofrer, corroborando de certa forma o que diz Elisabeth Badinter sobre a atual inabilidade ao sofrimento durativo no seu livro *Um é o Outro*, já apresentado no capítulo anterior em que diz que “Nosso ideal de domínio e de desabrochar não pode acomodar-se por muito tempo com sentimento tão doloroso.[...] se as promessas de sofrimento devem vencer os prazeres, preferimos nos desligar” (p. 280, 186). Voltando a Freud, não se vive o processo de luto sem dor, sem sofrimento, assim, se não há o distanciamento do mundo, o lento processo de desvinculação da libido, o luto talvez não se finalize. Fazendo um parêntese para trazer um texto de Marcella Klimuk sobre esse sofrimento não tão suportado nos dias de hoje, sofrimento, a que então, se foge para seguir em frente, a blogueira diz que: “é o jeito que a gente encontra de viver: enterrar vivo o nosso amor” (25/08/2011). Ignorar a perda, ou fingir que não há ou houve um sentimento enquanto sua sombra ainda significa, ou seja, o pular o processo do luto, pode ser figurado em uma expressão bem conhecida: “tapar o sol com a peneira”. Um luto velado não é um luto superado, e esse luto não vivenciado pode ser também um motivo de insistências de recaídas amorosas.

Alamir Aquino Corrêa em seu artigo sobre o luto de Barthes tendo por base seu livro “Diário de luto” em que Barthes escreve fichas quase diárias sobre como vai se sentindo após a morte de sua mãe, traz uma fala interessante sobre a reconstrução do sujeito, do eu, reconstrução que pede necessariamente o enfrentamento do luto a que as vozes narrativas dos textos até agora analisados demonstraram pouco interesse:

A tarefa do luto encontrável nessa obra de Barthes atinge possivelmente o nível mais absoluto da consciência de um eu, aquele constituído por um dilema fundamental entre a vida e a morte da mãe, é um discurso de aceitação da própria morte, pois que irreconciliáveis a memória e a ausência. [...] Essa passagem, a tarefa do luto, dolorida, é não pelo morto que já não mais é, mas por precisar compreender o que foi e o que precisa ser. (CORRÊA, 2012, p. 30)

Assim, o luto amoroso é processo também de reconstrução do sujeito que perdeu, que ficou sozinho. É, depois de ter-se construído pela presença do outro, reconstruir-se sem a presença do outro. Tentando uma escrita em que demonstre facilidade em lidar com a vida pós-relacionamento, mas que parece mais revelar o caráter fatídico dessa situação, a saber, o continuar, a voz narrativa do texto *What if* da blogueira Larissa diz o seguinte: “pode ir sem me explicar como eu faço se eu te perder, porque eu acho que eu já sei e é bem fácil na verdade: continuo” (20/11/2009). O questionamento dessa facilidade no lidar com a perda pode também vir do tom de tentativa de demonstração de indiferença quanto ao parceiro que vai embora, pelo título já percebemos que a personagem se prepara para a possibilidade da perda, como se esta estivesse prestes a acontecer a qualquer momento e ela tivesse que se preparar antecipadamente para lidar com a ausência, e é o que faz. Já em outro texto de publicação anterior a esse citado acima, de título que questiona a eternidade de um laço *pra sempre (?) meu*, Larissa narra essa dificuldade de ser depois da partida do outro: “eu continuo sendo sua, porque eu nem sei ser de outro jeito” (L.R, 08/11/2009). Há, nesta afirmação e em todo o resto do texto, uma recusa de reconstrução de si, bem parecida com a recusa do luto, com a diferença de que aquela recusa sequer aceita a realidade da perda, do ter de viver sem: “A sua jarra vai sempre continuar lá, dentro da minha geladeira, assim como vão existir cento e cinquenta coisas suas aqui dentro de mim: inevitável” (12/13/2009). Não podemos deixar de ver a estreita relação entre esses dois textos de Larissa, o texto “What if” parece ser resposta direta deste “pra sempre (?) meu”. Nestes dois textos podemos ver o processo pelo qual passa a personagem em vista de uma perda amorosa, primeiro vem a negação da possibilidade de vida após esta perda ao dizer que:

eu também nunca me imaginei viver sem você, porque até agora você era meu e olha, se você for embora eu só sei que vai doer de um jeito que eu não sei nem explicar como vai ser porque é uma dor que eu nunca senti. e olha, eu não quero saber. porque deve ser alguma coisa bem perto de morrer ou de perder um braço. ou perder o corpo todo. (L.R, 08/11/2009)

Logo depois, em texto de 20 de novembro de 2009, após algum tempo a lidar com essa possibilidade da perda, outro pensamento: “Foi quando eu descobri que ficar

sem você não é como perder o braço direito, ou o esquerdo, ou qualquer parte que seja do meu corpo.”.

Por mais que a aceitação venha, antes é a recusa do fim. Como diz Freud, o ego não retira sua libido de um objeto de desejo de bom grado, isso significaria aceitar que um amor que se certificava como ‘verdadeiro’ – adjetivo que se busca sonhadamente no amor – acabou. Há a recusa, ou sofrimento, inclusive em supor que o sofrimento da perda acabará, pois que significaria a não veracidade ou sinceridade do sentimento que um dia significou a vida de alguém, como ficou claro no texto “uma tristeza tão grande nas coisas mais simples que você tocou” de Ana Luiza :

E assim esse exagero de cada despedida, essa sensação de que nada nunca vai ficar bem de novo de que passado e futuro foram despedaçados esse enjoo só de pensar que um dia tudo isso vai passar, que vai ficar tudo bem, que você vai esquecer e vai seguir. (A.Z, 01/02/2012)

O que mais chama atenção neste lamento de fim de relacionamento no texto de Ana Luiza, não é somente o fim deste relacionamento, mas algo maior, o fim do amor. O fim de um sentimento divinizado demais e que se pede imortal, mas que o fim do relacionamento, ou as constantes decepções amorosas apontam como finito. É o saber que este sofrimento todo vai acabar e se esse sofrimento acabar é porque o amor terá também acabado, e é o que a voz poemática do trecho acima parece não querer aceitar, enquanto ama pensar que este amor não vai mais existir. É aceitar a inevitabilidade do fim em qualquer relacionamento apesar das juras de amor eterno, é aceitar a lógica que o texto de Layse Moraes traz: “De alguma forma – ela não sabe e mal consigo explicar também – as coisas se perderam. Foi isso. Aconteceu o que geralmente acontece com os amores incuráveis: eles acabam se curando” (L.M, 27/05/2011). Mas então, “O que faço com as certezas que tínhamos, as certezas deixam de ser certezas algum dia?” (M.K, 19/09/2010), diz a voz no texto de Marcella Klimuk. Aceitar o fim do amor é aceitar a instabilidade, aceitar que certezas não existem, que a segurança é ilusão, é estar perdido e só no mundo, o texto de Klimuk continua assim: “(tenho medo de voltar a ser um indivíduo totalmente independente num mundo vazio e mau)” (M.K, 19/09/2010). Talvez por isso a constante recusa em aceitar ser sem o outro, em aceitar o fim do amor mesmo um não se reconhecendo mais no outro, mesmo o outro indo embora.

Sara Castillo, sobre o fim de um relacionamento, generaliza em sua escrita que: “todo final me emociona: choro por cinco horas, durmo por três dias e bebo por tempo

indeterminado” (outubro/2008), depois dessas palavras a voz narrativa parece ironizar este sofrimento, como se esse não fosse sincero e termina dizendo: “a grande verdade é: não se fazem mais happy ending como antigamente. é tudo um tanto patético, com amor&ironia”. O primeiro trecho citado deste texto de Sara Castillo se parece com uma receita pós-término de relacionamento, como se essa situação fosse tão comum quanto um resfriado qualquer. O que faz parecer que sofrer, ou guardar luto por muito tempo já não faz mais sentido, já não é coisa tão séria, talvez por uma besteira guardar luto por um relacionamento falido já que são inúmeros os relacionamentos falidos e não um só, como demonstra outro texto de Sara Castillo: “sinto dentro de mim/ resquícios de outros meses [...] quanto amor que não vingou, meu deus.” (S.C, outubro/2010). Esses “resquícios” a que se refere o texto de Castillo podem ser lutos mal vividos na esperança aflitiva demais em encontrar o amor verdadeiro, ou em substituir uma dor por um amor, ou por não dar a devida importância a uma perda.

Como afirma o texto de Corrêa citado anteriormente, essa reconstrução de si e da vida é necessária para que se continue e volte às atividades normais da vida. Há, sem dúvida, o tempo de afastamento das ações cotidianas no processo de luto, como postulado por Freud, mas no luto não patológico há um reatamento com o mundo. Há dois textos das blogueiras muito interessantes em que se descreve este processo que envolve o perder e se reabilitar novamente à vida. Nesses textos, o de Ana Luísa GR, de título bem sugestivo “O fim já está aqui - outro começo também” com um narrador em terceira pessoa descreve a feitura entre figurativa e real de uma mala por uma personagem feminina, o que sugere um deslocamento. O de Rafaella Coury, intitulado “We Used To Wait”, narrado em primeira pessoa, apresenta-se mais como um relato de uma experiência de vida, narrando um momento seu em que perdeu muitas coisas, entre essas um relacionamento. Neste momento de perdas a voz do texto de Rafaella Coury revela insegurança e esperança de que essas perdas fossem temporárias e que essas coisas assim como “ele” voltariam pra ela. Esse texto confessional com caráter de relato de superação de etapas da vida termina com uma conclusão positiva sobre o que sobrou, ou o que nasceu ou renasceu de sua identidade.

O interessante desses dois textos é a escrita de um retorno que precisa antes de uma vivência consciente da perda, que lide com a perda de maneira a enfrentá-la, enfrentamento da dor e do vazio da falta, mas como algo a ser deixado para trás em algum momento. Esse enfrentamento, no texto de Ana Luísa GR, acontece mesmo tendo de voltar a lembranças desagradáveis e agradáveis, mas numa espécie de reviver mentalmente tudo o que se passou para poder deixar este amor no passado e seguir, bem parecido com o conceito de Freud de hipercatexização necessário à superação do luto:

Tudo pronto. A mala pesa mais do que ela esperava. É. Talvez houvessem mais coisas lá dentro que ela gostaria de lembrar. Quem sabe lá no fundo, embaixo da toalha ou dos lençóis não houvesse uma caixinha com amor. E se fosse mesmo amor, ela sabia que quanto mais ela voltasse, mais esse amor se transformaria em saudade até ser saudade por inteiro. Tudo pronto. Ela está pronta para voltar à vida. (A.S, 13/02/2011)

No texto de Rafaella Coury há também um retorno, mas o enfrentamento das perdas, enfatizando aqui a de seu relacionamento, a perda d“ele” – “Basicamente, tudo o que eu tinha como certo na minha vida estava mudando. E rápido. Meu relacionamento [...] Esperei ele voltar” (R.C, 15/07/2012) – foi mais por uma impossibilidade de não enfrentar, mais por uma imposição das próprias perdas, que uma aceitação da normalidade delas. Das esperas confessou que muitas não vieram, mas outras vieram, não nos revela quais voltaram, menos ainda nos informa sobre “ele” que aparece no texto como apenas mais uma perda, mas nos confessa, como se aliviada e satisfeita, sua mudança derivada dessas perdas eternas ou temporárias:

Esperei ele voltar, esperei as coisas irem se encaixando. Esperei ter coragem, esperei ter forças, esperei ter feito as decisões corretas. Esperei uma carta, esperei um vôo, esperei uma ligação, esperei um abraço, esperei um sorriso. Algumas vezes, eles nunca chegam.

Um ano depois, me surpreendi ao ouvir essa música novamente e ver que algumas coisas chegaram. Coisas que eu queria e esperava; e coisas inesperadas e surpreendentemente boas. Coisas que sonhei e desejei; e coisas ruins que tentei evitar, mas chegaram mesmo assim.

Um ano depois, com todas essas coisas que chegaram, muitas coisas mudaram. E todas elas acabaram me mudando também. Por ter esperado, por ter chorado, por ter sorrido, por ter permitido que me surpreendessem, eu acabei mudando. Eu não sou mais aquela que era em julho de 2011. E hoje, agora, eu gosto disso. (R.C, 15/07/2012)

Até o momento foram abordados textos em que as perdas e os enfrentamentos das perdas eram vividos pelas protagonistas das narrativas, todas personagens femininas. Fugindo a esse padrão de escrever na voz feminina, foram encontrados dois textos em que a perda do homem e do Outro é a relatada. Em um caso foi narrada pela própria protagonista mulher o desejo de reatamento por parte do Outro que é o homem, e em outro caso, talvez ainda mais interessante, o narrador recebe a voz de um homem. Foram poucos os textos com voz masculina nos escritos dessas mulheres, e sabendo que de fato foi escrito por uma mulher, este texto será também trabalhado como uma escrita que fala do outro e neste caso, do luto do Outro.

Na data de 14/04/2011, Deborah Pimenta publicou um texto em que a voz narrativa revela uma inesperada visita de um antigo amor que demonstra ser também um ex-amor. O texto começa apresentando seu sentimento em relação a esse Outro com o verbo no passado “amei”, e logo em seguida reforça a ideia de não estar mais ligada amorosamente a esta pessoa ao dizer que quando “o cara que causou o fim do nosso romance” quebrou suas certezas o fim de seu sentimento amoroso foi definitivo. O interessante é que a narradora se esforça para deixar claro sua falta de sentimento tanto de ódio quanto de amor por esta pessoa, mas não deixa de demonstrar certo desconforto com esta presença. Ela diz que “A dor maior, foi que ele veio para cá resgatar o nosso amor. E tudo o que conseguiu foi carregar de volta um amor só dele” (D.P, 14/04/2011). Esta fala pode nos parecer, antes de seguirmos em frente na leitura, que a narradora, aquela que parece ter superado a morte de um amor, sente pena da pessoa que a ama e que essa dor talvez venha da tentativa de supor o sofrimento do Outro. Todavia, continuando a leitura, constatamos que o sofrimento não é pelo Outro, mas novamente – outro texto aqui apresentado mostrou algo bem parecido – por algo considerado maior, o sentimento amoroso, pelo fim do Amor, com letra maiúscula. Ao dar-se conta de que não pode corresponder ao amor do Outro a quem um dia amou começa a sentir algum sentimento de culpa por “desperdiçar” – palavra usada por ela – oportunidade tão importante na vida:

Não há nada mais triste do que um amor que morreu. Você procura toda aquela beleza que coloria seus dias e não a encontra mais. O sentimento se foi. Agora todos aqueles momentos felizes tornaram-se apenas lembranças, que não poderão mais ser reais. Há um impulso de salvá-lo. Quem te ama surge com o coração em uma bandeja, oferecendo-o de volta e de bom grado a você, mas tudo o que encontra é o silêncio ecoando de volta. Um amor não correspondido é um amor desperdiçado. É uma história não vivida. Um espelho que reflete somente o vazio. E você não quer perder aquela chance. Quantas pessoas buscam por isso todo santo dia? Está ali, na sua frente, apenas esperando que você estenda um sorriso e sele com o olhar. Mas você permanece emudecido. Amaldiçoa a injustiça dos desencontros da vida. Abaixa os olhos, sem coragem de encarar o calor daquele sentimento dedicado todo a você. Mantém um braço de distância entre os dois corpos. E sente que não é mais capaz de corresponder a aquilo tudo. Aquilo que um dia foi a razão do seu despertar e o momento mais ansiado da sua rotina. Então você desfere o golpe de misericórdia, esperando que o mundo desmorone a sua volta. Mas nem isso acontece. O mundo apenas continua girando, indiferente à sua pequena tragédia. (grifo meu. D.P, 14/04/2011)

Esse Outro, que não recebe voz no texto, parece surgir com uma proposta de fazer viver novamente algo que já, obviamente, estava morto, finalizado; parece vir com a proposta de ressurreição, mas para isso, precisa a vontade de dois. A verdade é que não se

pode propor uma ressurreição, não há vida após a morte, ou ao menos, não há a mesma vida após uma morte. O que pode existir é o nascimento de um romance outro, com as ‘mesmas’ pessoas, mas outro. A proposta do Outro que retorna é exatamente que o relacionamento de agora seja diferente daquele que morreu, seja melhor, que tenha saúde para durar, que, portanto, seja outro. Entretanto, vendo-se impossibilitada de proporcionar a ressurreição ou renascimento de sentimento tão desejado, como a narradora mesmo acentuou, esta se sente como se negasse o direito à vida a outro, ao amor e, de tal forma, sente-se culpada. A perda do outro acaba se tornando sua perda também, mas uma perda outra que não a passada para superar o luto por esta pessoa.

A narradora que depara esta figura do Outro, vale dizer, já não é a mesma de antes de conhecê-lo, e nem a mesma durante a vida que teve junto a esse outro. Dessa forma, não há o que reatar, se sua libido foi retirada deste objeto, e se reconstruiu sem esta representação, não faz sentido corresponder ao que o outro lhe pede. Ainda sim a culpa, como se tivesse cometido um aborto amoroso.

O segundo texto sobre a perda do Outro nos revela algo bem interessante por ser construído na voz masculina. Ao intitular seu texto de “Bianca”, Larissa Januário acaba dando importância à personagem feminina, mesmo que esta não tenha voz no texto, e, principalmente, por esta ser no texto, pela voz masculina, apenas ausência e saudade. Neste texto, pôde-se ver com mais ênfase a necessidade da escrita como ação para superação do luto assim como para conforto do sujeito que sofre. Larissa faz neste texto uma simulação de gênero na escrita, ou seja, simula a voz do sexo oposto, do sexo masculino, numa tentativa de desvendar ou criar o luto e o sofrimento do Outro, possivelmente em uma busca de conforto em saber que não sofre sozinha. Para que esta afirmação faça sentido, antes de trazer o texto de Larissa, é necessário um trecho de Barthes, que está em seu livro “Fragmentos do discurso amoroso”, sobre o *Lembrado*. A situação que Barthes nos apresenta é encontrada no romance epistolar de Goethe, Werther:

LEMBRADO. O sujeito apaixonado se imagina morto e vê a vida do ser amado continuar como se não houvesse acontecido nada.

1. Werther surpreende Lotte e uma de suas amigas batendo papo; elas falam com indiferença de alguém que está morrendo: “E no entanto [...] se você partisse hoje, se você se afastasse do círculo deles? [...] Teus amigos sentiriam, quanto eles sentiriam o vazio que a tua perda causaria no destino deles? por quanto tempo?...” Não é que eu imagine que vou desaparecer sem deixar saudades: a necrologia é certa: é porque eu *vejo*, através do próprio luto, que eu não nego, a vida dos outros continuar, sem mudança; eu os vejo perseverar em suas ocupações, seus passatempos, seus problemas, frequentar os mesmos lugares, os mesmos amigos; o que lhes enche a existência em

nada mudaria. Do amor, absurda assunção da Dependência (preciso demais do outro), surge cruelmente a posição adversa: ninguém precisa mesmo de mim. (BARTHES, 1988, p. 138)

O que o texto de Larissa parece buscar é, pela escrita do sofrimento do outro, saber-se lembrado, e saber-se importante. O ego parece não só não querer aceitar o fim do amor, mas também não gosta de se supor esquecido. Como que um deleite para a alma, sabendo que o Outro também está sofrendo:

Eu não gostava dela, não. Mesmo. Eu não estou nem ligando se ela resolveu ir embora e me largou aqui. Foi até bom, tem mais espaço no nosso apartamento. e não tem aquela mania estúpida que ela tinha de ficar deixando a calcinha no registro do chuveiro. Agora o chuveiro é só meu. Posso até mijar lá e ficar tudo fedendo a xixi que ninguém vai reclamar. Ninguém. Principalmente a Bianca e aquela voz irritante dela. Aquela mania de levantar a sobrancelha toda vez que eu fazia alguma coisa errado. [...] Nunca mais. Agora eu só faço o que eu quero. Agora não tem Bianca cabelos ruivos, sorrisos e laços, brincadeiras. Agora, eu posso fazer tantas coisas.....só que eu não quero fazer nada. E eu gostava dela, sim. E muito. (L.R, 08/03/2008)

Não que a personagem ausente do texto seja a própria Larissa, ao que sabemos o nome dessa personagem é Bianca. Mas de certa forma, há como que uma necessidade da construção de um sofrimento não só feminino, não só da apresentação da mulher que sofre pelo abandono, mas um conforto por criar um homem que também sofre. Ao criar um homem que sofre pela ausência da mulher, a própria mulher ganha em importância. O saber-se fazendo falta acrescenta ao ego alguma grandeza, e, de certa forma alguma onipotência que pode levar à sensação do não precisar do Outro, para conseguir seguir sem o Outro. Nesta sensação de onipotência pode haver ainda um tom de vingança, que também pode ser parte do processo do luto; sentir-se vingada.

Expondo de maneira mais íntima a relação entre luto e escrita, Lila apresenta um poema em que busca a escrita da ausência como impossibilidade para a própria escrita. O texto parece tentar uma denúncia, jogar no outro a culpa da sua impossibilidade de ação: “Sem ódios e ressentimentos/ Me despeço, então, daquela vida/ Que eu costumava levar/ Minha única ressalva/ É que tu/ Além de parte de mim/ Roubaste/ A minha escrita/ e a voz pra cantar” (L.L, 15/05/2011). Ao usar o vocábulo “Roubaste” fica difícil aceitar que a voz do poema realmente está sem ódio nem ressentimentos em relação ao outro, à perda do outro, assim, é novamente mais um cinismo, ou uma tentativa de enganação de si própria em relação à superação da perda; como numa repetição de um mantra, ou naquela mentira que se

conta até que se acredite, para conseguir definitivamente superar esta perda, superar o trauma. No momento da escrita, como já dito sobre este texto, percebemos que a superação não é sincera, ainda existe a falta. Essa situação da lida com a falta e a impossibilidade de voz é registrada também no artigo, já citado, de Corrêa: “Essa sensação é talvez a mais complicada no enfrentamento da morte, quando o deixado se vê a contemplar o vazio, a ausência, a não presença.” (p.34, 2013). O outro não está, e se não está, como a própria voz do poema enfatiza, há uma falta dela mesma; se naquela “vida que eu costumava levar” o eu e o outro se construía reciprocamente, com a dissolução do laço, cada parte perde alguma coisa de si que era feita do outro. Há, não se pode negar, a escrita, há o texto, mas este não extrapola a denúncia, ou a constatação da falta que a silencia.

Sara Castillo, também expondo a relação entre escrita e sublimação, em seu texto muito mais como tentativa de desvincular-se do objeto amado e perdido, numa tentativa de ser novamente sem o outro, escreve: “quando ele me deixou, parei para pensar naquilo que eu chamava de nossa vida [...] aí me veio uma ideia: primeiro sofre-se, depois escreve-se por vingança”(S.C, 01/03/2014). Ao falar em luto amoroso, precisa-se ponderar sobre circunstâncias que podem não estar presentes normalmente no luto por morte física de alguém amado. Neste luto, o enlutado é sempre o deixado e se o é, exceto em caso de suicídio, não é por vontade própria daquele que deixou, por talvez não mais aceitar estar vivo, isto é, geralmente a morte não é uma fatalidade de escolha própria. No luto amoroso pode ser diferente, a pessoa enlutada pode ser aquela que foi deixada pelo objeto de desejo, mas pode ser também aquela que deixou o seu objeto de desejo, já que, como Freud mesmo diz o ego não aceita a fácil retirada da libido de um objeto mesmo quando outro possível objeto de desejo já está sendo vislumbrado, e podemos pensar neste objeto como sendo tanto outro parceiro amoroso, quanto a liberdade. Assim, voltando ao texto de Castillo, podemos acentuar, a princípio, duas passagens: “me deixou” e “escrever por vingança”, essas duas frases possibilitam cogitar que este ato, ou este desejo de vingança parece ser decorrência do abandono. Mais uma vez a escrita como maneira de superação do luto. Vários teóricos descrevem, em divergências e semelhanças, o processo do luto, não temos a intenção de aqui adotar alguma teoria como verdade, mas é interessante dizer das várias possibilidades de um processo de luto, principalmente tendo em vista que cada pessoa enfrenta a perda de uma forma. Trazendo novamente o artigo sobre o luto de Barthes, Corrêa nos apresenta algumas teorias sobre o luto:

Em James William Worden (1991), as fases do processo do luto são: aceitar a realidade da perda; trabalhar a dor advinda da perda; ajustar-se a um ambiente em que o falecido está ausente; transferir emocionalmente o falecido e prosseguir com a vida. Já Catherine M. Sanders (1999) estabelece os seguintes passos: choque; consciência da perda; conservação-retirada; cura; renovação. (CORRÊA, p. 53, 2013)

Como foi possível notar, a raiva e a vingança não são apresentadas nestes processos. Entretanto, por mais que não seja algo comum, a raiva pode ser componente possível de um luto por morte física. Neste mesmo texto de Corrêa, nos é apresentada a raiva como parte do luto de Barthes. Por diferentes motivos dos de Barthes, essa raiva a que se refere Castillo como geradora do desejo de vingança parece ser muito mais fácil de vislumbrar em caso de perda amorosa, principalmente no caso daquele que foi deixado, ou, talvez, palavra ainda mais apropriada para esta situação, abandonado. Essa vingança, como mesmo foi dito pela voz narrativa do texto em questão, busca ser efetivada pela escrita. Se buscarmos pelo próprio texto essa vingança, já que a voz do texto a deseja pelo texto mesmo, buscando neste desejo de vingar-se uma raiva que mais se aproxima do despeito, vemos que ela se concretiza entre essas duas frases que propomos inicialmente enfatizar. Pela linguagem, ao falar “naquilo que eu chamava de nossa vida”, ao trazer o termo ‘naquilo’ referindo-se à relação amorosa que ficou para trás, pode-se entrever certo descaso, indiferença ou até mesmo desprezo por este relacionamento e conseqüentemente por aquele que a deixou, o que finalizaria para a voz narrativa seu momento de vingança.

Só pela palavra ‘vingança’, entretanto, é de se notar que a mágoa passada ou a indiferença, por mais que escritas, não são verdadeiras. O fato de escrever sobre a superação do luto ou da perda, externar a dor ou o término de um luto, não significa necessariamente que esses tenham chegado a um fim. Pode ser apenas uma ação do processo do que Freud diz ser a retirada da libido do objeto de desejo pelo enlutado. Processo que pode também não finalizar ou ser de uma duração muito longa, como vimos em textos que narram certa esperança ou insistência na memória de um objeto amado.

O escrever sobre o Outro que não mais está, trazer no texto as lembranças do Outro, as insistências em afirmar a superação pela perda do Outro, a insistência em desvendar os problemas na relação, já morta, com o Outro, é um processo do luto. Fixar-se em cada memória daquele que já não é e registrar as impressões do pós- perda é o que se pode chamar de uma sublimação pela escrita: é uma perpetuação do morto ao mesmo tempo que é um desligamento do morto. Perpetuação, porque ao trabalhar com estes textos como elegias amorosas, textos que falam da perda e da ausência, essas “percepções elegíacas criam uma

ficção, uma possibilidade de estarmos com o morto quando ele já não é” (CORRÊA, p.37, 2013); desligamento, porque é por este processo de querer prolongar a existência do objeto perdido que aos poucos o enlutado vai se desvinculando do morto.

O que a escrita elegíaca dessas escritoras pôde revelar, além desses aspectos de ficcionalizar pela ausência, ou pela perda, ou de vivenciar o luto usando a sublimação pela escrita, é uma discrepância proporcional entre quantidade de términos de relacionamento e capacidade de superar esses términos. Claro que cada perda é única e seria superficial acreditar que quanto mais se perde menos se sofre, mas o que é visível, no caso da escrita dessas mulheres, não é a falta de sofrimento, mas a dificuldade em querer acreditar no fim de um amor. Seus textos são marcados por uma tristeza ao constatarem cada vez mais distância do amor que almejam, aquele considerado verdadeiro. É ainda uma necessidade de encontrar O amor ideal, amor que vai parecendo como privilégio “de todos menos meu”, por acreditar que um amor que acaba não pode ter sido amor. No fim das contas, ainda uma obsessão romântica.

CONCLUSÃO

A escrita de autoria feminina sobre temas relacionados ao amor e aos sentimentos amorosos não se esgota em como escrevem as mulheres sobre esse sentimento e se se igualam ao que os homens, ou mesmo mulheres do passado reproduzindo a escrita dos homens, já escreveram sobre as mulheres diante do amor. Atualmente, com várias mulheres escrevendo e debatendo sobre a escrita de autoria feminina o questionamento volta-se também para se a mulher deve ou não escrever sobre o amor. Algo que muitas vezes parece transparecer em textos, principalmente comentários, sobre mulher e escrita é que ambas estão ligadas intimamente e indissolavelmente ao amor. Desta forma, mulher não escrever sobre o amor parece um desafio e a demonstração de superação da necessidade de ser o objeto de amor de alguém, o que significa um passo a mais na autonomia feminina. Pensando assim, escrever sobre o amor pode ser um demérito à mulher. Sobre essa íntima relação entre mulher e escrita do amor, há um texto publicado no site Obvious de Mônica Montane sobre uma escritora Nobel de Literatura. No título do texto diz o seguinte: “Szyborska: A prova de que as mulheres não escrevem somente sobre o amor”. Não querendo tecer de forma alguma uma crítica à escritora que não escreve sobre o amor, mas sim ao tratamento dado por Montane a uma mulher que não usa esse tema para produzir textos literários, esse desmerecimento implícito nas falas da autora do blog deixa transparecer que é realmente um demérito à mulher escrever sobre o amor. Durante seu texto diz o seguinte:

Há quem diga que as poetisas são demasiado passionais e por isso privilegiam o amor, o desamparo e o desejo carnal na hora de escrever versos. Pois a polonesa Szyborska está aí para desfazer esse mito. Ela escreve sobre a assombrosa experiência de existir sem saber como o fazer e sobre a estranha condição humana. Alguns de seus poemas são pequenos tratados filosóficos. (MONTANE, 2014, OBVIOUS)

Ao dizer que não é verdade que as mulheres são exageradamente carentes de amor, parece ter a intenção de defendê-las de alguma mentira que parece ser muito contada. Ao justificar sua fala com o exemplo de Szyborska que escreve sobre a condição humana e que seus textos são “pequenos tratados filosóficos”, como se sobre o amor não se pudesse filosofar, o estigma feminino é ainda mais reforçado.

Muitos filósofos e muitos escritores literários escreveram sobre o amor sem que esse tema tenha desvalorizado sua escrita. Se aos homens foi dada a permissão de criar sobre tal tema, não deveria ser diferente às mulheres. A temática amorosa foi durante muito

tempo colaboradora da existência de um estereótipo feminino submisso ao homem por sua carência e passionalidade em exagero. Isso não pode, entretanto, significar que as mulheres não podem escrever sobre o amor, ao contrário, esse tema deve ser escrito e reescrito pelas mulheres já que foram, de certa forma, reprimidas por ele. Também sobre essa questão fala Clara Averbuck:

Me cansa bastante ver as pessoas criticando a produção de mulheres com temática romântica. Já é difícil criar, já é difícil escrever, já é difícil conseguir transpor as barreiras do preconceito de ser mina. Tudo é difícil. Quando um homem produz algo com essa mesma temática, ninguém questiona a qualidade, ninguém diminui. Todos ficam maravilhados com a sensibilidade do artista. Quando é feito por uma mulher, é, bom, “coisa de mulherzinha”. Meio ridículo, não? (AVERBUK, 2014, CONFEITARIA.MAG)

A fala de Averbuck não se volta a um problema inexistente; ainda se nota o preconceito contra a escrita da mulher, e ainda o estereótipo de indivíduo feito unicamente para o amor, ou principalmente para o amor, pesa sobre a mulher. Por isso, escolher não falar sobre o amor, pode parecer um ato transgressor. Sim, pode ser, mas falar de amor mesmo com esse preconceito que ronda o feminino, pode também ser um ato transgressor. Como denuncia a fala de Averbuck, já é difícil escrever sendo mulher, mesmo hoje, e desvalorizar a fala de uma mulher por usar a temática amorosa é continuar na diminuição do valor da voz feminina em detrimento da voz masculina, mesmo, e, principalmente, quando elas falam sobre o amor.

Sobre a escrita de mulheres em blogs, Luiza Lobo disse que encontrou um mau comportamento tanto referente ao modelo de escrita quanto ao próprio conteúdo. Em suas palavras:

Os blogs representam uma total rebelião contra as normas de escrita elevada. Abolem as regras do bom estilo, das normas gramaticais, da ortografia, do vocabulário cuidado, como as do bom comportamento e a divisão das tarefas domésticas e externas, trabalho e lazer, que a sociedade tradicional espera que o gênero feminino perpetue. Através do mau comportamento, as mulheres exercem sua liberdade na casa e na rua – pelo menos no mundo virtual. [...] as moças optam pela exibição do grotesco, do mau gosto, do comportamento antimatrimonial [...] com os seus ousados blogs, as bas-bleus de hoje desconstroem a imagem de moça bem-comportada.[...] As moças fazem o que fazem os rapazes, e não sentem culpa disso. (LOBO, 2007, p. 79 – 81)

Mesmo que se diferenciando em alguns aspectos linguísticos das blogueiras analisadas por Lobo, pois mostram um cuidado maior com a linguagem, as escritoras

analisadas neste trabalho mostraram também em muitos momentos o desejo de transgressão em relação ao que se espera de uma mulher. Falam de sexo abertamente, confessam o desejo sexual e a necessidade de sexo, demonstram independência econômica, confessam o uso exagerado de bebidas alcoólicas e fazem também o uso de palavras de baixo calão. Então, já não se narram como moças bem-comportadas e não demonstram importância ao modelo feminino recatado e puro; demonstram ter a mesma liberdade sexual que os homens e em nenhum momento deixam escapar algum sentimento de culpa por isso. Em todos os seus textos também, vale ressaltar, eles se colocam como protagonistas de suas ‘histórias de amor’; não se apagam em detrimento da figura do Outro, ao contrário é o Outro que se apaga, quase sem rosto, quase sem figura nos textos dessas blogueiras. Entretanto, apesar de refletirem sobre o amor, questionarem os padrões e até mesmo confessar o desejo de não precisar de um amor como o fez Sara Castillo: “minha vaga existência sempre se resumiu à simples ideia de não precisardeninguém” (S.C, 08/2009), todas as escritoras demonstraram em seus textos alguma idealização em torno do amor, alguma expectativa de algo bom e de salvação da vida. Ainda uma idealização amorosa, uma obsessão romântica, como diz o final do quarto capítulo deste trabalho.

Este trabalho iniciou-se com uma suposição de que a escrita que iria ser encontrada nestes blogs era a mais subversiva possível, a mais distante do amor romântico possível. As análises dos textos, entretanto, revelaram que ainda não, o amor romântico parece estar mais internalizado em nossa sociedade que se acredita. Há, como também há nas personagens do romance *Verão no aquário* de Lygia Fagundes Telles, uma fascinação pelo amor romântico que entra em choque com a maior liberdade que hoje têm as mulheres.

Mais que revelar alguma mudança na escrita, que sim, existe, apesar de o amor romântico ainda ser o buscado, a primeira intenção deste trabalho foi a de dar valor e visibilidade às mulheres que estão publicando seus textos em blogs assim como trazer alguma discussão sobre a escrita neste meio virtual. É maravilhoso perceber o número de mulheres escrevendo e valorizando o que escreve a ponto de publicar em um canal completamente acessível a um público muito maior que o público de livros impressos. O próprio ato de a mulher creditar valor no que se tem para contar é um ato transgressor. As falas de Lena Dunham, que já foram registradas neste trabalho, mas há a necessidade de reforçá-las, corroboram a afirmação do período anterior:

Não há nada mais corajoso para mim do que uma pessoa anunciar que sua história merece ser contada, sobretudo se essa pessoa é uma mulher. Por mais que tenhamos trabalhado muito e por mais longe que tenhamos chegado, ainda existem muitas forças que conspiram para dizer às mulheres que nossas preocupações são fúteis, que nossas opiniões não são relevantes, que não dispomos do grau de seriedade necessário para que nossas histórias tenham importância. Que a escrita pessoal feminina não passa de um exercício de vaidade e que nós deveríamos apreciar esse novo mundo para mulheres, sentar e calar a boca. (DUNHAM, 2014, p. 17)

É comum, hoje, ouvirmos falar que a mulher já conquistou seu espaço e que por isso a igualdade já existe. No meio literário isso não é diferente. Há sim muitas mulheres que escrevem e publicam livros, há maior reconhecimento dessas escritoras. Não se pode dizer, entretanto, de igualdade de reconhecimento. O estudo de Dalcastagnè revela isso. As mulheres ainda são minoria no mercado editorial. Por isso, apesar do espaço alcançado para a publicação, apesar de ter conseguido permissão para a escrita esse espaço não deve ser encarado como suficiente, não deve ser encarado como igualdade de voz. Há que se considerar também que a quantidade de publicação não significa a mesma quantidade de leitores. A mulher ainda não alcançou esse espaço verdadeiramente e sua escrita é ainda escrita de minoria, e por isso, como ressalta Dunham, uma escrita corajosa.

REFERÊNCIAS

Obras citadas

- AVERBUCK, Clara. *Máquina de pinball*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002.
- ALENCAR, José de. *Lucíola*. São Paulo: Ciranda Cultural Editora, 2006.
- AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Abril, 2010.
- AZEVEDO, Aluísio de. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 1992.
- BADINTER, Elisabeth. *Um é o Outro: relações entre homens e mulheres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: F. Alvez, 1988.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BINS, Patrícia. *Janela do sonho*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BORGES, Maria de Lourdes. *Amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2004.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil- 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2005.
- CORRÊA, Almir A. O luto interminável: Barthes e a presença ausente. *Revista Anpoll*, v.1, nº 33 pág. 29-53, 2012.
- CORRÊA, Regina H.M.A.. Leitoras e escritoras: uma viagem pelo ciberespaço. *Outra travessia*, Florianópolis, Dossiê especial, v.1, pág. 161-172, 2011.
- DALCASTAGNÊ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea- um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012
- DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.
- DUNHAN, LENA. *Não sou uma dessas*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. In: obras completas vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras. Disponível em: < <http://ideiaeideologia.com/wp-content/uploads/2012/10/freud-sigmund-obras-completas-cia-das-letas-vol-12-1914-1916.pdf>>

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade- sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: editora da UNESP, 1993.

GOTLIB, Nádia Battella. A literatura feita por mulheres no Brasil- In: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L. (org). *Refazendo nós ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2003. Cap.1, pág. 19-73.

LANCELMIM, Aude; LEMONNIER, Marie. *Os filósofos e o amor – De Sócrates a Simone de Beauvoir*. Rio de Janeiro: Agir Editora, 2009.

LINS, REGINA Navarro. *A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2007.

LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOBO, Luiza. *Segredos públicos: os blogs de mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LUFT, Lya. *As parceiras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

MORÁVIA, Alberto. *1934*. Rio de Janeiro: Riográfica, 1986.

NABUCO, Carolina. *A sucessora*. Rio de Janeiro: Ediouro, (s/d).

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Maria Luísa*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2006.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Org.) *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

ROUGEMONT, Denis de. *O amor e o ocidente*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

SCOTT, Ana Sílvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: ___ *A nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

SIBILIA, Paula. *O show do eu- a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Antônio de Pádua Dias. *Ainda sobre a escrita feminina: em que consiste a diferença*. Interdisciplinar, Sergipe, ano 5, v.10, pág. 29-43, 2010.

SILVA, Izabel Carvalho da. *A construção da identidade da personagem Conceição na obra O quinze de Rachel de Queiroz*. Anais do Seminário Nacional Literatura e Cultura, São Cristóvão, vol.1, 2009.

SIMON, L. Carlos. *Duas ou três páginas despreziosas*. Londrina: Eduel, 2011.

STENDHAL. *Do amor*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

TELLES, Lygia Fagundes. No princípio era o caderno; In: ____ *A disciplina do amor*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. Pág. 14-15.

_____. Mulher, mulheres; In: _____ *Durante aquele estranho chá*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

XAVIER, Elódia. O corpo invisível. In: _____ *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina; In: _____ BONNICI, T; ZOLIN, L.O. (org). *Teoria literária: abordagens históricas tendências contemporâneas*. Maringá: EDUEM, 2004.

WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Obras webgráficas:

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A intrusa*. Disponível em < http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/a_intrusa.pdf >

AVERBUCK, Clara. ADEUSLOUNGE. Disponível em : < <http://adioslounge.blogspot.com.br/> > Acesso em 17 de outubro de 2015.

_____. Facebook < <https://www.facebook.com/averbuck?fref=ts> > Acesso em 17 de outubro de 2015.

_____. O romance e o protagonismo das mina. Disponível em: < <http://confeitariamag.com/claraaverbuck/o-romance-e-o-protagonismo-das-mina/> > Acesso em 17 de outubro de 2014.

HERNANDEZ, Fábio. *Diário do centro do mundo*. Disponível em: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/aprender-a-lidar-com-a-morte-amorosa-e-uma-das-maiores-conquistas-que-alguem-pode-fazer-na-vida/> > Acesso em 14 de janeiro de 2015.

LEONE, André de. Entrevistas. Disponível em < <http://vicentemiguel.wordpress.com/entrevistas/> > Acesso em 4 de novembro de 2014.

MONTONE, Mônica. A prova de que as mulheres não escrevem somente sobre o amor. In: OBVIOUS. Disponível em : < http://lounge.obviousmag.org/monica_montone/2014/05/-szymborska-a-prova-de-que-as-mulheres-nao-escrevem-somente-sobre-o-amor.html > Acesso em 17 de outubro de 2015.

REBELLO, Janaina Fernandes. A multiplicidade de enfoques sobre o amor na narrativa brasileira. Tese (Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. Disponível em < <http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/RebelloJF.pdf> >

Blogs estudados:

Ana Luiza: < <http://sombraesonho.blogspot.com.br/>>

Ana Luísa GR: < <http://novavelhaestoria.blogspot.com.br/>>

Carolina Pires: < <http://carolinapirescampos.blogspot.com.br/>>

Deborah Pimenta: < <http://pedradosapato.wordpress.com/>>

Larissa: < <http://meuuniversonopapel.blogspot.com.br/>>

Layse Moraes: < <http://coracaononsense.blogspot.com.br/>>

Lila: < <http://obradaincompletude.blogspot.com.br/>>

Marcella klimuk: < <http://tudoquevocenaosoube.blogspot.com.br/>>

Nanda Mota: < <http://trivialidadesdavidia.blogspot.com.br/>>

Rafaella Coury: < <http://oquecontinua.blogspot.com.br/>>

Sara Castillo: < <http://www.castzilla.blogspot.com.br/>>